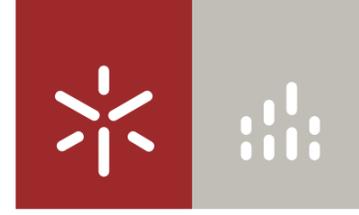




André Gonçalo Oliveira Saraiva

Campo Intersticial:
Narrativas sócio-espaciais da
(des)conexão em Ponte de Lima

Universidade do Minho
Escola de Arquitectura





Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

André Gonçalo Oliveira Saraiva

Campo Intersticial:
Narrativas sócio-espaciais da
(des)conexão em Ponte de Lima

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura
Ramo de Conhecimento: Cidade e Território

Trabalho efetuado sob a orientação da
Arquiteta Cidália Maria Ferreira da Silva

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

*"Era uma colher de açúcar e três de prazer
Num acontecer de maternidade numa caneca quente
Que adoçava a disposição para o 'até amanhã' ."*
Virtus (2012)

Agradecimentos

À minha avó, por tudo, pelo chá de cidreira ao anoitecer, pelas experiências que me proporcionou e pelo orgulho que certamente tem em mim por ter alcançado esta etapa. Um beijinho cheio de saudades do teu *Rei Herodes*.

À Margarida pelo apoio e carinho incondicional, pelo amor, pelo conforto e por ser o meu porto de abrigo ao longo desta jornada maravilhosa.

Aos meus pais, pelo esforço em criar as condições necessárias para que pudesse correr atrás dos meus objectivos, colocando sempre as minhas necessidades à frente das deles.

Aos amigos que me acompanharam ao longo deste percurso, dentro e fora da universidade, pelas partilhas e pelas gargalhadas que gravaram na minha memória.

Ao ChussoBAR, só eu sei o quão preciosa foi a ajuda que me ofereceram.

À professora Cidália por aceitar partilhar este desafio comigo, pelo apoio, dedicação e, sobretudo, pelos ensinamentos que me transmitiu durante o desenvolvimento desta investigação.

A todos que me apoiaram, e continuarão a fazê-lo, um muito obrigado!

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

RESUMO

O presente trabalho aborda a estrutura urbana de **Ponte de Lima**, a partir das ações e apropriações das **crianças** nos espaços da vila. Pretende-se perceber de que forma se desenvolvem as relações espaciais e temporais, utilizando o ato de **brincar** infantil enquanto metodologia de conexão entre os lugares vivenciados.

Através das **narrativas sócio-espaciais** investigadas pretende-se representar e comparar a integração da criança na rotina comum da vila e os modos de apropriação do espaço público. A dissertação é estruturada em três capítulos a saber: **Reminiscências da infância** apresenta a infância do autor enquanto metodologia de exploração do território, demonstrando a autonomia e capacidade de ligação e interação inculcada pelo ato de brincar; **Perspetivas do presente** recolhe as narrativas das crianças, da escola 1, que habitam atualmente a vila e as relações e apropriações que as próprias criam no território; finalmente, **Conectar**, explicita as diferenças temporais e espaciais da criança na apropriação do espaço público da vila, com o objetivo de estimular a potencialidade de conexão entre lugares e pessoas, ativando as rotinas infantis e estimulando a vivência do território de Ponte de Lima.

O método de investigação traçado compara as narrativas espaciais do autor e seus amigos com as crianças que habitam atualmente na vila de Ponte de Lima, permitindo assim identificar a transformação sócio-espacial da vila, tendo como agente central a criança. Desta forma, pretende-se ressaltar a relevância do papel da criança na sociedade, e no questionamento do espaço público e respetivas dinâmicas.

ABSTRACT

The present dissertation addresses the urban structure of **Ponte de Lima**, based on the actions and appropriations of **children** in the town spaces. It is intended to understand how the spatial and temporal relations develop, using the act of child's **play** as a methodology of connection between the lived places.

Through the investigated **socio-spatial narratives** it's intended to represent and compare the integration of the child in the common routine of the village and the ways of appropriation of the public space. The dissertation is structured in three chapters: **Reminiscências da infância** presents the author's childhood as a methodology of exploration of the territory, demonstrating the autonomy and capacity of connection and interaction instilled by the act of playing; **Perspetivas do presente** collects the narratives of children from school 1, who currently inhabit the town and the relationships and appropriations they create in the territory; Finally, **Conectar** explains the child's temporal and spatial differences in the appropriation of the village's public space, with the aim of stimulating the potential for connection between places and people, activating children's routines and stimulating the experience of Ponte de Lima territory.

The research method traced compares the spatial narratives of the author and his friends with the children currently living in the town of Ponte de Lima, thus allowing to identify the socio-spatial transformation of the town, having as its central agent the child. Thus, it is intended to emphasize the relevance of the role of children in society, and in questioning the public space and its dynamics.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	15
Enquadramento da investigação	18
Metodologia	20
Estado da arte	22
Capítulo I. REMINISCÊNCIAS DA INFÂNCIA	31
O território	35
Ponte de Lima	39
Reminiscências da infância	47
o espaço interior	51
a periferia do prédio	55
o espaço da vila	61
Capítulo II. PERSPETIVAS DE PRESENTE	69
primeiro contacto	73
a manhã	77
a tarde	79
diálogo individual	85
caso de estudo - sujeito I	90
caso de estudo - sujeito II	94
caso de estudo - sujeito III	98
caso de estudo - sujeito IV	102

caso de estudo - sujeito V	106
caso de estudo - sujeito VI	110
mapa geral	113
Capítulo III. CONECTAR	119
<i>primeira parte</i>	
espaços do autor	125
espaços das crianças	131
espaços da criança - passado e presente	135
<i>segunda parte</i>	
espaços conectores	136
campo de jogos	139
largo da Lapa	143
paço do Marquês	147
síntese dos espaços conectores	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
Referências Bibliográficas	162
Índice Iconográfico	166

INTRODUÇÃO

Introdução

Campo Intersticial: narrativas sócio-espaciais da (des)conexão em Ponte de Lima procura refletir sobre a habitabilidade e vivência dos espaços da vila, focando-se no papel da comunidade, através de métodos de observação de rotinas e comportamentos. Utilizando a criança como ferramenta de trabalho, cujo papel pronuncia um fator de relevo no quotidiano da comunidade, procura-se abordar e analisar as rotinas diárias das mesmas, expondo, desta forma, as ações, percursos e espaços apropriados no território. Sendo o ato de brincar um ponto fulcral no desenvolvimento e educação infantil, analisa-se esta atividade e a sua capacidade de interligar espaços.

Através da observação da vila de Ponte de Lima, o autor denotou que a presença da criança no espaço público possuía uma presença ténue relativamente ao período da sua infância, resultando numa desertificação dos espaços compreendidos entre a zona escolar e o centro histórico, demarcando uma desconexão social e espacial do território.

Reminiscência da infância surge como o primeiro passo de investigação e catalisador da análise da desconexão dos espaços da vila, com principal ênfase na criança. Através da retrospectiva e da procura da memória do autor, analisa-se um período da infância do autor, compreendido entre os quatro e os seis anos, onde se procura perceber as atividades desenvolvidas, percursos, modos de locomoção e espaços habitados ao longo do seu dia.

No segundo capítulo, *Perspetivas do presente*, progride-se na análise dos espaços habitados pela criança, alargando o espectro da pesquisa e estendendo-a até às crianças que habitam a amostra durante o decorrer da investigação, procurando entender as suas rotinas e as suas relações com os espaços. Começa, assim, uma série de visitas e sessões de diálogo com uma amostra selecionada de alunos de uma escola do concelho de Ponte de Lima, do qual resultam esboços e mapas dos seus espaços prediletos e dos seus deslocamentos diários.

Deste modo, pretende-se completar um estudo sobre a comunidade infantil limiana, percebendo as suas ações e rotinas através da actividade brincar, os lugares e espaços de Ponte de Lima selecionados por estes, usufruindo das narrativas espaciais descritas por cada aluno.

Conectar reúne os resultados das análises dos capítulos I e II, cruzando e comparando os espaços no tempo. Este ponto confronta o passado, caracterizado pelo autor em criança, com o presente, personificado pelos alunos da escola no concelho de Ponte de Lima, refletindo a importância do brincar e da criança na sociedade atual, aliada aos espaços que ocupa, exaltando fatores que contribuem para as apropriações, no espaço e no tempo, deste grupo.

Assim, ambiciona-se neste terceiro e último capítulo, a potencialização da discussão do ato de brincar como papel fulcral da integração da criança na sociedade ativa da urbanidade, sendo a imaginação, a apropriação informal e o ato de brincar um potencial fator de desenvolvimento cultural e social.

Através deste fator de desenvolvimento, procura-se aliar a evolução da criança ao espaço público comum, permitindo a criação de relações entre as diversas faixas etárias e a conexão recíproca quer dos agentes envolvidos, quer dos espaços habitados, concebendo processos de transformação temporais e físicos em Ponte de Lima e gerando novos estímulos e novas dinâmicas na população.

Em síntese, a presente investigação parte da perspectiva e vivência da criança, no passado e presente, para analisar o seu papel social e espacial de conexão num território específico, a vila de Ponte de Lima.

Enquadramento

Este trabalho procura seguir a metodologia do projeto de investigação intitulado de ProChild CoLab, um laboratório colaborativo com uma ação científica transdisciplinar que possui como objetivo promover uma mudança social em Portugal. Através da investigação e inovação, de tanto meios académicos como profissionais, procura combater a pobreza e exclusão social de crianças com idades compreendidas entre os 0 e 10 anos. ProChild CoLab tem como principal foco de atuação, a criação de projetos de base territorial de modo a fortalecer o carácter social em relação a questões relativas com a pobreza na infância¹ (ProChild Colab, s.d.)

Tal como no caso de Pevidém - Guimarães, onde a ProChild atua, o foco desta associação é projetar um território de aprendizagem, em constante colaboração entre instituições e meios locais, para, desta forma, promover a inclusão da criança na sociedade civil. Através da análise dos espaços habitados pelas crianças pretende-se discutir as melhorias aplicáveis à amostra, podendo assim valorizar a criança como parte integrante da sociedade.

Este projeto possui com principais objetivos:

- Desenvolvimento e gestão de uma pesquisa multidisciplinar e projetos de inovação tecnológica na área de pobreza infantil e exclusão social;
- Desenvolvimento, implementação e avaliação de programas de intervenção e outras ações na área de pobreza infantil e exclusão social;
- Oferta de treino científico para profissionais e outros agentes na área infantil;
- Desenvolvimento de orientação e recomendação para políticas públicas e outras ações de defesa contra a pobreza infantil e exclusão social;
- Desenvolvimento de projetos e outras iniciativas para promover sensibilização e responsabilidade social.

¹ ProChild Colab. (s.d.). Obtido de <http://prochildcolab.pt/>. Acesso em: 20 ago. 2019

Utilizando as premissas de ação elaboradas pelo ProChild Colab, o projeto de investigação Campo Intersticial: Narrativas sócio espaciais da (des)conexão em Ponte de Lima procura explorar, a partir da análise da participação social, a ocupação de espaços dentro da vila de Ponte de Lima.

Esta ocupação incide numa faixa etária específica, a criança, apontando a sua importância no desenvolvimento social e físico da vila, analisando os seus percursos e espaços de permanência, impulsionados pelo ato de brincar. As rotinas sócias espaciais atuais das crianças são confrontadas com a vivência do autor durante a sua infância, tendo como objetivo, compreender as distintas apropriações e interações entre o espaço e as pessoas, de modo a expor a importância da integração da criança no habitar comum do território.

Metodologia

A presente investigação inicia-se a partir da reflexão sobre a vivência do autor na vila de Ponte de Lima, servindo-se da análise in situ como ferramenta essencial ao desenvolvimento deste processo, explorando o quotidiano das crianças dentro desta mesma amostra.

As visitas de campo efetuadas na vila surgiram como elemento desencadeador da investigação, despertando no autor um sentimento de estranheza ao rever os espaços onde brincava completamente abandonados e desertos.

Deste modo, são elaboradas pesquisas e análises mais aprofundadas com o objetivo de perceber o fenómeno que provocou uma desconexão das rotinas da comunidade com a população infantil, empregando como comparação uma amostra do passado do autor, compreendida entre os anos 1999 e 2001, e outra do presente, representada pela geração atual de crianças, com idades compreendidas entre os quatro e os seis anos.

Assim, a presente investigação divide-se em três partes distintas, correspondentes a cada um dos capítulos. Numa primeira parte, Reminiscências da infância, procura-se expor o passado do autor, analisando o espaço interior, a periferia do bairro e o espaço da vila; destacando os primeiros traços de liberdade e mobilidade que lhe permitiram um explorar autónomo da vila, resultando na conceção de mapas que traduzem a sua apropriação de espaços e o seu habitar do território como parte integrante das rotinas da comunidade limiana.

Na segunda parte, Perspetivas do presente, o objetivo será o de perceber o que são as dinâmicas sócio espaciais, em relação à vila de Ponte de Lima, da geração atual de crianças, sendo utilizada como amostra um grupo infantil da escola 1 (a), analisando os seus percursos, apropriações e interações dentro do território.

a. De modo a proteger a identidade dos participantes na investigação, o estabelecimento de ensino frequentado será referido através da designação **escola 1**.

Na terceira e última parte, conectar, serão comparadas as diferentes "pegadas" de modo a entender o que torna tão distintas as realidades das duas gerações de crianças em Ponte de Lima, resultando na criação da base de intervenção sócio espacial que procura reintegrar a criança no habitar comum do município.

Durante o período de janeiro e agosto de 2019, foram realizadas diversas visitas de campo; algumas mais aprofundadas, como a interação e diálogo com as crianças da escola 1, das quais resultam mapas da análise realizada, outras com durações e intensidades mais ténues, a partir do papel de observador, com o objetivo de confirmar rotinas e ocupações dos espaços por parte da população, resumindo-se em fotografias e apontamentos escritos, denotando-se a estratégia do autor de se distanciar, de forma a não interferir ou alterar o quotidiano dos envolvidos.

Visitas de campo

janeiro e fevereiro. primeiras deambulações: percorrer dos espaços da vila, reencontrar memórias da infância; início a partir da casa do autor, na via Foral Velho Dona Teresa, descendo até ao centro histórico; reunião com representantes da população.

março e abril. segundas deambulações: marcação e visita aos espaços que marcaram a sua infância. primeiros mapas de localização e registos fotográficos.

maio. caminhar como reativar da memória: procura de recriar percursos que o autor fazia durante a sua infância, entre os anos de 1999 e 2001.

junho. seleção de uma amostra: realização de um exercício na escola 1, refletindo sobre os espaços habitados, a partir da qual são selecionadas seis crianças, de forma a comparar a infância do autor com a de uma geração mais recente. criação dos mapas pessoais das crianças selecionadas, onde se expõem rotinas do dia-a-dia e espaços preferidos.

julho. caminhar através das perspetivas apresentadas pela amostra selecionada: perceber as rotinas das crianças envolvidas na investigação; o porquê das deslocações e dos espaços selecionados.

agosto. observar: confirmar rotinas e fluxos de espaços selecionados pelas crianças, usos e apropriações.

Estado da arte

No presente trabalho, a explicação científica faz-se a partir da exploração de três pontos-chave: a memória, a criança na cidade, e a exploração da amostra selecionada. Estes pontos refletem as principais incidências da investigação, que se serve da memória para recuperar a infância do autor, procurando restabelecer as rotinas do seu passado enquanto criança em Ponte de Lima. A temática da criança na cidade proporciona, ao autor, ferramentas de análise e interpretação dos comportamentos sociais das mesmas para com o espaço. E a exploração da amostra selecionada permite aprofundar o conhecimento das características espaciais e sociais do espaço estudado.

A Memória

A memória e o espaço possuem uma relação de interligação, o que torna impossível separá-los, sendo que o ser humano habita espaços onde experiências e ocasiões diárias ocorrem.

"Seja um espaço encerrado ou aberto, um quarto ou uma floresta, quando se relembra essas experiências, o espaço que os rodeia forma parte dessa mesma memória. Considerando memória, não só num nível individual, mas, também, num nível coletivo onde indivíduos partilham o mesmo espaço, a memória coletiva de um grupo de pessoas fica inscrita no espaço urbano."

²(Nabhan, 2018, p. 67)

Desta forma, se o espaço mudar a sua configuração, seja através do tempo ou de outro qualquer motivo, a memória torna-se uma ferramenta importante na reconstrução do mesmo. Restaurar a memória de um espaço é um aspeto essencial no processo de construção da malha urbana, onde a memória coletiva lança os alicerces para a renovação.

² Nabhan, N. (2018). Urbicide Perceptions and Reconstruction Strategies in Post-War Socio-Urban Tessitura. The Case of Jobar, Damascus. Guimarães: Universidade do Minho.

Esta ligação entre as memórias e o espaço é explorada através da topoanálise de Gaston Bachelard, remetendo ao processo de estudo do fenómeno dos níveis de intimidade dos espaços, no qual é examinado o papel da casa na memória pessoal. Para o filósofo, a casa é entendida como a personificação das experiências vividas, onde se traça um claro limite com as relações do mundo exterior e onde as pessoas podem estar tranquilas usufruindo da sua intimidade. É um repositório de memórias e imaginação.

*“A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade. Reimaginamos constantemente a sua realidade: distinguir todas as imagens seria revelar a alma da casa; seria desenvolver uma verdadeira psicologia da casa.”*³(Bachelard, 1993, p. 208)

Para Bachelard, o ponto-chave da memória é a forma como pára o tempo, as memórias são suspensas nos momentos em que ocorrem e assim se mantêm em relação ao tempo. Por isso, as memórias são evocadas através do espaço onde ocorreram e não do tempo.

Também em *Landscape and Memory: Historiography, Theory, Methodology*⁴ (2007), Tadhg O’Keeffe afirma que a paisagem é um ponto essencial para lembrar a partir do olhar, avivando as emoções, factuais e sensuais, logo a paisagem não é um subproduto, um resultado da memória. A paisagem é parte integrante da memória, e estas lembranças encontram-se, por natureza, ligadas à configuração espacial.

Maurice Halbwachs, cujos estudos se debruçaram em torno da memória coletiva, explica como as pessoas marcam e se apegam a um lugar como forma de postura e atitude, *“(...) gravam a sua forma de algum modo no solo e recuperam as suas memórias coletivas dentro da estrutura espacial em que se inserem.”*⁵ (Halbwachs, 1992, p. 156). Deste modo, quando as pessoas são sujeitas a algo que obrigue a deslocarem-se para outro local, ou o espaço que habitam seja submetido a alguma alteração, este sentimento de apego é, em troca, interrompido e o que resta é apenas a lembrança coletiva de um espaço outrora habitado.

3 Bachelard, G. (1993). *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes.

4 O’Keeffe, T. (2007). *Landscape and Memory: Historiography, Theory, Methodology*. Em Y. Whelan, *Heritage, Memory and the Politics of Identity: New Perspectives on the Cultural Landscape* (pp. 3-82). Hampshire: Ashgate Publishing Limited .

5 Halbwachs, M. (1992). *The Collective Memory*. Chicago: The University of Chicago Press.

Em *The Social Logic of Space*⁶ (Hillier & Hanson, 1984), Bill Hillier explora esta memória coletiva e a sua relação com a configuração espacial, sugerindo que o significado cultural é formado através do uso habitual do espaço, e a configuração espacial do meio urbano, assim como as interconexões entre as partes da cidade são resultado da compreensão mútua deste mesmo uso. Assim, cria-se uma leitura coletiva de um lugar, demonstrando que o significado cultural é uma parte essencial da memória coletiva de um espaço.

A memória é conectada ao movimento através da configuração de elementos que nos são familiares na cidade, como casas, espaços públicos, e elementos marcantes da paisagem como monumentos ou edifícios.

As imagens criadas por estes elementos são uma forma de construir a memória do espaço da cidade, sendo a partir destas imagens que se formula o mapa mental daquilo que é a nossa cidade. Assim, a capacidade dos habitantes de reconhecer o padrão visual e emocional da cidade é ponto fulcral para elaborar uma memória coletiva, assim como segurança emocional e relações equilibradas entre eles mesmos e a envolvente.

A ligação entre a memória coletiva e a dimensão espacial em que se insere, demonstra que o território comporta-se como uma testemunha física do conhecimento, experiência, história e valores da sociedade que o habita, sendo o património da cidade resultado da memória.

Aldo Rossi em *The architecture of the city*⁷(1982) afirma que os artefactos urbanos, conhecidos como monumentos, são a evidência arqueológica da memória coletiva da cidade, pois realçam a permanência e continuidade das dinâmicas urbanas e, em torno das quais, a cidade se expande. Como a paisagem se encontra em constante mutação, devido à ininterrupta expansão dos centros urbanos, os monumentos caracterizam-se como uma coleção de imagens, memórias e experiências que se fundem com o espaço e são reforçados pelas características dos elementos na paisagem que os rodeiam.

A compreensão da complexidade da relação entre memória e espaço, desde a memória individual de cada habitante até à formulação de uma memória coletiva, é

6 Hillier, B., & Hanson, J. (1984). *The Social Logic of Space*. Cambridge: Cambridge University Press.

7 Rossi, A. (1982). *The Architecture of The City*. Chicago: The Graham Foundation for Advanced Studies.

o passo principal no entender do habitar comum do território, sendo uma ferramenta fulcral no desenvolvimento dos projetos de conexão entre a comunidade que habita determinada malha urbana.

A criança na cidade

A cidade de hoje é lugar de constantes disputas sociais, económicas e políticas, onde o controlo é atribuído aos interesses de quem integra as classes sociais dominantes. Vista como palco de reprodução do capital, legado histórico ou manifestação de práticas culturais e artísticas, a cidade é, também, um fator que intermedia os conflitos entre as classes sociais, favorecendo os interesses de uns, em detrimento de outros. Desta forma, pode-se considerar que a cidade contemporânea é o resultado das metodologias capitalistas empregues na sociedade.

No entanto, e não excluindo a premissa apresentada, a cidade possui igualmente um carácter humano e quimérico onde é possível alcançar uma variedade de ideais de liberdade como chances para o sucesso e maior prosperidade.

*"O lugar onde os desejos podem ganhar forma, onde as pessoas podem se encontrar, onde podem passar e perder seu tempo, encontrar de novo os lugares do passado, preparar o futuro; onde as crianças podem crescer, descobrindo coisas novas, espiando os adultos, admirando os monumentos. Mas também podem aceitar serem corrompidas e apagadas pelos mais baixos desejos de seus habitantes, em geral dos mais poderosos e prepotentes, por suas especulações, seu egoísmo, seus automóveis. Então as cidades apagam os desejos do idoso que quer passear, da criança que quer brincar, do jovem que quer encontrar privacidade e intimidade."*⁸(Tonucci, 2005, pp. 124,125)

O conceito de cidade é explícito nesta dicotomia: um espaço desigual e seletivo, onde os interesses e os poderes políticos e económicos restringem usos e apropriações; e de outro modo, um espaço de oportunidades de desenvolvimento e realização de relações entre habitantes, sobretudo para as classes sociais mais vulneráveis, como é o caso das crianças.

8 Tonucci, F. (2005). Quando as crianças dizem: agora chega! Em P. M. Vicente, Novos Olhares: Uma Leitura da Cidade por suas Crianças. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

*"Essa criança tão distante de nós e tão necessitada da nossa ajuda e do nosso afeto, difícil de ouvir e de compreender, possui em si uma força revolucionária: se estivermos dispostos a colocarmo-nos na altura dela, a dar-lhe a palavra, ela será capaz de nos ajudar a compreender o mundo e nos dará a força para a mudança."*⁹ (Tonucci, 2005, p. 207)

Neste cenário, onde se restringe usos e apropriações e se favorece a mobilidade por meios de transportes individuais, dá-se um afastamento da escala humana e um privilégio maior aos automóveis, com uma ampliação dos seus locais de circulação que contrasta diretamente com a redução de área para os cidadãos, premiando os carros em detrimento dos transeuntes.

Deste modo, selecionando uma forma de gerir a cidade a partir dos fatores do adulto, trabalhador e condutor, prejudica-se os demais cidadãos, restringindo-os a atividades e espaços privados, incluindo-se aqui, sobretudo, as crianças.

A criança dos dias de hoje possui características importantes para o desenvolvimento da urbe e da sociedade, tendo a necessidade de ser ouvida, considerada apesar das suas particularidades e conhecimentos e ser ativa na vida pública da cidade. É ao mesmo tempo produto e produtora de processos sociais, articulando-se com eles, modificando-os com as suas ações, mas, igualmente, transformada e moldada a partir deles.

Torna-se essencial aceder e interpretar as perceções e modos de vida das crianças, a partir delas mesmas, pois estas divergem muito da perspetiva do adulto. A forma como abordam e compreendem determinados assuntos, permite expor fenómenos sociais peçados de vivências, vícios e modos de encarar a realidade, que são essenciais para o habitar comum do território.

Para que as crianças possam exercer o seu direito à integração, as perspetivas sociais devem ser alteradas. Em primeiro lugar, há que se devolver aos jovens o direito ao espaço público e ao brincar como ferramenta de integração na comunidade, o que significa que os passeios, as ruas, as praças e os parques necessitam da relação próxima de todos os habitantes; e as faixas etárias não podem ser separadas por setores na cidade, produzindo uma rotina conjunta das vivências sociais a toda a

9 Tonucci, F. (2005). Quando as crianças dizem: agora chega! Em P. M. Vicente, Novos Olhares: Uma Leitura da Cidade por suas Crianças. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

extensão do território.¹⁰ (Tonucci, 2006, p. 66)

Os espaços devem estar abertos às distintas realidades para que se eliminem as discrepâncias e se criem ligações entre a comunidade de determinada cidade ou vila.

Assim, o ato de brincar pode ser o fator desbloqueador, expondo aquilo que a sociedade deixou de contemplar, eliminando a segregação da criança ao espaço físico do playground, e devolvendo-lhe o espaço coletivo e a oportunidade de participar no habitat social comum da amostra.

A amostra selecionada

"Três léguas ao Nascente da Vila de Viana nas margens do cristalino Lima, de que toma o nome, tem seu assento a nobre Vila de Ponte de Lima, fundada pelos Gregos (ou, como outros querem, pelos Celtas, ou Túrdulos), muitos anos antes da vinda de Cristo, chamando-se Limia, e nos tempos dos romanos Forum Limicorum, que significa Praça dos Límicos." descrição padre Carvalho da Costa, 1ª edição da sua Corografia Portuguesa, 1706.

Ponte de Lima é um concelho do Alto Minho, abrangido por uma parte significativa da bacia inferior do Lima e que se estende até ao Vale do Neiva. É delimitado a norte pelo município de Paredes de Coura, a leste por Arcos de Valdevez, a sul por Barcelos e a oeste por Viana do Castelo.

Utilizando a vila de Ponte de Lima como base de um estudo científico podem ser encontrados diversos trabalhos das mais variadas áreas. Possuindo uma vasta extensão de zona rural no concelho e dada a existência da Escola Superior Agrária, os ensaios debruçam-se, na sua maioria, nas áreas diretamente ligadas ao meio ambiente.

Num artigo publicado em parceria com outros autores, Joaquim Mamede Alonso aborda o tema dos riscos de cheia e inundação da área ribeirinha de Ponte de Lima, onde são explorados os principais impactos, exposição e vulnerabilidade sobre o meio

¹⁰ Tonucci, F. (2006). La ciudad de los niños ¿Por qué necesitamos de los niños para salvar las ciudades? Obtido de <https://presupuestosparticipativos.com/wp-content/uploads/2017/01/08-Francesco-Tonucci.pdf>. Acesso em. 13 set. 2019.

natural e humano.

Dado, também, o forte crescimento do turismo naquela que é denominada como a vila mais antiga de Portugal, os autores Mécia Mota, Paula Remoaldo e Cadima Ribeiro exploram a dinâmica turística de Ponte de Lima, criando novas estratégias e cenários para um desenvolvimento da vila, avaliando as potencialidades da amostra.

Diretamente ligadas à área da arquitetura, surgem as dissertações de mestrado de Joana Nunes e Joana Rocha. No primeiro caso, é observada a zona ribeirinha da vila, desde a Alameda de S. João até à Avenida dos Plátanos. Neste espaço, são implantadas pela autora, estratégias de resolução das dinâmicas sociais e espaciais, desde a reordenação do tráfego, ao completo redesenho da marginal até ao rio.

Na dissertação de Joana Rocha, é analisado um caso concreto, a Casa De Nossa Senhora da Aurora, localizada numa das ruas mais emblemáticas para a população de Ponte de Lima, a Rua do Arrabalde. Também neste ensaio, é explorada a expansão urbana da vila desde a presença do Império Romano.

Desde o século I que o lugar de Ponte de Lima demonstra a sua importância no território minhoto. Sob a liderança do imperador Augusto e com a passagem da Via Romana nº XIX, que ligava Braga a Astorga, é construída a ponte romana, sendo durante muito tempo o único ponto de atravessamento do Rio Lima. Esta ponte transformou-se no maior marco da vila, tornando-se inclusive mote para o nome da mesma.

Deste período, tal como indicado por Joana Rocha (2017, p. 59) *"interessa particularmente perceber aquele que foi o desenvolvimento territorial de uma localidade que começou por se implantar num local de passagem estratégico; onde surgiu um burgo que pela sua localização e capacidade comercial foi fortificado; e que séculos mais tarde, pelo crescimento verificado intramuros, se viu obrigado a destruir as cercas e a espalhar-se no território em torno."*¹¹

Esta expansão dos limites do burgo medieval, devido a transformações sociais, políticas e económicas, toma como direção os caminhos rurais que interligam às freguesias ou concelhos vizinhos, criando uma nova estrutura urbana, onde a distinção entre o centro e os subúrbios é amenizada com a construção de novas

11 Rocha, J. (2017). A Casa de N. S. da Aurora, Ponte de Lima: Análise Histórico-Formal. Guimarães: Universidade do Minho.

casas nobres urbanas, como a Casa de Nossa Senhora da Aurora, e dos respetivos arrabaldes.

A organização da malha urbana que constitui o Centro Histórico traduz as referidas transformações da sociedade, espelhando-se num desenvolvimento não programado, que se terá moldado ao longo do tempo para cumprir as funções essenciais à vida da comunidade, servindo a população perante os diferentes períodos históricos. “(...) *o Centro Histórico é o resultado das ‘estórias’ mais significativas ao longo de vários séculos*”.¹² (Projeto de Delimitação da Área de Reabilitação Urbana: Ponte de Lima, 2011, p. 8)

¹² (2011). Projeto de Delimitação da Área de Reabilitação Urbana: Ponte de Lima. Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima.

Capítulo I. **REMINISCÊNCIAS DA INFÂNCIA**

Introdução

A primeira análise ao território de Ponte de Lima reflete o olhar do autor sobre o local, explorando as rotinas e apropriações de espaços presentes na amostra. Esta pesquisa começa com um debruçar sobre a vivência atual da vila e da população, durante o decorrer do ano 2019, explorando as suas ações no quotidiano.

Ponte de Lima, concelho do Alto Minho, pertencente ao distrito de Viana do Castelo e parte integrante do Vale do Lima é a amostra em foco para esta investigação. A vila estabelece-se como um dos principais concelhos do Alto Minho, possuindo uma rede de serviços e indústria que apoia as restantes freguesias vizinhas. Ponte de Lima afirma-se como um centro na relação que estabelece com os restantes territórios, reunindo locais, visitantes e trabalhadores no dia-a-dia.

Num primeiro ponto, através do caminhar in situ e do diálogo com os representantes da população, procurou-se comunicar as rotinas da vila, percebendo o espaço como uma ferramenta essencial para definir as particularidades da população limiana. Deste modo, o objetivo passou por encontrar rotinas distintas, claramente particulares entre os diversos grupos etários, explorando os aspetos da junção das geografias dos adultos e das crianças num espaço específico¹³ (Jones, 2000).

A forma de apropriação do espaço pela criança distingue-se claramente do adulto, pela informalidade com que são experimentadas as vivências com o envolvente através do brincar: o convívio com a restante comunidade, descontraído e inocente; a proximidade com as superfícies e materiais, formas, cores e texturas são objeto de cuidadosa análise e atenção no desenvolver das atividades infantis. A forma penetrante com que se conectam com o espaço à sua volta, faz com que a criança crie uma ligação muito particular com o espaço, permitindo-lhe crescer e desenvolver novos conhecimentos, através de um domínio gradual do lugar.

Deste modo, o contacto entre a criança e o espaço suscita novas visões e ações, moldando o pensamento e a reação momentânea permitindo maior autonomia e mobilidade à criança.

13 Jones, O. (2000). *Melting Geography: Purity, Disorder, Childhood and Space*. Em S. Holloway, & G. Valentine, *Children's Geographies: Playing, Living, Learning* (pp. 28-47). Routledge.

Na junção desta geografia infantil com a geografia do adulto, denotam-se as primeiras ideias contraditórias e de exclusão social que deturpam o desenvolvimento infantil. As crianças podem ser vistas a partilhar dos conceitos gerados pelos pais, em que o mundo fora de casa é visto como um espaço de risco e perigo¹⁴ (Jones, 2000) como se verifica na análise realizada, e geram visões ambíguas em relação à segurança no espaço do seu território.

As crianças, tal como os adultos com quem convivem, começam a construir medos acerca do que os rodeia: o tráfego automóvel, o perigo do desconhecido, a exposição a drogas; demonstrando assim como a moral do mundo externo assombra o quotidiano e a inocência da criança, provocando limitações ao desenvolvimento da mesma.

Assim, a presença nos espaços públicos por parte da criança é tida com uma sensação de insegurança e desconforto e a descontração do ato de brincar perde a capacidade de apropriação, de vivência e de crescimento, e vê-se remetido a pontos específicos, como os parques infantis, criados pelo município na periferia do centro urbano, fora a rotina diária da comunidade.

De modo a entender as rotinas da população infantil dentro da vila de Ponte de Lima, reflete-se sobre o brincar, o método utilizado de forma tão natural pelas mesmas na utilização dos espaços e nos percursos do seu dia-a-dia, e que lhes permite criar relações de convivência com a restante comunidade.

O ato de brincar demarca-se como ferramenta de inclusão e participação social tornando-se, desta forma, o princípio base fundamental para a presente investigação.

14 Jones, O. (2000). *Melting Geography: Purity, Disorder, Childhood and Space*. Em S. Holloway, & G. Valentine, *Children's Geographies: Playing, Living, Learning* (pp. 28-47). Routledge.

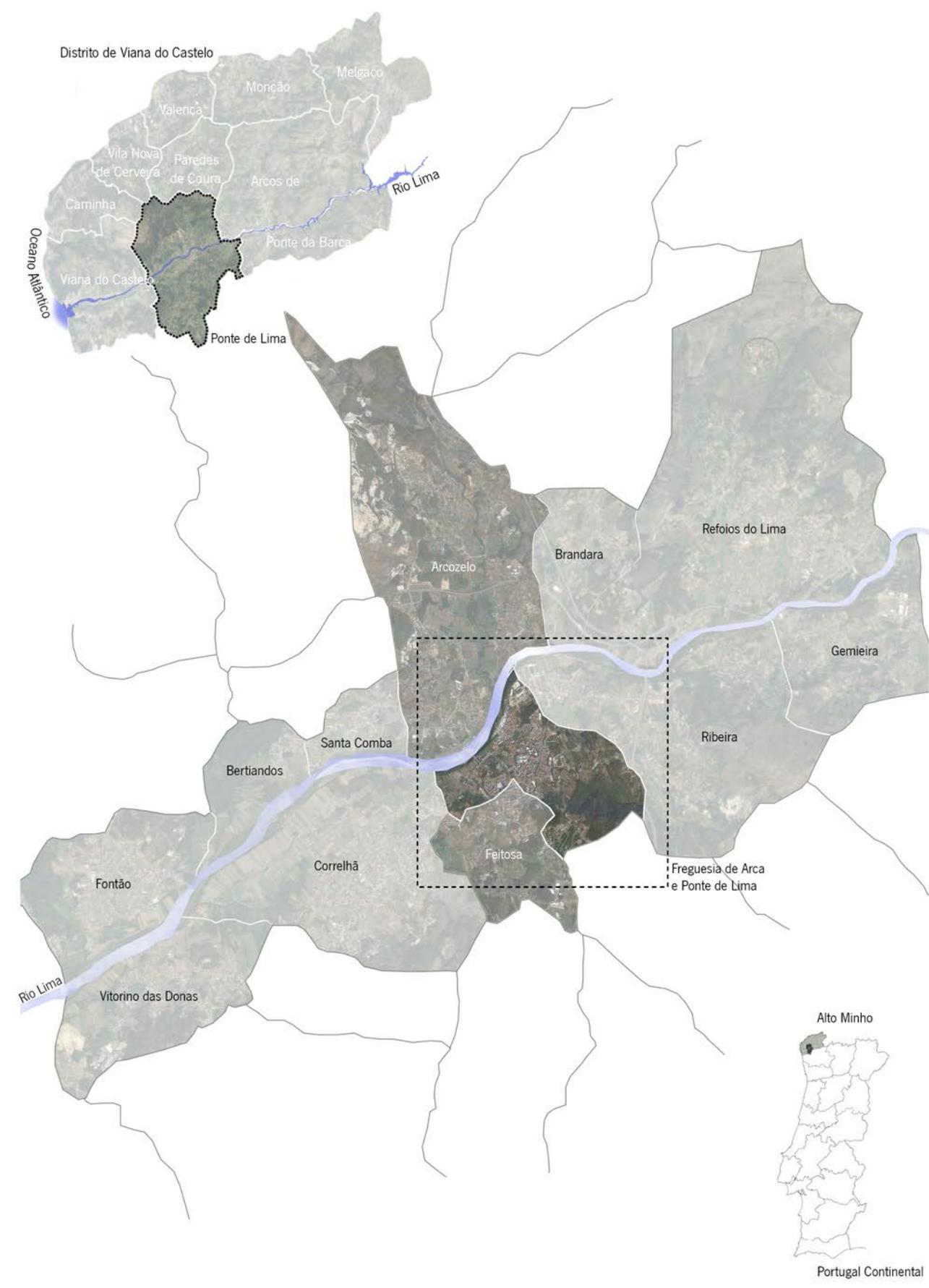


FIGURA 1 - Enquadramento do território em análise

O território

A aproximação ao território estudado, parte de uma análise do geral para o particular, descrevendo a amostra, a partir de representações topográficas, em função das suas particularidades e ações.

O Vale do Lima é o ponto intermédio entre o Grande Porto e a comunidade autónoma da Galiza, possuindo infraestruturas logísticas de relevo, como o Aeroporto do Porto e os Portos de Leixões e Viana do Castelo, e importantes acessibilidades - as autoestradas A3, A28 e A27.

Enquadrado no Vale do Lima, descobrimos a sub-região portuguesa, Alto Minho. Esta sub-região corresponde integralmente ao Distrito de Viana do Castelo, sendo muralhado a norte e leste pela Galiza, a sul pelo rio Cávado e a oeste pelo Oceano Atlântico (Figura 1).

O Alto Minho compreende os concelhos de Arcos de Valdevez, Caminha, Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Valença, Viana do Castelo e Vila Nova de Cerveira, com uma população de cerca de 250.000 habitantes ¹⁵(Censos 2011 Resultados Definitivos - Região Norte, 2012) e encontra-se distribuída por uma área territorial de 2210km².

As cidades constituintes do Alto Minho apresentam uma grande edificação urbana nos seus centros, onde se localizam os principais postos de serviços.

Relativamente à habitação, dada a procura da conservação da história nos centros urbanos, grande parte da população reside na periferia da urbe, onde o território se apresenta como difuso, mesclando áreas multidisciplinares, alterando entre setores de habitação, indústria e agricultura. A malha urbana que conecta as diferentes cidades designa-se como uma rede versátil e fiável, destacando-se a existência de autoestradas, itinerários complementares e estradas nacionais.

Neste território, e visto como um grande eixo de ligação entre as povoações, destaca-se o concelho de Ponte de Lima.

¹⁵ Carvalho, A. (2012). Censos 2011 Resultados Definitivos - Região Norte. Lisboa, Portugal: Instituto Nacional de Estatística, I.P.



..... Limite da freguesia de Ponte de Lima
— Foco de análise





FIGURA 2 - Vila de Ponte de Lima



FIGURA 3 - Fotografia de Rogério Lopes, *Igreja das Pereiras*, Ponte de Lima

Ponte de Lima

Banhada pelo Rio Lima, a vila é denominada de *"Espinha dorsal da rede viária do Entre-Douro-e-Minho"*¹⁶ (Andrade, 1990), ligando a cidade de Braga a Santiago de Compostela, passando por Tui e prolongando-se, no sentido oposto, até ao Porto. Sendo, durante largos séculos, o único ponto de passagem pedestre sobre o rio Lima, tornou-se o ponto de confluência de homens e caminhos, o que originou um grande vínculo com os territórios envolventes, proporcionando uma centralidade de serviços e atividades de apoio às populações vizinhas.

A vila evidencia-se, enquanto aglomerado urbano, como um centro de atividade económica e política aglutinada a uma vivência social intensa e participante¹⁷ (Massapina & Passos, 1994), sendo atualmente a extração de minério, nomeadamente o granito, a mais impactante atividade económica da vila.

*"A Vila de Ponte de Lima, com uma arquitetura tão marcante e plena de vida, produz no quotidiano de um povo, as crenças da época, os ritos e as tradições que marcaram as gentes de Ponte."*¹⁸ (Projeto de Delimitação da Área de Reabilitação Urbana: Ponte de Lima, 2011, p. 9)

A vila serviu de suporte a uma forte expansão urbana que extravasou os limites da muralha do século XIII, e desenvolveu-se ao longo das estradas nacionais, absorvendo os arrabaldes existentes nas ligações a Ponte de Barca e a Braga. Assim, foram criadas novas vias de acesso que levaram a uma grande transformação da área de investigação, surgindo uma nova estrutura urbana que, ao invés de conectar espaços e pessoas, através da sua composição e disposição; levou à sua dispersão e introduziu, no território, novas tipologias de habitação e morfologias que em nada contribuíram para a articulação da malha urbana do centro histórico, condenando-o à desertificação.

16 Andrade, A. A. (1990). Um Espaço Urbano Medieval: Ponte de Lima. Lisboa: Livros Horizonte.

17 Massapina, A. V., & Passos, J. d. (1994). Estudo de Preservação e Renovação Urbana de Ponte de Lima. Em Projeto de Delimitação da Área de Reabilitação Urbana: Ponte de Lima (p. 14). Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima.

18 (2011). Projeto de Delimitação da Área de Reabilitação Urbana: Ponte de Lima. Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima.

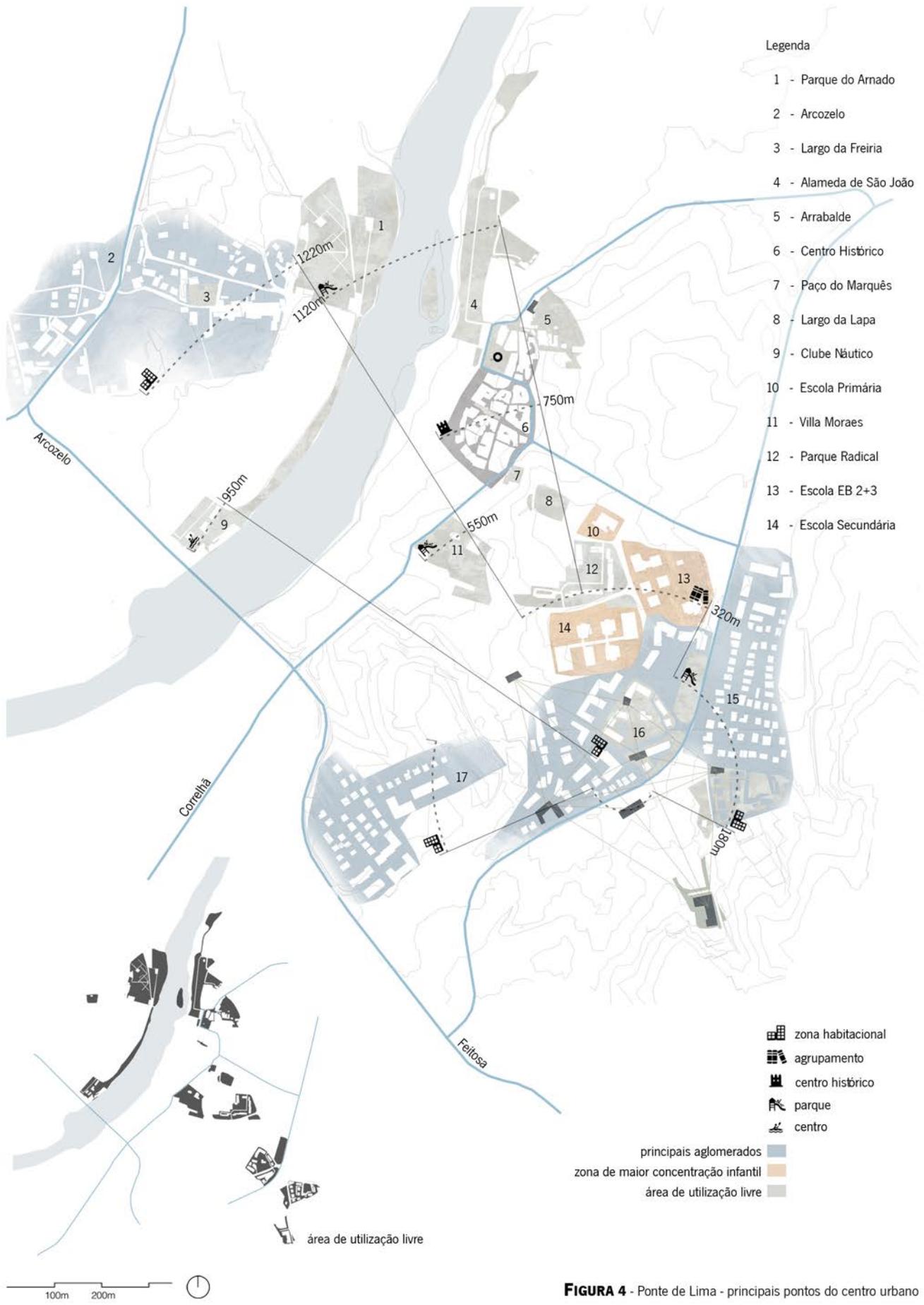


FIGURA 4 - Ponte de Lima - principais pontos do centro urbano

Como estratégia de combate à desertificação, terão sido implantadas ideias-chave para a reestruturação do centro histórico, de modo a exaltar as características do local desde os seus primórdios: *"um espaço económico, onde se concentra grande parte da população, com os seus anseios, a sua cultura e as suas lutas de interesse"*.¹⁹ (Projeto de Delimitação da Área de Reabilitação Urbana: Ponte de Lima, 2011, p. 11)

Das ferramentas definidas para combater a estagnação de um centro económico histórico destacam-se o Plano de Pormenor de Salvaguarda e Reabilitação do Centro Histórico de Ponte de Lima (PPSRCHPL), 1996/1997, cujas propostas incidem: na conservação do património edificado e bens culturais, com a reabilitação dos edifícios devolutos no centro; na renovação do ambiente urbano da área, focando-se no tratamento no programa específico de cada espaço dentro do centro histórico; e na reinserção da população, procurando trazer para o centro histórico a vivência característica de outros tempos.

Nesta renovação do centro da vila, emerge um território ativo onde surgem diversos movimentos associativos que trazem ao município uma panóplia de atividades e serviços. Nas atividades desportivas, desde a canoagem ao futebol, nas associações de jovens, como a Comunidade Artística Limiana, forma-se um movimento cultural consistente que apoia a população de mais de quarenta e dois mil habitantes, dos quais cerca de sete mil são crianças com idades compreendidas entre os zero e os catorze anos.

Enquanto suporte desta investigação, a vila de Ponte de Lima apresenta-se com um extenso leque de variedade no que diz respeito aos programas e serviços à disposição da comunidade. O agrupamento escolar António Feijó engloba o ensino de jovens desde os seis até aos dezoito anos e a proximidade entre as instalações proporciona um rápido enquadramento entre as diferentes fases de aprendizagem. Na área da saúde, a vila encontra-se munida de serviços como o Hospital do Conde de Bertandos, o Centro de Saúde de Ponte de Lima e a Santa Casa da Misericórdia, que possui lar de idosos e jardim de infância.

Culturalmente, a vila procura ter uma oferta variada, que ao longo de todo o ano, vai alternando entre eventos desportivos, festas religiosas, concertos de música de entrada livre e a feira semanal, que é muito mais que uma mera troca de bens entre vendedor e comprador e toma o título de dia de reunião, onde é promovido o diálogo

¹⁹ (2011). Projeto de Delimitação da Área de Reabilitação Urbana: Ponte de Lima. Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima.



FIGURA 5 - Ponte de Lima - dispersão dos sectores no território

e o encontro de velhos conhecidos inseridos, maioritariamente, numa faixa etária envelhecida.

Como relatado aquando da expansão urbana para lá dos limites da muralha, o território perdeu o carácter de centro urbano coeso e tornou-se fragmentado, com os serviços a dispersarem-se pelo território. Nesta mesma ação, o centro económico e político da vila tornou-se vítima da evolução e as atividades acabaram dispostos em sectores específicos pela área urbana, não como uma rede coesa, mas como uma malha dispersa de serviços sem um forte sentido de ligação.

Com a expansão e as novas construções, a disposição e organização das partes integrantes que compõem a vila dividiu-se por sectores como área da saúde, comércio, indústria e habitação (Figura 5). Do núcleo inicial localizado dentro dos limites da muralha, já só resta o órgão de soberania do município, Câmara Municipal de Ponte de Lima, e pequenos comércios locais cujos impactos na vivência da população se vão esmorecendo com o passar do tempo. Os equipamentos de apoio à saúde, como é o caso do centro de saúde e hospital de Ponte de Lima, encontram-se já num raio de ação mais afastado, fora das muralhas, no limite de uma via, composta pelas ruas do Arrabalde e Conde de Bertandos, que se impôs como uma nova circulação externa, em oposição ao centro histórico e que foi criada após a transposição da muralha.²⁰ (Projeto de Delimitação da Área de Reabilitação Urbana: Ponte de Lima, 2011)

Com o contínuo crescimento da população em Ponte de Lima, a malha urbana expandiu-se para sul, abrindo espaços a novas tipologias e definindo a periferia como o principal espaço habitacional, com um alargado número de serviços, retirando, assim, população ao centro histórico, que procuravam melhores condições de habitação, mobilidade e serviços.

Deste modo, analisando a vila do ponto de vista da coesão e união entre espaços e atividades, denota-se uma clara distinção entre o território dentro e fora das muralhas, reproduzindo-se em espaços intermédios que ligam o centro à periferia, mas cuja atividade e interação entre a comunidade é praticamente nula.

Em conversa com os responsáveis pela gestão dos espaços do município, nomeadamente o Eng. Vasco Ferraz, Vereador responsável pelas Obras Particulares

²⁰ (2011). Projeto de Delimitação da Área de Reabilitação Urbana: Ponte de Lima. Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima.

e Urbanismo, Proteção Civil, Desporto e Juventude, e o Dr. Paulo Sousa, Vereador responsável pela Educação, Turismo e Desenvolvimento Rural, reúnem-se as primeiras descrições da vila de Ponte de Lima, sendo enaltecidos os pontos de interesses, sobre os quais o município iria incidir, procurando reconhecer a vila a partir do ponto de vista daqueles que representam a população, reconhecendo os principais espaços de utilização, rotinas e funcionamentos da comunidade limiana.

Assim, as Figuras 4 e 5 constituem a imagem de uma vila a partir dos relatos recolhidos junto dos representantes dos seus habitantes, procurando representar uma matriz de espaços e rotinas de uma realidade imaterial do quotidiano da população.

Enquanto matriz de uma realidade não palpável, importa evidenciar as rotinas que ocupam os espaços referidos na vila (Figura 4). No centro histórico predomina o turismo, sendo que a principal afluência, neste espaço, dá-se ao fim de semana, maioritariamente durante a hora de almoço até ao fim de tarde. Durante a semana, este espaço recebe uma afluência baixa, constituída pelos poucos locais que ainda habitam no centro e os clientes dos serviços como farmácia e correios. Este espaço é, também, onde decorrem os principais eventos promovidos pelo município de Ponte de Lima, pois é tido como a imagem da vila, um local comum e reconhecido por todos que cruzam este território.

Numa cota compreendida entre os vinte e os quarenta metros acima da linha de água, surge o Agrupamento Escolar com as escolas de ensino primário, básico e secundário. Neste local, o fluxo de habitantes segue-se pelo horário escolar, denotando-se um grande fluxo no período imediatamente antes e após o término das aulas. Após o fim do horário escolar, os serviços como papelarias e pastelarias, mais direcionados ao público que frequenta as escolas, aumentam o número de clientes substancialmente. O fim de semana traz a desertificação do espaço, com as escolas encerradas, a população usa este local como passagem entre as cotas superiores e inferiores da vila, surgindo umas paragens esporádicas que remetem para habitantes dos fogos que envolvem as escolas.

Na periferia, os principais fluxos surgem ao início e fim do dia, marcando o regresso da população ativa aos seus lares. Durante o dia, estes espaços são praticamente despovoados, demarcando-se em algumas zonas, pequenas movimentações enunciadas pela hora de almoço dos trabalhadores. O acesso aos parques municipais da Vila e do Arnado decorrem com alguma timidez, sendo regular encontrar os

mesmos vazios durante a semana, tanto durante o horário laboral, como ao fim do dia. O maior fluxo pode ser denotado ao fim de semana, principalmente ao fim de tarde, e maioritariamente composto por pais que acompanham os filhos ao parque infantil. No sector desportivo, os principais pontos de adesão são o campo do Cruzeiro e o clube náutico de Ponte de Lima, atraindo principalmente jovens no final do horário escolar para a prática de futebol e canoagem (Figura 5).

Assim, as rotinas aqui observadas e registadas permitem a análise da vila de Ponte de Lima através da diversidade dos quotidianos, contribuindo para o registo do habitar comum do município.

Este habitar representa-se nas figuras acima procurando demonstrar as relações entre as diferentes atividades, utilizando as distâncias e as suas ligações para análise da vila. Na figura 4, registam-se os diferentes sectores que compõem o local e a sua respetiva função, anunciando, ainda, os espaços públicos cujo programa permite uma utilização livre e espontânea. Na figura 5, procura-se especificar quais são os elementos que, por sua vez, dão nome aos sectores e controlam as rotinas na sua envolvente.

Este ponto de primeiro contacto com o território abordado nesta investigação, abre caminho para o próximo passo na pesquisa. Parte-se da análise de um conjunto geral de rotinas e atividades, propostos pelos representantes da população limiana mencionados acima, que revela uma sectorização da população em função da fragmentação exposta na vila de Ponte de Lima.

Assim, o autor parte para um olhar específico e detalhado sobre a sua rotina pessoal enquanto criança, para perceber de que forma esta desconexão entre espaços e comunidade se gerou, destacando o ato de brincar como ferramenta de aproximação entre gerações.

“Já adulto, ele tinha esquecido tudo da sua infância, mas na sequência de uma série de reminiscências e investigações põe-se à procura das suas origens e são sobretudo alguns lugares que vão funcionar para ele como reveladores de memória.”²¹ (Guerreiro, 2014, p. 62)

21 Guerreiro, A. (2014). O Trabalho da Memória. Em D. Blaufuks, Toda a Memória do Mundo (pp. 61-70). Lisboa: MNAC; INCM.

André
Gonçalo



FIGURA 6 - Ilustração do autor, realizado no ano de 1999

Reminiscências da infância

*"As imagens (...) não são ilustrações, são vestígios de um passado que regressa, formas materializadas de aparições fantasmáticas que se inserem num materialismo espectral mais vasto."*²²(Guerreiro, 2014, p. 64)

Servindo-se do caminhar *in situ* como ferramenta de análise, o autor desta investigação procura perceber as práticas espaciais que compõem o território que habita, a vila de Ponte de Lima. Após as diversas visitas ao local, iniciadas em janeiro de 2019, o autor pôde constatar um ritmo constante nas rotinas dos habitantes da vila, os trabalhadores saem de casa e abandonam a periferia em direção aos seus postos de trabalho, as crianças encaminham-se para as respetivas escolas, o centro vai-se movimentando lentamente, inspirado pelas rotinas impostas pela população maioritariamente envelhecida.

O dia-a-dia e o contacto entre os membros da comunidade, observados nas caminhadas pela vila de Ponte de Lima, permitem um entender geral dos espaços como locais de polivalência programática, mas onde as ocupações e ações seguem a rotina da população, completamente desprovidas de energia e relações. São espaços de passagem e cruzamento, que outrora se caracterizavam pelas permanências, como espaços de reunião e convívio, onde atividades como o brincar, próprios da geração mais nova se fundiam com as restantes ações produzidas pelos adultos, como o estar e o conviver, contribuindo para que estes espaços na vila se mantivessem repletos de interações e vida.

A igreja Matriz, local de carácter central na geografia do território, é, agora, só um marco de memória da junção do povo. Apesar do fecho da rua adjacente ao trânsito automóvel, e da criação de um espaço exclusivamente pedonal, o efeito contrariou o espectável. O local encontra-se deserto, durante grande parte da semana, sendo palco de cruzamentos rápidos de alguns membros da população ativa. Os picos de atividade deste local associam-se aos horários das missas, sendo que as apropriações dos espaços adjacentes à igreja mantêm-se praticamente nulas, servindo apenas de acesso ao espaço religioso. Deste espaço e das vivências produzidas sobre o mesmo, sobra apenas a memória.

²² Guerreiro, A. (2014). O Trabalho da Memória. Em D. Blaufuks, Toda a Memória do Mundo (pp. 61-70). Lisboa: MNAC; INCM.

Também no largo de Camões, centro oficial do município, que, durante a infância do autor, abraçava uma azáfama de atividades, com vários serviços abertos, repletos de gentes, com trocas comerciais em pleno largo, com grupos e individuais, com novos e velhos, ao longo de toda a semana, encontra-se carenciado de pessoas, de vida. Já não há pessoas nos bancos a discutir a bola, nem crianças a brincar até à hora de jantar.

Num espaço aberto, cujas utilizações eram diversas (feiras culturais, exposições de arte, concertos de folclore, performances, comércio de gado e artesanato) o largo de Camões, palco de reunião à sociedade limiana, perdeu a sua identidade, tornando-se indiferente ao quotidiano da população. Nas observações realizadas ao longo da investigação, percebem-se as ações assumidas no local: as crianças atravessam o largo em direção a casa, os amigos cruzam-se com um “-Tá tudo bem? -Tá tudo” e só o autor permanece no local, enquanto observador, revivendo as memórias de um passado que se perdeu, vendo o percurso da ruína da comunidade a seus pés, e por isso pensando só “(..) *na maneira de recompor os fragmentos.*”²³(Guerreiro, 2014, p. 66)

No processo desta análise surge a questão necessária para o recompor dos fragmentos e da memória dos espaços da vila, que se prende com a vivência da criança no espaço público em Ponte de Lima. A passagem das gerações, dos ideais, dos quotidianos, da energia é realizada através do contacto entre toda a população; as ideias, os hábitos, as tradições são passadas dos avós para os pais e dos pais para os filhos, num ciclo contínuo.

Deste modo, será de grande relevância a análise entre passado, representado pela infância do autor entre os anos de 1999 e 2001, e presente, representado pelas crianças da escola 1, do papel ativo da criança na sociedade atual, no território de Ponte de Lima, compreendendo as suas rotinas e os espaços que habita, percebendo de que forma são projetados ou pensados os locais em relação ao habitar da criança.

Neste ensaio, o autor procura restituir o seu passado, utilizando a sua história como amostra da criança do passado, enaltecendo a sua rotina e a forma como inconscientemente, participava na dinâmica social do território analisado. Esta introspeção pretende figurar-se em fotografias e mapas que funcionam como matéria e elemento desencadeador das suas narrativas, procurando ilustrar e expor o enredo

23 Guerreiro, A. (2014). O Trabalho da Memória. Em D. Blaufuks, *Toda a Memória do Mundo* (pp. 61-70). Lisboa: MNAC; INCM.

da sua infância. Servindo-se da memória e do caminhar pelo espaço, procura consolidar e recuperar a informação captada, através de um *“processo intelectual de representação e elaboração pela consciência de uma experiência histórica coletiva e das experiências individuais”*.²⁴ (Guerreiro, 2014, p. 61)

Na reflexão do espaço habitado pelo autor, entre locais de passagem, paragem e atividade, denota-se um fator comum que não conhece distinções entre momentos, o brincar.

Nesta investigação, o ato de brincar será dividido entre três espaços: o espaço interior (o espaço da casa, a intimidade, a proteção, a inocência), a periferia do prédio (a introdução de liberdade, a autonomia, a responsabilidade) e o espaço da vila (a total liberdade, o desconhecido, o explorar).

Estes espaços aparecem intercalados nas atividades formais do dia-a-dia do autor: a escola, cuja ocupação é diária e assume grande parte do dia, o desporto, que surge como ferramenta de desenvolvimento pessoal, e a casa, que marca o término de atividades do dia; demarcando-se como atividades flexíveis, encaixando no horário pré-estabelecido, cujos locais e duração estão livres de planificação, permitindo ao autor a liberdade de interação com os espaços da vila, desenvolvendo o seu próprio conhecimento a partir do ato desregrado de brincar.

Neste capítulo, a investigação aborda a perspetiva do autor, enquanto criança, na relação com vila nas suas ações quotidianas e procura identificar diferentes maneiras de experimentação do espaço urbano, que se distinguem da forma como o adulto se apropria do espaço, o modo como o autor brincava na rua, realizava caminhadas de exploração pelos bairros vizinhos e mapeava mentalmente os mais distintos percursos, pois, em cada uma dessas atividades da infância, a criança tem a capacidade de se mostrar sensível àquilo que acontece no seu meio físico e social.

Os três pontos de abordagem ao tema, selecionados pelo autor: o espaço interior, a periferia do prédio e o espaço da vila; funcionam como base de investigação, partindo de uma interação particular, com os pais e família, para uma interação geral, que engloba toda a população com quem o autor interage na vila de Ponte de Lima, analisando a necessidade de desenvolvimento das relações com o mundo e a apropriação espontânea do espaço.

²⁴ Guerreiro, A. (2014). O Trabalho da Memória. Em D. Blaufuks, Toda a Memória do Mundo (pp. 61-70). Lisboa: MNAC; INCM.

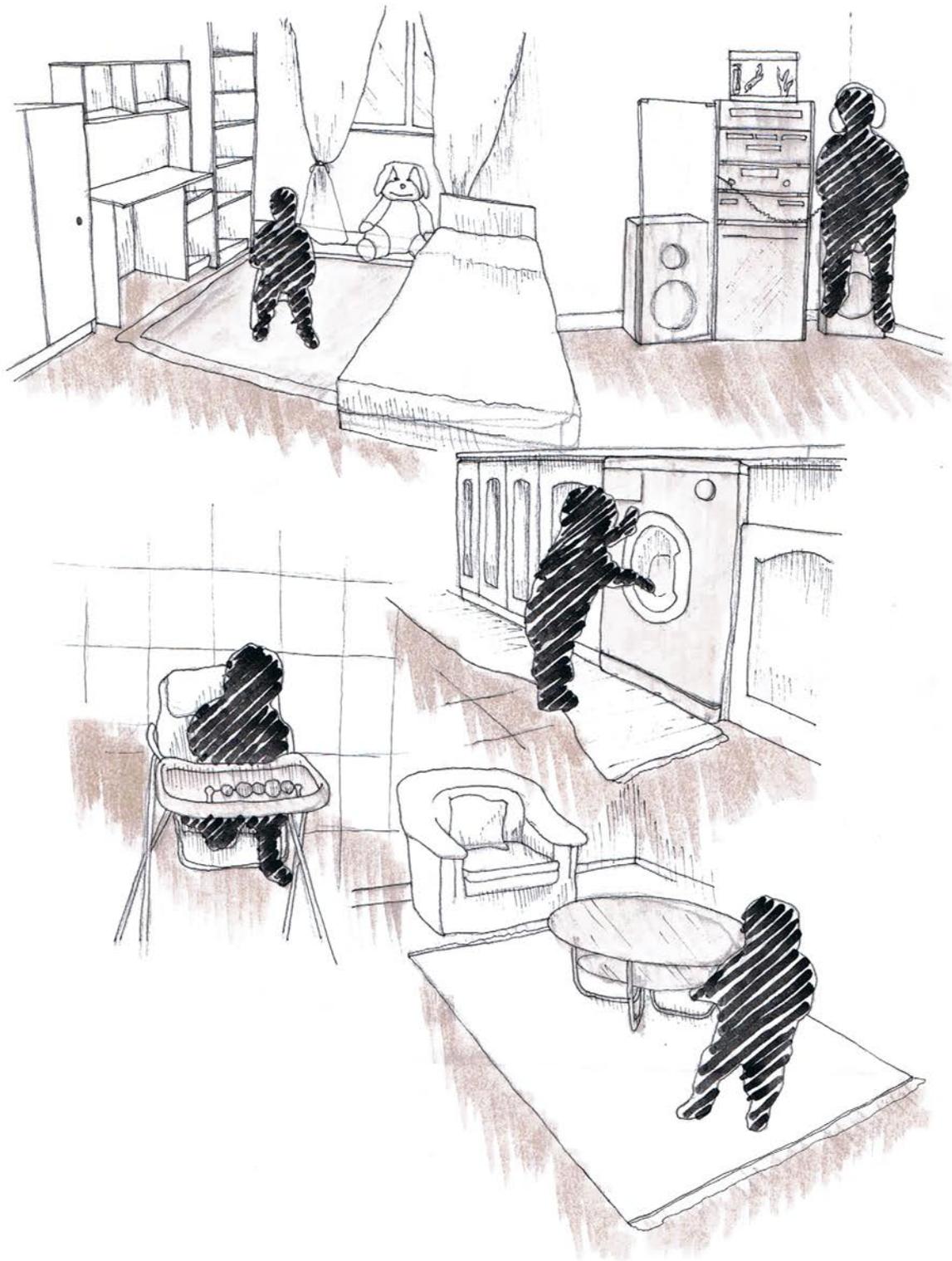


FIGURA 7 - Mapa mental de espaços habitados

o espaço interior

Servindo-se da cronologia da sua vida, esta análise procura explorar pontos marcantes do desenvolvimento do autor durante a sua infância, focando-se na realidade espacial que o rodeia e que compõe as primeiras noções de espaços, as primeiras lembranças de rotinas e atividades refletidas no seu dia-a-dia.

As primeiras memórias capazes de desenhar um mapa mental do espaço habitado do autor surgem por volta dos quatro anos de vida, e dizem respeito ao apartamento na Rua Doutor Francisco Sá Carneiro, onde viveu durante a primeira década de existência, e cuja memória permite apelidar este local de "primeira casa".

"Para um estudo fenómeno lógico dos valores da intimidade do espaço interior, a casa é, evidentemente, um ser privilegiado, sob a condição, bem entendido, de tomarmos, ao mesmo tempo, a sua unidade e a sua complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental. A casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens."

²⁵(Bachelard, 1993, p. 199)

A forma como é percebido o espaço que habitamos, a casa, é fruto de uma mescla entre noções de realidade e pura imaginação. A casa não é somente a descrição da mesma enquanto "objeto", não se prende com o retrato dos detalhes pitorescos e do conforto que proporciona. O conceito de "casa" vai além das divisões, dos limites verticais e horizontais e dos pontos de acesso como as janelas e portas, dividindo-se em duas perceções distintas.

Segundo Bachelard, a primeira perceção é a superficial, permite entender a casa como o espaço que ela ocupa, através dos valores da realidade como: as portas, as paredes, o chão, o teto, etc.; conceitos palpáveis e que são comuns a todas as habitações.

A segunda perceção leva a uma compreensão do espaço mais íntimo e pessoal, um entender do espaço através da imaginação. Esta tem o poder de aumentar os valores da realidade, as referidas "imagens dispersas" e adensa-as com o cunho pessoal da memória de casa um.

25 Bachelard, G. (1993). A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes.

Para uma compreensão do espaço como um todo, é necessário a junção das duas realidades. A casa não vive somente da imagem, vive da narrativa da nossa história, operando como ponto de fixação da nossa felicidade, das nossas memórias e da nossa lembrança de segurança e proteção. A descrição da casa nunca poderá ser somente material, é preciso poesia e emoção para descrever o nosso lar.

*“A casa é o nosso canto no mundo. Ela é, como se diz frequentemente, o nosso primeiro universo.”*²⁶(Bachelard, 1993, p. 200)

Durante os primeiros anos do autor, a casa operou como território seguro e de desenvolvimento das capacidades básicas de autonomia.

Dentro do espaço da casa destacam-se três espaços de maior importância no que diz respeito ao tempo de utilização por parte do autor: a cozinha, a sala e o quarto. Estes espaços possuíam programas específicos na rotina coletiva da família, estando a cozinha associada às refeições, a sala ao lazer e ao convívio, e o quarto ao descanso. Mas para o autor, estes espaços representavam uma rotina diferente da dos seus progenitores, contrariando a rigidez dos programas pré-definidos e atribuindo novos sentidos e funções, desregrados e espontâneos aos locais.

Após o horário imposto pelo jardim de infância, onde todas as ações eram monitorizadas, a chegada a casa permitia uma rebelião, uma liberdade de atividades em que todos estes espaços acolhiam o brincar.

O quarto assumia o papel principal enquanto suporte de descoberta e imaginação. Composto por uma cama e uma série de estantes de madeira, cuja função era apenas suportar uma imensidão de brinquedos: maioritariamente carrinhos, pelos quais o autor detia um grande fascínio; o quarto possuía como missão, a total libertação do solo para brincar. Utilizando o pequeno tapete como uma folha branca, aquele objeto servia de meio de transporte pelos limites da imaginação, estendendo-se aos quatro cantos do quarto e absorvendo uma mixórdia de brincadeiras.

Considerando a citação de Certeau ²⁷(Spatial stories, 1997) em que anuncia que na

26 Bachelard, G. (1993). A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes.

27 de Certeau, M. (1997). Spatial stories. Em The Practice of Everyday Life (pp. 91-130). Berkeley: University of California Press.

Atenas moderna, os veículos de transporte público eram chamados de *metaphorai* e que nas deslocações entre casa e trabalho se utiliza a *metaphor* – um autocarro ou um comboio; o tapete afirma-se para o autor como o seu meio de transporte, como primeiro sinónimo de autonomia e liberdade, a partir da imaginação, transformando-se numa rede infinita de possibilidades, de ações e de cenários.

Através desta experiência, o autor permitiu-se a perceber o espaço de forma distinta e muito particular, apoderando-se de objetos nos restantes espaços da casa para adquirir a autonomia e a mobilidade encontrada no tapete do quarto. A cadeira da cozinha, a porta da máquina de lavar, a coluna e a mesa de vidro da sala de estar, todos estes objetos começaram a ser entendidos como meios de transporte, com a capacidade de ligar pontos e espaços, mesmo que alguns, apenas através da imaginação.

*"Foram as suas peças de mobiliário que fizeram a ponte (...) entre o plano e o espaço tridimensional. Este pavilhão/**tapete** é mais uma indicação de espaço do que um objeto"*²⁸ (Hertzberger, 1977, p. 12).

28 Hertzberger, H. (1977). Architecture for People. Em T. Nakamura, Architecture and Urbanism (pp. 124-146). Tokyo: The Japan Architect Co., Ltd. *"It was his furniture pieces that made the bridge (...) between the flat plane and three-dimensional space. This pavilion/**carpet** is an indication of space rather than an object"* [tradução do autor e introdução da palavra tapete]



FIGURA 8 - Cicatrizes do autor, primeiras aventuras em duas rodas

a periferia do prédio

Segundo George Perec²⁹ (*Especies de Espacios*, 2001) a periferia é um espaço sem uma forma definida, é uma zona que se situa à volta do centro de uma cidade ou vila, uma porção de espaço que fica a uma distância facilmente percorrível a pé, não sendo necessária uma deslocação considerável. A periferia do prédio do autor é entendida como um espaço de forma variável, sendo o único limite físico a estrada nacional 203 e encontra-se a menos de quinze minutos a pé do centro da vila.

Esta fase da investigação, centra-se nos primeiros contactos do autor com o espaço exterior fora do seu ambiente: a segurança da casa. O contacto com novas realidades e atmosferas, novas pessoas e espaços, novas atividades e relações, despertam no autor uma vontade de crescer e alargar os seus conhecimentos através da autonomia e mobilidade implícitas com liberdade de divagar pelo território.

Estes primeiros passos no exterior remetem para a periferia do apartamento que habitava, na Rua Doutor Francisco Sá Carneiro, um dos espaços a sudeste da estrada nacional 203, que se denomina como o cinturão de circulação automóvel que separa a vila de Ponte de Lima das freguesias de Arca, Feitosa e Ribeira.

O raio de abrangência e de apropriação dos espaços por parte do autor foi sendo alargado com o tempo, e em torno da ideia de autonomia e curiosidade. Assim, numa fase inicial, os percursos do autor mantinham-se circunscritos aos espaços próximos da sua própria casa e da casa da avó, localizada na mesma rua, num raio nunca superior a cem metros de distância.

Junto ao seu apartamento, o autor selecionara dois espaços que refletiam a evolução e o desenvolvimento do mesmo: a frente do prédio e as traseiras. No primeiro local, completamente limitado ora por muro ora pela fachada do próprio prédio, o autor brincava ainda com a total vigilância dos pais, exclusivamente ao fim de semana. Este espaço serviria de suporte à introdução ao principal elemento de mobilidade utilizado pelo autor, a bicicleta; onde num circuito em “L” com menos de dez metros aprendeu a dominar as duas rodas.

No segundo local, as traseiras do prédio, e já apoiado com a liberdade e emancipação

29 Perec, G. (2001). *Especies de Espacios*. Barcelona: Montesinos.

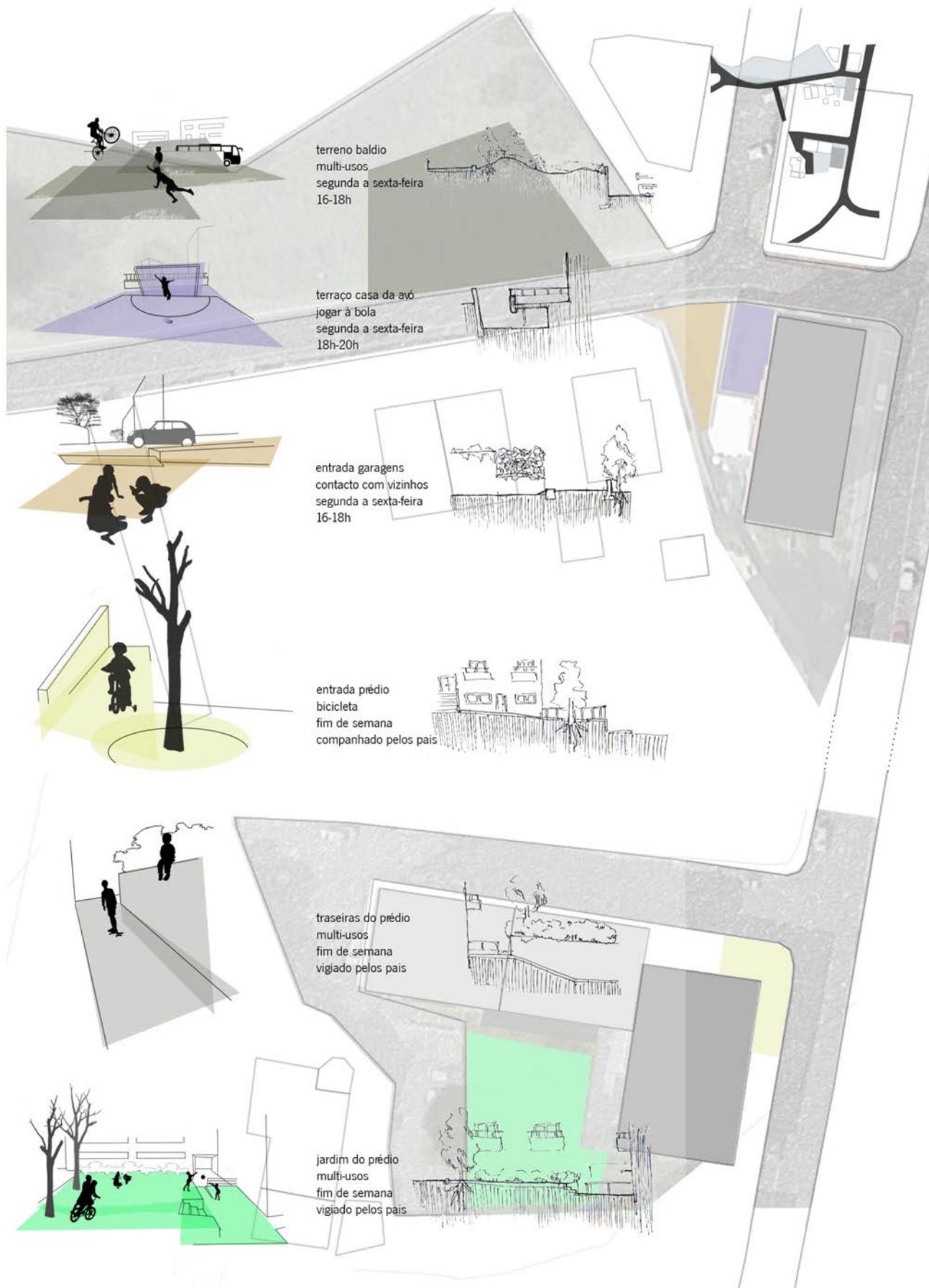


FIGURA 9 - Apropriações espaciais e actividades desempenhadas

conferida pela bicicleta, o autor começa a brincar e a relacionar-se com o mundo exterior de uma forma mais aberta, sendo-lhe inculcida uma maior noção de responsabilidade e segurança face à diminuição da vigilância concedida pelos progenitores.

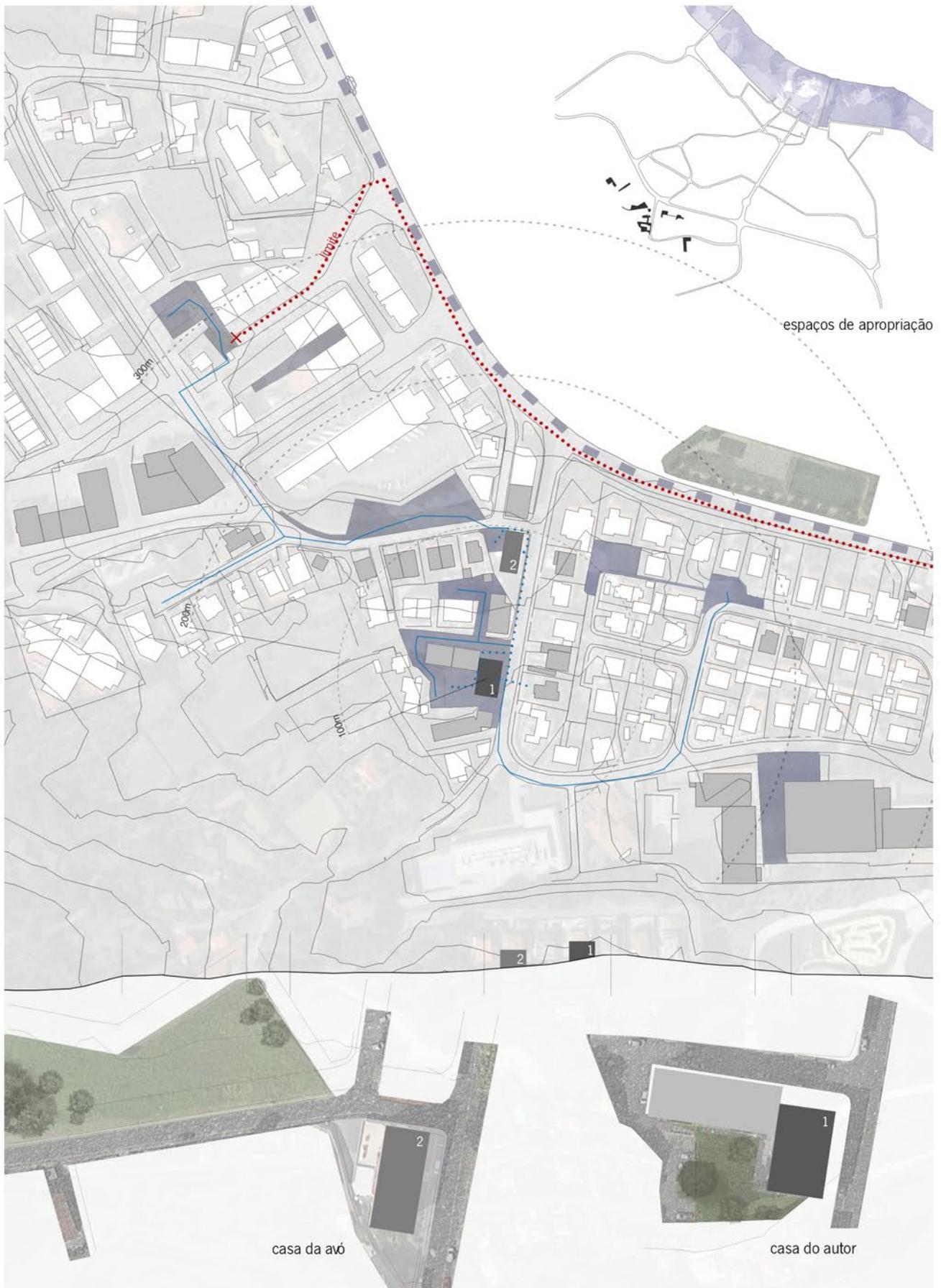
Deste modo, com uma área mais vasta para cobrir, o autor vai intercalando entre o primeiro e o segundo espaço (Figura 9), onde as variações de elevações são mais desafiantes, proporcionando um desenvolvimento das capacidades intrínsecas ao crescimento de uma criança. Também, devido ao facto de já não depender da total vigilância dos pais, a possibilidade de brincar nestes espaços após o término do horário escolar aumenta para um ritmo praticamente diário, e proporciona a criação de amizades e troca de experiências com a comunidade vizinha, levando à descoberta de jogos em equipa como o futebol e a introdução de novos meios de mobilidade como os patins em linha e o *skateboard*.

Dada a proximidade à casa da avó, onde muitas vezes ficava após o horário escolar, também os espaços envolventes tornam-se território exploratório do autor. Os espaços de maior vigilância como o terraço e o pátio de acesso às garagens, convertem-se através do brincar em campos de jogar à bola ou ao berlinde.

O terreno baldio adjacente à casa da avó (Figura 9), servia de local de reunião aos jovens da vizinhança e era neste local que todos se juntavam após a escola. Aqui, a bicicleta, para além de meio de transporte, ganha competências ativas no desenrolar das atividades, pois a topografia do terreno incitava a circuitos desafiantes em terra batida.

Com o total domínio dos espaços adjacentes às duas habitações, e com a capacidade de locomoção garantida pela bicicleta, a necessidade de exploração do restante território cresce, e o raio de cerca de cem metros definido anteriormente torna-se pequeno para a ambição do autor.

O pretexto de reunião com os amigos para a exploração da restante periferia tornara-se num ciclo diário, ocupando todo o tempo entre o término do horário escolar e as oito horas da noite, hora em que os pais chegavam a casa, hora do jantar. Nesta fase, os raios de abrangência são aumentados substancialmente de cem para cerca de trezentos metros, começando por ser explorados os terrenos a norte, na Quinta da Graciosa, e a sul, junto à Central de Camionagem, de onde eram oriundos alguns amigos da escola.



espaços de apropriação

casa da avó

casa do autor



FIGURA 10 - Espaços de apropriação na periferia do prédio

A norte, na Quinta da Graciosa (Figura 10), os espaços ocupados compreendiam-se no interior de uma urbanização mais antiga, dos anos oitenta, com moradias de dois pisos. A zona caracterizava-se pela calma e pelo resguardo do tráfego automóvel, traduzindo-se numa sensação de segurança, o que permitia ao autor e aos seus amigos a apropriação da rua como local de brincadeira. Também a proximidade à casa de alguns amigos permitia um controlo e uma vigilância por parte dos seus familiares, que abrangia todo o grupo.

A sul, junto à Central de Camionagem, numa das zonas de Ponte de Lima que vivia a maior expansão imobiliária da altura, as atividades adensavam-se com uma maior circulação automóvel, principalmente a partir das seis da tarde, quando os primeiros trabalhadores regressavam a casa. Nestes lugares, o autor recorria a espaços mais protegidos como estacionamentos adjacentes aos prédios para local de paragem, onde jogava à bola, à apanhada, e servia-se das ruas como espaço de circulação em cima da bicicleta, integrando-se aos poucos no trânsito corrente.

b. A expressão *playground* é utilizada para definir todos os espaços de apropriação infantil e à actividade brincar.

Servindo-se da limitação da periferia pela estrada nacional 203, o autor acaba por assumir um completo controlo e conhecimento das áreas envolventes à sua habitação através do uso da bicicleta, transformando esta área no seu *playground* (b).

O pedalar serviu o autor como desbloqueador físico e psicológico, abrindo possibilidade para que o mesmo se relacionasse com novos espaços e novas pessoas, criando laços de confiança, fortalecendo a relação e aumentando a capacidade de interação com a comunidade vizinha.

CASO DE ESTUDO - PERCURSO DO AUTOR

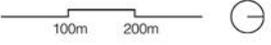
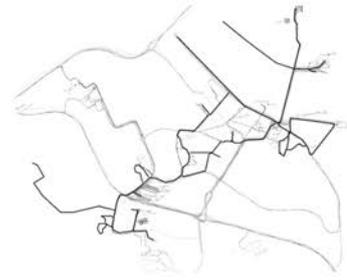


FIGURA 11 - Espaços de apropriação no território

o espaço da vila

*“O nosso estilo de vida relaxado e até algumas diversões consideradas duvidosas que sempre foram desfrutadas entre o nosso grupo - entrando à noite em casas em demolição, viajando de boleia continuamente e sem destino por Paris durante uma greve dos transportes de modo a aumentar a confusão, passeando pelas catacumbas subterrâneas proibidas ao público, etc. - são expressões de uma sensibilidade generalizada que não difere da do dérivé. Descrições escritas não podem ser mais que chaves para este grande jogo.”*³⁰(Debord, 1958, p. 5)

Com o pedalar, surge a possibilidade de expandir todo um horizonte e território inexplorado por parte do autor. Nesta fase, o *playground* conhece uma nova escala e extravasa os limites da periferia, integrando-se com todo o espaço da vila de Ponte de Lima, unificando todo o território num espaço de brincadeira contínuo e interligado (Figura 11).

Seguindo a ordem sequencial da rotina do autor durante a infância, o único trajeto, cujo meio de locomoção utilizado era o veículo automóvel, ligava a sua habitação, na Rua Doutor Francisco Sá Carneiro, ao jardim de infância de Ponte de Lima que frequentava, na Rua do Sobral. Este percurso era realizado com os pais, que o acompanhavam à escola antes de seguirem para os seus respetivos trabalhos, nas primeiras horas da manhã.

Concluído o horário escolar, por volta das cinco da tarde, e livre de ocupação até à hora de recolher a casa, por volta das oito da noite, o autor via-se solto para explorar todo o espaço da vila. Era, deste modo, que o autor encontrava uma *metaphor*^(c) que lhe permitisse, como Debord refere, desamarrar-se dos compromissos, dos encargos, das relações e todos os outros motivos que o faziam mover e agir, e deixar-se absorver pelas atrações do território e dos encontros e interações descobertas no mesmo. Utilizando a bicicleta ou percorrendo o território a pé, o autor conseguiu criar o seu

c. A expressão *metaphor* remete para a definição atribuída por Michel de Certeau, mencionado no sub-capítulo "O espaço interior", p. 52.

30 Debord, G. (1958). Theory of the Dérive. Internationale Situationniste, 62-66. "Our loose lifestyle and even certain amusements considered dubious that have always been enjoyed among our entourage — slipping by night into houses undergoing demolition, hitchhiking nonstop and without destination through Paris during a transportation strike in the name of adding to the confusion, wandering in subterranean catacombs forbidden to the public, etc. — are expressions of a more general sensibility which is no different from that of the dérive. Written descriptions can be no more than passwords to this great game." [tradução do autor]

1. periferia do prédio		 2030m ²			
2. terreno baldio		 4000m ²			
3. central de camionagem		 1470m ²			
4. quinta da graciosa		 1180m ²			
5. pavilhão municipal		 1570m ²			
6. bairro do sobral		 920m ²			
7. jardim da pré-escolar		 4710m ²			
8. parque radical		 490m ²			

local - existência de equipamento para uso infantil

9. Villa Moraes					840m ²	
10. praça da lapa					1180m ²	
11. paço do marquês					900m ²	
12. centro histórico					1050m ²	
13. arrabalde					290m ²	
14. parque do arnado					1150m ²	
15. largo da freiria					780m ²	
16. ecovia					900m ²	

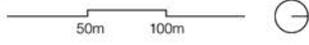


FIGURA 12 - Tabela de espaços que compõem a rede de playgrounds

próprio mapa de Ponte de Lima, através dos percursos realizados em busca de espaços propícios ao ato de brincar. Nesta fase, a vila possuía apenas um local pensado e projetado para a ação de brincar, para a criança: o parque do Arnado; e três ringues criados para a prática desportiva: Freiria, Villa Moraes e atual parque radical. No entanto, a deslocação do autor pelo município não se agarrava ao objetivo de chegar a um destes espaços para brincar.

O ato de deriva pelo espaço tinha como principal foco a descoberta de espaços cuja função polivalente pudesse suportar a mais ávida imaginação e energia do autor, resultando na transformação, mediante da vivência concebida no momento, do local, das suas rotinas e do seu carácter.

Assim, a transformação destes espaços, permitia criar uma rede de *playgrounds* não planeados, mas que tinha uma forte presença física na abrangência de território, promovendo o cruzamento e interação entre crianças, adultos e idosos, apoiando, deste modo, a inclusão da criança nas rotinas da comunidade em Ponte de Lima.

À imagem do projeto *The Amsterdam Playgrounds* do arquiteto holandês Aldo Van Eyck, a rede de *playgrounds* inserida no espaço urbano da vila, criada pelo autor deste trabalho e pelos seus amigos nasce da exploração da vila, sendo formada por “ações no espaço ocorrendo onde e quando necessário”³¹ (Lefavre & Tzonis, 1999, p. 54) de acordo com a movimentação e a imaginação das crianças, servindo-se, muitas vezes, dos “vazios” deixados pela sociedade. O autor desta investigação representava e funcionava como ferramenta de reabilitação a espaços deixados em branco, por vezes, esquecidos, conferindo-lhes vida e novos propósitos.

Os *playgrounds* de Ponte de Lima, destacados pelas rotinas do autor, destinavam-se a servir a atividade humana e a promover uma aproximação entre crianças, adultos e idosos. Cada um destes espaços é distinto e de difícil comparação com os restantes, seja pelas diferentes áreas, limites ou formas. Dada a espontaneidade de apropriação dos espaços e das diferentes atividades associadas ao brincar dentro de cada um, optou-se para ordená-los numa tabela por distância percorrida em relação ao ponto “casa”, na Rua Doutor Francisco Sá Carneiro.

Nesta análise, procura-se entender as proporções, a envolvente próxima e o tipo de atividades geradas pelo autor enquanto usufruidor dos seus *playgrounds* ao longo do

31 Lefavre, L., & Tzonis, A. (1999). Aldo van Eyck : Humanist Rebel : Inbetweening in a Postwar World.

Roterdão: 010 Publishers. “were actions in space occurring where and when needed”

município. Apesar de apenas três espaços possuírem equipamento destinado ao uso infantil, durante a revisita a estes locais, é perceptível a capacidade de suporte, das suas infraestruturas ou mesmo a falta delas, às brincadeiras desempenhadas pelo autor.

O terreno baldio, a envolvente da central de camionagem e do pavilhão municipal, o interior do bairro do Sobral, a praça da Lapa e a ecovia destacam-se dos restantes espaços pelo carácter das distintas materialidades e topografias, sendo percorridos essencialmente de bicicleta, com o foco do ato de brincar a incidir na subjugação e no domínio do terreno através do pedalar. Também, estes espaços, serviam muitas vezes como elos de ligação entre outros espaços com um maior traço de permanência.

Os restantes espaços remetem mais para esse carácter de paragem e permanência, frequentemente, assentando essa diferença nas zonas onde estavam inseridos. Locais onde as rotinas e os quotidianos da sociedade era mais calmos ou se produziam a ritmos mais lentos, como é o caso da periferia do prédio, da quinta da Graciosa, do parque radical e do Arrabalde, inseridos em zonas habitacionais, que durante o horário laboral, se encontravam praticamente despovoadas; e do centro histórico e do paço do Marquês inseridos em zonas de trânsito condicionado, que apesar da constante afluência pública, transmitiam segurança e conforto na utilização dos espaços.

Os *playgrounds* refletem um período entre tempos, definindo o preenchimento criativo do vazio entre o horário escolar e o retorno à habitação que marca o final do dia, marcado pelas ações desempenhadas por quem os utiliza, deixando ao critério do utilizador a forma como transforma e ocupa o seu tempo no espaço. E são, também, espaços que pretendem a igualdade social, permitindo a sua utilização a toda a população, que refletem a imaginação, a energia, o brincar das crianças e procuram a interação com outras faixas etárias, culminando num lugar de vivência comum, um espaço público da vila adaptado à vida de todos.

Esta análise permite a compreensão e reflexão sobre a relação da criança com a vila através da criação desta rede de *playgrounds*, programaticamente flexível, em contraposição aos espaços monofuncionais dedicados ao brincar, representados pelos parques infantis, como o do parque da Vila ou do Arnado.

parque infantil na vila de Ponte de Lima



FIGURA 13 - parque do Festival de Jardins

Capítulo II. **PERSPETIVAS DO PRESENTE**

Perspetivas do presente

*“Parem de construir tantas casas e edifícios feios, porque as crianças querem espaços para brincar e não podem esperar que fiquem dentro de casa o tempo todo - as crianças têm de ter espaço.”*³² (Children in the City: Home, Neighbourhood and Community, 2003)

Na continuação da investigação, após as *Reminiscências da infância*, refletindo a perspetiva do autor, enquanto criança, em relação à vila de Ponte de Lima, emerge a necessidade de recolher e analisar a perspetiva, através das vivências pessoais, de um grupo de crianças que habita e interage com a comunidade presente no município, durante o período desta investigação.

O segundo capítulo deste estudo encontra-se organizado em duas fases. Na primeira fase, estabelece-se o contacto com a amostra selecionada, um grupo de dezasseis alunos da escola 1, durante as últimas semanas do mês de junho, antes da interrupção de verão, na qual o autor integra algumas atividades do dia-a-dia da turma, procurando eliminar a sensação de elemento estranho na sala de aula e tornando-se parte integrante da ação. Deste modo, o primeiro contacto pretende criar laços de confiança e descontração através da interação entre os sujeitos, servindo-se de pequenos diálogos e brincadeiras como ferramenta de desenvolvimento de processo.

Numa segunda fase, potencia-se o diálogo como estímulo à participação ativa das crianças de Ponte de Lima no desenvolvimento da presente investigação, procurando catalogar, através das experiências de rotinas pessoais, desenhos e mapas que reflitam os percursos e a forma como compreendem o espaço que habitam. Seguindo a metodologia do primeiro capítulo, pretende-se que, através do recurso à memória, as crianças ilustrem as suas vivências íntimas com o território, figurando o seu espaço e o seu habitar na comunidade limiana, permitindo ao autor recolher diversas narrativas que explicitem a importância da criança na cidade.

Através desta recolha, tenciona-se cruzar as narrativas, analisando os traços comuns,

32 Christensen, P., & O'Brien, M. (2003). Children in the City: Home, Neighbourhood and Community. Londres: Routledge. "*Stop building so many houses and ugly buildings, 'cos children want space to play and they can't be expected to stay indoors for the whole of their time – children have to have space.*" [tradução do autor]

de modo a compreender as atividades e rotinas coletivas das crianças selecionadas, nas relações e combinações de ações pelo território de Ponte de Lima. Assim, será possível enunciar os pontos onde a criança é ou não integrada na rotina diária da sociedade atual dentro do espaço da vila.

Este capítulo, *Perspetivas do presente*, procura verificar, em comparação com o capítulo anterior se se verificam alterações na apropriação dos espaços da vila de Ponte de Lima por parte das crianças. Continuará a existir uma rede de *playgrounds* como na infância do autor? Ou os espaços da criança estão, agora, mais segregados? Encontra-se a criança integrada na apropriação dos espaços públicos e no habitar comum do território?

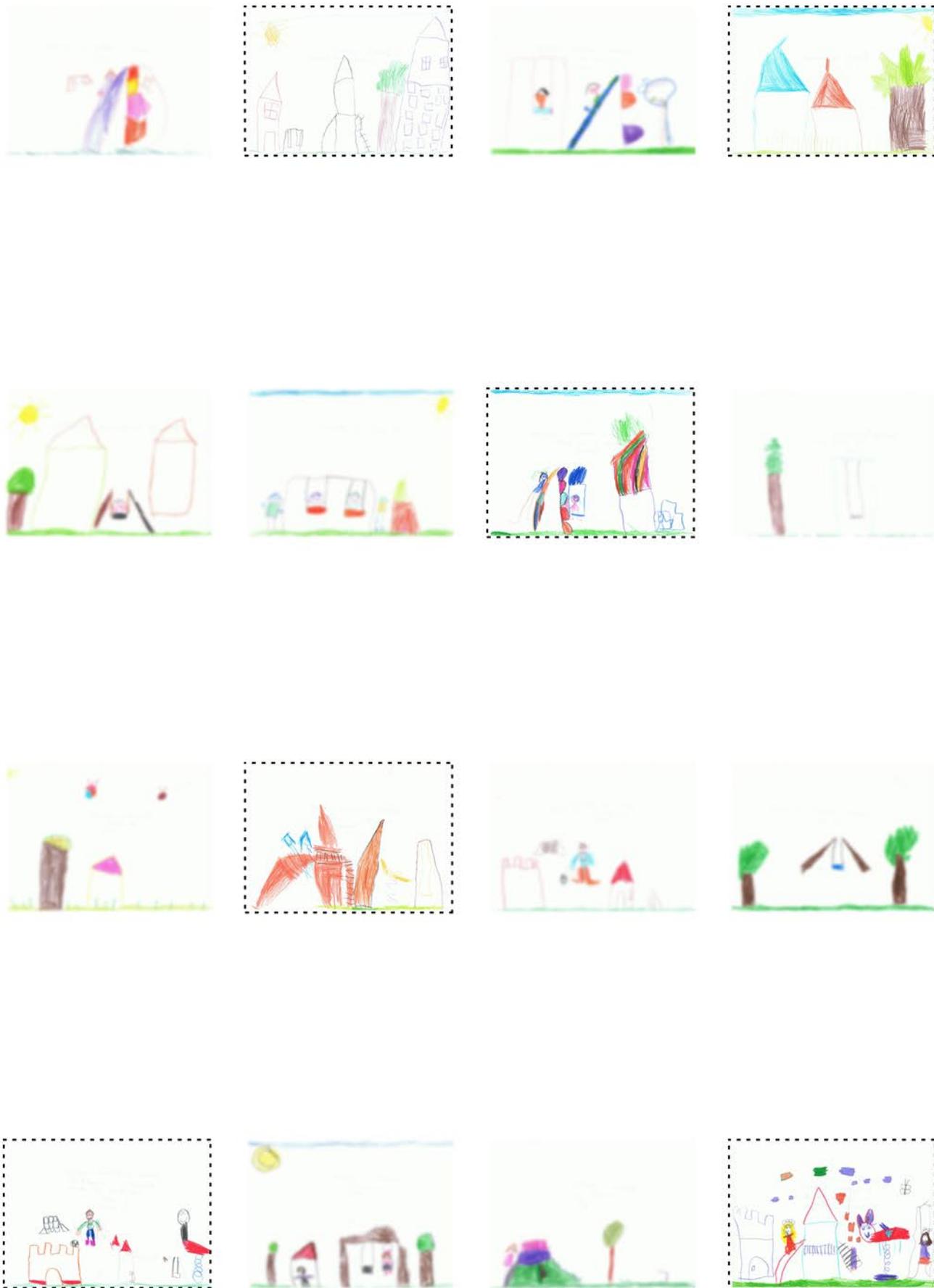


FIGURA 14 - Ilustrações realizadas pelas crianças entrevistadas

primeiro contacto

Este ponto da investigação traduz-se na contínua análise do papel da criança, na vida ativa da sociedade e da vila, por parte do autor, distanciando-se, desta vez, de elemento ativo de análise e focando a observação numa amostra específica de alunos da escola 1 em Ponte de Lima. Assim, é apresentada a experiência desenvolvida de aproximação a este grupo durante a primeira interação com o mesmo.

Partindo de métodos de trabalho como os de Pia Christensen e Margaret O'Brien³³ (2003), o autor pretende, através da interação com este grupo de crianças, reunir informação sistemática e comparável entre si, das perspetivas e usos das crianças em relação aos espaços que as rodeiam: a casa, o bairro e a vila. O objetivo prende-se com o confrontar os padrões de vivência social e urbana de diferentes crianças, provenientes de diferentes lugares e realidades, juntando no estudo crianças ricas e pobres, moradores do centro urbano e da periferia, sem distinções de género ou etnia.

De modo a observar e compreender o ponto de vista da criança, na relação que cria com o espaço e as pessoas que a envolvem, o autor procura fundir-se com o grupo de crianças, experimentando a vivência do seu dia-a-dia, durante o horário escolar.

Utilizando como duração da análise recolhida um período compreendido entre as 8h30 e as 17h, dividido em duas partes: a manhã (8h30 às 12h) e a tarde (13h às 17h), o autor procura descrever a rotina destes alunos ao longo do dia, entre o momento em que são deixados pelos pais de manhã e recolhidos ao fim da tarde. Esta experiência resume-se assim na visita e apoio ao grupo docente durante os últimos dias de “escola” antes da interrupção para férias de verão.

A possibilidade de análise e aproximação a esta amostra surge no decorrer de uma conversa informal que o autor trava com um cliente no local em trabalho. Esta conversa surge a partir das brincadeiras que duas crianças mantinham no espaço exterior do local de trabalho e inicia-se, de modo algo inocente, um debate sobre a falta, cada vez maior, de momentos como aqueles na vida diária da vila e da comunidade. É, nesse momento, que o cliente se apresenta como responsável por uma turma de jovens, como idades compreendidas entre os

³³ Christensen, P., & O'Brien, M. (2003). *Children in the City: Home, Neighbourhood and Community*. Londres: Routledge.

4 e os 6 anos, e afirma que, através da experiência diária que tinha com esta faixa etária, cada vez mais se denotava que a liberdade destas crianças ia sendo restringida ou mesmo segregada, sendo-lhes impostos cada vez mais limites e contenção. Assim, e indo de encontro ao tema que tinha vindo a ser desenvolvido pelo autor através da análise ao seu passado, surge a possibilidade de estudo de uma amostra específica, dentro do mesmo território e com condições semelhantes às enfrentadas pelo autor; prontamente, é explicado ao professor o tema e os objetivos da investigação que está a desenvolver. Este demonstra-se totalmente receptivo a ajudar no desenvolvimento do estudo e convida o autor para integrar as aulas, de forma a entender o dia-a-dia da criança de hoje em Ponte de Lima.

No dia 3 do mês de junho de 2019, segunda-feira, o autor, agora no papel de observador de atividades e ações, dirige-se à escola onde leciona o professor com quem tinha combinado a realização desta mesma experiência. Apesar de estar iminente a entrada do verão, o dia começa tão nublado quanto o espírito de grande parte das crianças que, entre as 8h30 e as 9h, entram no portão da escola, alguns carregados nos braços dos pais, entre bocejos de sono e atos de teimosia de quem não queria largar o conforto dos abraços dos pais.

A escola, integrada na zona das restantes escolas secundária, básica e primária, destaca-se pelo carácter didático e distinto com se apresenta, repleta de cor e desenhos, que atravessam os envidraçados e munida de mais espaços verdes que a paisagem envolvente.

Na chegada de carro ao local, o edifício é tido como bastante discreto, completamente separado do espaço público da rua por um muro de pedra, semicoberto por heras que percorrem toda a sua extensão. A entrada nos limites da escola é feita através de uma passagem entre as heras, o que transmite a sensação de entrada num espaço de carácter completamente distinto da rigidez e constrangimento da rua pública. A rampa, que forma meia espiral, de acesso à entrada no edifício traz, também a ideia de descontração e brincadeira que caracteriza o local e as suas atividades.

Conforme se vai percorrendo a rampa, emergem no horizonte os espaços verdes, mencionados acima, munidos de equipamentos para o uso infantil e tem-se uma perceção elevada da envolvente, sendo ocultada, quase por completo, a presença da estrada e dos veículos automóveis.

O edifício possui três pisos, mas apesar da sua altura, não possui uma presença invasiva na envolvente próxima, sendo praticamente indetetável quando se estaciona junto à entrada na parcela. A verdadeira dimensão do edifício só é percecionada quando se atravessa o muro exterior e se começa a subir a rampa de acesso ao interior.

De forma a presenciar o máximo de momentos possíveis, o autor procurou ser o primeiro a chegar ao local, mas, por volta das 8h15, momento em que atravessa os portões e começa a subida da rampa de acesso, depara-se já com três crianças em brincadeiras aleatórias junto à porta de acesso ao edifício, completamente sozinhas, sem supervisão, sem pais por perto. Estas viriam a contrastar fortemente com a maioria das crianças, que minutos depois chegariam acompanhadas pelos pais, com sono e com alguma dificuldade em desapegar dos progenitores.

Às 8h25 chegavam as primeiras auxiliares, que, de modo, surpreendido questionavam o autor pela sua presença ali e que após uma breve explicação, o recebiam no interior do edifício, indicando a ordem habitual do programa diário no edifício: as atividades, os espaços, as pausas, as refeições, os docentes e as turmas.

As turmas são formadas por cerca de vinte alunos, distribuídos por cinco salas e organizados pelos locais de residência; sendo a turma 1 formada por crianças que habitam perto da escola e, em contraste, a turma 5 formada por crianças que habitam nas freguesias mais distantes.

A organização do dia divide-se pela manhã, das 8h30 às 12h, e a tarde, das 13h às 17h.

Escola

03/06/2019

Manhã:

8H15 - chegada / dos: 3 crianças junto à entrada
solimbas

a escola
ainda está
fechada

intervalo 8H20 - D 8H30

chegada dos trabalhadores

O movimento intensifica com a chegada de mais pais e crianças



8H30 - tou pelo edifício

piso inferior:

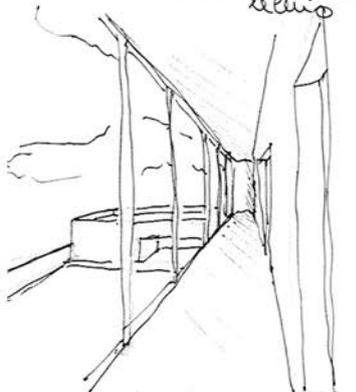
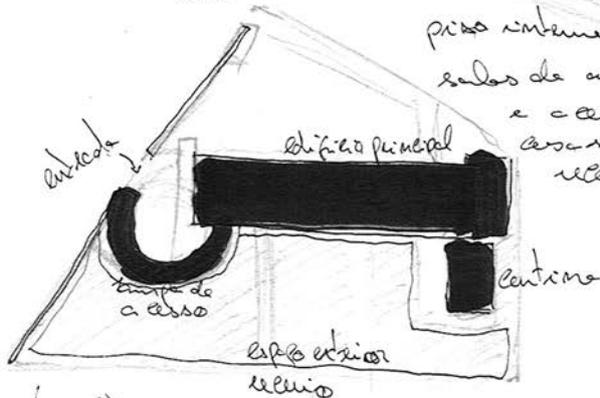
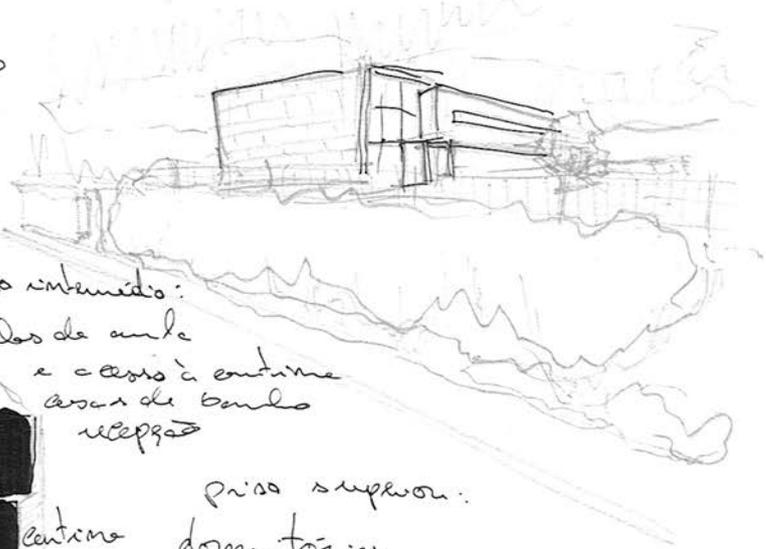
duas salas
polivalentes
aumentadas

piso intermediário:

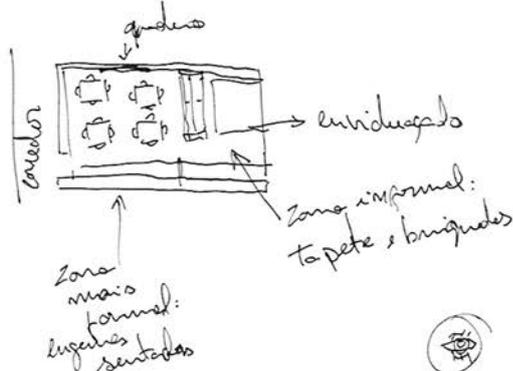
salas de aula
e acesso à entrada
casas de banho
recepção

piso superior:

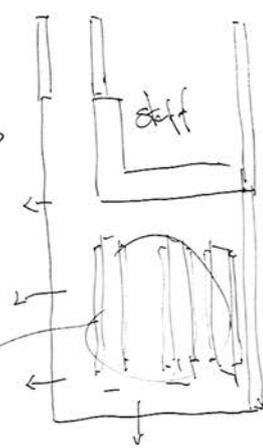
dormitórias
casas de banho
salas/gabinetes professores



corredor de acesso
distribuição pelos salas
e acesso à entrada



cantina



espaço de
reparação

FIGURA 15 - Apontamentos do autor, parte da manhã

a manhã

O processo de investigação começa pelo reconhecimento dos espaços que compõem o edifício. Após transpor o muro exterior, o acesso ao edifício faz-se pela rampa helicoidal que transporta o autor à receção. Neste espaço, encontra-se uma funcionária que recebe os pais e reencaminha as crianças às respetivas salas.

Após este espaço, segue-se um corredor estreito, envidraçado à esquerda cobrindo toda a extensão do edifício, que serve de ligação comum a todas as divisões; a primeira porta à direita remete para a casa de banho, Mais à frente começa a distribuição das salas, ocupando as seguintes 5 portas.

No fim do corredor, encontra-se a cantina onde alunos, docentes e funcionários fazem a pausa para almoçar. A entrada no espaço faz-se através de uma porta dupla e procede-se para um espaço amplo limitado por um envidraçado que se estende a todo o perímetro.

No piso inferior, encontram-se duas salas polivalentes utilizadas para atividades como sessões de cinema, peças de teatro e ginásio. No piso superior, localizam-se os dormitórios, apoiados por duas casas de banho, tal como o piso imediatamente abaixo deste.

As atividades começam “oficialmente” às 9h, quando já todas crianças se encontram presentes, e a sala de aula é o espaço de ação que ocupa toda a manhã. Este horário é maioritariamente preenchido pelo ensino direto, o professor procura que as crianças desenvolvam aptidões, focando a aula nos trabalhos manuais desenvolvendo a capacidade motora e o raciocínio rápido moldando e afinando as competências mentais.

O horário da manhã termina com a hora para almoço, por volta das 12h, e rapidamente se formam filas à saída da sala de aula para, todos juntos, se dirigirem ao espaço da cantina, onde são sentados juntamente com as outras turmas. Durante a manhã, esta é a primeira vez em que todos os alunos se juntam no mesmo espaço.

Pausa para almoço.

Tudo:

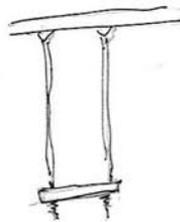
03/06/2019

Parou de almoço: 12H - 13H

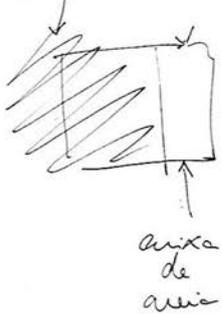
Saída da cantina e regresso às salas
Tudo é para brincar, mais liberdade e imaginação

Principais atividades:

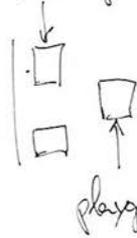
Playground - escorrega
- balanço



futebol e esportadas

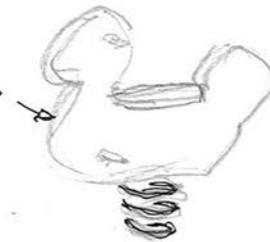


balanços



playground

molos



Regresso à sala
≈ 15H15
exercício:
desenhar espaço favorito
30 min
evitar interrupções durante

playground

escola 1 repa 2	profissões jogador de futebol	comida favorita massa e bolonhesa	desenhos animados super-heróis (?)	brincadeiras futebol
escola 2 repa 3	médico ou cabeleireiro	—	frozen e ledybug (?)	balanços e esportadas
escola 3 repa 2	mecânico ou jogador de futebol	Hambúrguer e sopa	petulho pete Honey e Ralph	balanço escorrega caixa de areia
escola 4 repa 2	polícia	—	Homem aranha e Carros	molos Carris escorrega

FIGURA 16 - Apontamentos do autor, parte da tarde

a tarde

Após o almoço, as turmas voltam às salas, mas a tarde abre espaço a uma maior liberdade e imaginação, sendo o objetivo criar uma maior autonomia no desenvolvimento de aptidões dos alunos, possibilitando que eles possam explorar e aprender através das relações com o espaço e as outras crianças.

A tarde traz atividades mais físicas e energéticas, sendo que após cerca de meia hora, os espaços exteriores começam a encher-se com crianças. Entre as que correm de um lado para o outro, as que brincam nos equipamentos infantis do parque, descendo os escorregas ou andando nos baloiços, as que vão jogando à bola ou à apanhadinha, as que brincam na caixa de areia, cria-se uma azáfama de risos e brincadeiras.

As atividades da tarde baseiam-se sempre no brincar como ferramenta de aprendizagem, dando oportunidade às crianças de aprenderem através das experiências físicas nos espaços e dos objetos, das interações com outras pessoas e com os seus próprios sentimentos. As crianças aprendem e desenvolvem-se graças às suas vivências e à sua imaginação, com o ato de brincar a ativar as partes lógicas e criativas do cérebro.³⁴ (Fromberg, 2012)

As únicas mudanças dentro das atividades planeadas para a tarde prendem-se com as condições meteorológicas, alternando entre o espaço exterior: com os escorregas, a caixa de areia e o relvado, quando está sol; e o espaço interior, nomeadamente as duas salas polivalentes do piso inferior, onde, quando chove, as crianças brincam.

Neste primeiro dia de contato com a turma, e devido ao bom tempo que viria a aparecer após uma manhã com algumas nuvens, o autor teve a oportunidade de observar e interagir com algumas das brincadeiras que se iam realizando no recreio.

Intrigadas pela presença de um elemento estranho, ou diferente, pois nesta fase do dia a maioria das crianças já revelava algum à-vontade com o autor, aproximavam-se e questionavam sobre a sua presença ali. *“O que estás a fazer?”*, *“o que são esses desenhos?”* formavam a maioria das abordagens e a partir daqui, começavam-se diálogos simples, com o objetivo de criar alguma afinidade e confiança entre o autor e as crianças.

34 Fromberg, D. (2012). What Kindergarten Should Be. Miami: Tedx Talk.

Destes diálogos, surgiam de forma muito natural e descontraída expressões de desejos de futuras profissões, comidas favoritas, desenhos animados, brincadeiras, futebol, conversas sobre a escola, sobre a casa, os pais. Grande parte da amostra identificava como local preferido a escola, é o lugar que identificam como espaço de reunião com os amigos, de brincadeira, de aprendizagem, de curiosidades.

Mais tarde, por volta das 15 horas, e quando alguns já começavam a refletir a exaustão de toda aquela liquidação de energia, que parece nunca mais acabar, o professor reúne a turma e recolhem à sala de aula para um último exercício. Este exercício fora preparado pelo autor, em função da sua investigação, e era pedido às crianças que ilustrassem o seu espaço. Um espaço que considerassem deles, sem restrições, sem regras, um local onde podiam ser elas mesmas, com toda a sua inocência e imaginação, um sítio onde pudessem realizar as atividades que mais gostavam e com quem mais gostam.

Deste exercício, com a duração de 30 minutos e evitando o diálogo entre as crianças para não influenciar as escolhas dos espaços, resultam dezasseis desenhos que refletem o espaço das crianças no território, segundo a sua própria perspectiva. Dezasseis desenhos que demonstram a necessidade e a relevância desta investigação.

Segundo o expectável, aquando da criação do exercício e tendo em conta todo o exercício de memória e de análise da vivência do autor e da vila de Ponte de Lima, os desenhos descrevem todos o mesmo tipo de espaço, uns com mais pormenor, outros menos audazes na representação, todas as crianças indicaram o parque infantil da escola como o espaço onde sentiam uma sensação de pertença, de conforto e aceitação.

Ao longo de um dia de existência, no qual fazem o percurso desde casa até à escola e no fim da tarde são recolhidos pelos familiares, atravessando diversos espaços e realidades, o local onde estas crianças se sentem elas mesmas é o parque infantil.

Apesar de um forte investimento na educação, no conforto e na segurança da comunidade dentro dos espaços urbanos, continuará a criança a ter um papel ativo na rotina diária da vila?

Após o exercício indicado pelo autor, o dia de atividades dá-se como terminado, sendo as crianças conduzidas às salas do piso superior para dormirem a sesta, enquanto

aguardam pela chegada dos pais que as vêm buscar a partir das 16 horas.

Neste espaço entre a hora da sesta e as 17 horas, que marca o término do horário laboral dos professores, o autor procura recolher algumas explicações para o resultado dos desenhos efetuados junto do professor que o desafiou para a atividade.

“É normal... Diria que 80% das crianças, que participaram no exercício, não têm grande liberdade para se expressarem e para serem elas mesmas fora do espaço da casa. A escola é, de facto, o único lugar onde podem circular de forma descontraída, onde podem brincar e imaginar. Os pais andam atarefados de um lado para o outro, preocupados com os seus trabalhos, com as suas despesas, o que, também é compreensível... E como não podem estar constantemente de vigilância, a criança é obrigada a saltar esta etapa da vida e a interação com a comunidade, o espaço público, a rua, os automóveis, nunca é desenvolvida. A vida destas crianças, fora do espaço da escola, resume-se à viagem até casa, que muitas vezes é feita de carro, e o espaço da casa não é visto como um espaço de brincar. Aqui, na escola, podem brincar, correr, gritar; algo que em casa é visto como um comportamento anormal. As geografias dos adultos divergem de tal forma das geografias das crianças, que, por vezes, os pais esquecem-se que os filhos ainda são, de facto, crianças. Tal comportamento de euforia, de anarquismo, debate-se com a imposição de limites, maioritariamente a partir do inculcar de medos, por parte dos pais, ‘não podes ir para a rua sozinho senão o homem mau leva-te’, ‘não podes gritar porque o vizinho vem cá e bate-te’, são exemplos... Portanto, resta à criança o parque infantil, o último espaço onde pode libertar-se dos medos, um espaço de segurança e conforto, onde ninguém a vai repreender por correr muito rápido, ou gritar muito alto. Muitas destas crianças, veem o parque infantil como o mundo delas, o espaço feliz. E, por vezes, apesar de a vila ter mais oferta em termos de espaços infantis, este é o único espaço que conhecem, ou que, pelo menos, visitam com frequência.” - Professor (d).

d. De modo a proteger a identidade dos participantes na investigação, o professor será simplesmente referenciado como Professor.

A primeira parte de *Perspetivas do presente*, intitulado de *primeiro contacto*, demarca o ponto fulcral para o desenvolvimento da investigação. Observa-se e analisa-se a experiência do primeiro dia de interação com as crianças e destaca-se a importância do papel da criança como parte integrante da comunidade limiana.

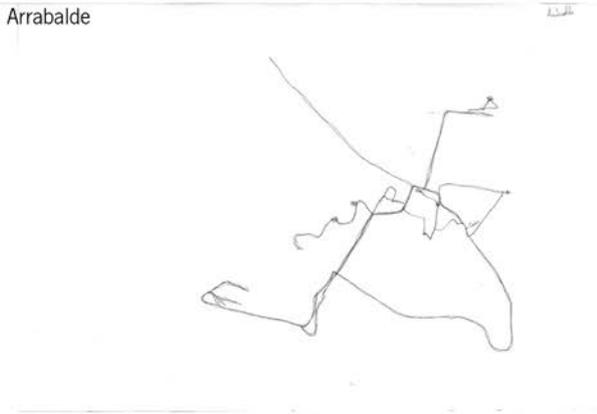
Procurando comparar o espaço habitado, descrito através da memória e das vivências do próprio autor, com o atual espaço da criança na vila de Ponte de Lima, estabelece-se o próximo passo na presente investigação.

A singularidade da vivência de cada uma das seis crianças, selecionadas de uma amostra inicial de dezasseis, procura aprofundar a investigação, incidindo na análise das suas rotinas, os seus percursos e os seus espaços, figurando mapas capazes de descrever o espaço vivido destes jovens e as suas interações e participações na dinâmica socio espacial da vila de Ponte de Lima.

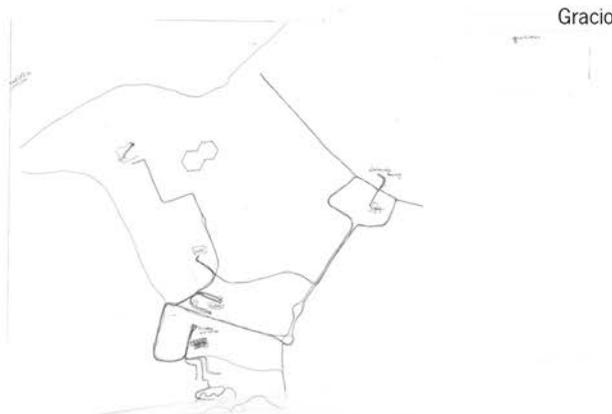
“As crianças, momentaneamente, exercitam tendências anarquistas... Elas são dedicadamente instáveis, sistematicamente subversivas e incontroláveis, e todas essas manifestações são geridas, por pouco, sob a rubrica da criatividade, autoexpressão, primitividade, simplicidade ou até ignorância.”³⁵ (Frones, Jenks, Rizzini, & Stephens, 1997, p. 260)

35 Frones, I., Jenks, C., Rizzini, I., & Stephens, S. (1997). Editorial Introduction: Childhood and Social Theory. *Childhood* 4, 259-263. "Children, on a momentary basis, exercise anarchistic tendencies... They are dedicatedly unstable, systematically subversive and uncontained and all of these manifestations are managed, barely, under the rubric of creativity, self-expression, primitiveness, simplicity or even ignorance."

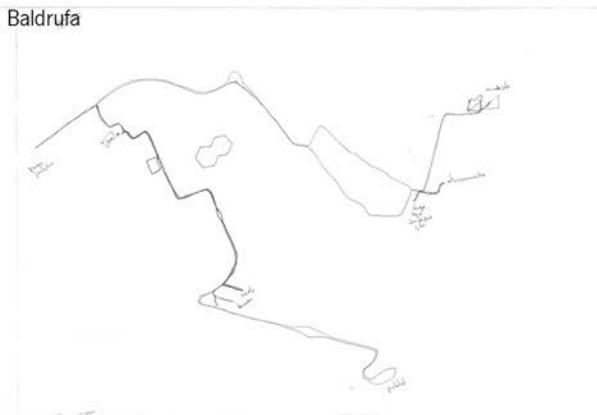
Arrabalde



Graciosa



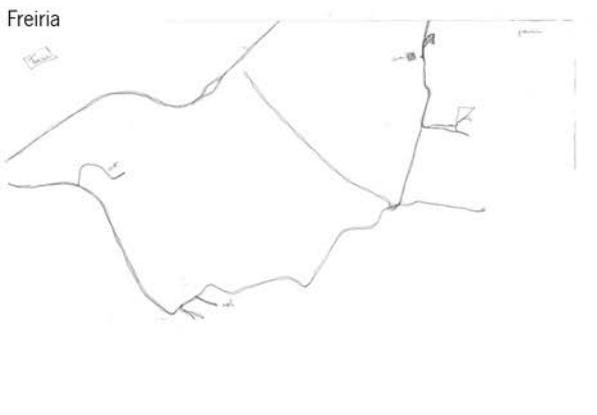
Baldrufa



Pinheiro



Freiria



Ribeira

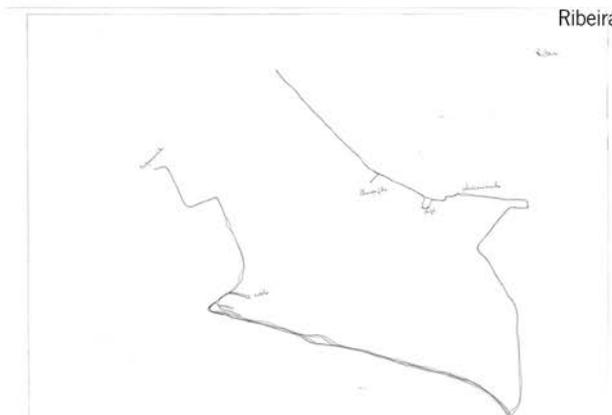


FIGURA 17 - Mapas das rotinas das crianças seleccionadas

diálogo individual

Dando seguimento a uma cadeia de raciocínio que começa com o capítulo I *Reminiscências da infância*, onde o autor reestrutura e descreve as suas rotinas, apropriações de espaço e interação com a comunidade; passando pela descoberta e primeira análise de uma amostra do presente, no capítulo II *Perspetivas do presente*, nomeadamente em primeiro contacto, segue-se o aprofundamento da análise, procurando um entendimento específico e individualizado da rotina de cada criança.

Diálogo individual foca-se na interação com seis intervenientes, todos crianças que frequentam a escola visitada pelo autor, e representa e analisa os diversos mapas das rotinas diárias destes alunos, passando o autor a ter um papel ativo, no contacto direto com membros selecionados. Assim, este ponto da investigação procura refletir o dia-a-dia de cada um, resultando num desenho final que procura resumir o território representado por esta amostra de crianças, as suas rotinas e vivências pela vila de Ponte de Lima.

O início das conversas surgiu, de forma natural, na segunda visita à escola, no dia 6 de junho. Durante a manhã, o professor permitiu que o autor construísse um diálogo individual com os alunos selecionados, de modo, a construir os mapas em conjunto.

A técnica de seleção das crianças intervenientes no estudo reflete uma ação calculada pelo autor, de forma a obter uma amostra o mais completa e diversa possível. Consequentemente, de modo a obter essa amostra heterogénea, o autor seleciona crianças que habitam realidades distintas, criando três categorias: pretendendo residentes dentro do centro urbano da vila, residentes da periferia próxima e, também, residentes das freguesias que constituem o município de Ponte de Lima.

Assim, a amostra é constituída por elementos que habitam as zonas que pertencem à primeira expansão do centro histórico, como é o caso das crianças que habitam o Pinheiro e o Arrabalde; as primeiras áreas periféricas planeadas, exclusivamente, para habitação, como a Baldrufa e a Graciosa; e as zonas pertencentes a freguesias do município, que se encontram mais desconectadas da área urbana de Ponte de Lima, como a Freiria, na margem oposta do rio Lima, e a Ribeira, a nascente do rio.

Também, dentro dos três parâmetros selecionados: proximidade ao centro histórico,

área habitacional e freguesias próximas; o autor procura ter sempre dois elementos dentro de cada categoria para proceder facilmente à comparação de realidades. O habitante do Pinheiro encontra-se dentro da mesma realidade do habitante do Arrabalde, partilham morfologias do espaço, serviços, rotinas semelhantes; e assim se processa o raciocínio dos restantes emparelhamentos.

Este processo de seleção das crianças traduz, não um ato intuitivo de questionar todos os jovens, mas sim de uma ação calculada, com um objetivo claramente traçado e com um guião da conversa bem estabelecido, com o propósito de encurtar a duração da entrevista, de modo, a evitar o desgaste e a divagação sobre temas que não ajudariam ao desenvolvimento desta investigação.

Acompanhado pelo material de registo, nomeadamente caneta, folhas de papel vegetal e cartografia do espaço da vila, o autor começa as interações com os alunos selecionados.

De modo a cumprir a legislação em vigor relativa à proteção de dados, de evitar transtornos provocados pelas exposições bastante explícitas das rotinas destas crianças e, de forma, a proteger as mesmas, optou-se, em conjunto com o professor responsável, pela opção de omitir o nome dos alunos intervenientes e da escola que os mesmos frequentam. As crianças serão referidas como Sujeito e distinguir-se-ão pela numeração atribuída conforme surgem, através de uma ordem cronológica, no decorrer da presente investigação.

Individualmente começam as conversas, com o autor a chamar uma das crianças com as quais tinha criado maior empatia e confiança, de modo a ajudar os restantes colegas a soltarem-se da vergonha e conversar sem o menor embaraço.

O Sujeito 1 descreve as suas rotinas e afazeres, explicando o local onde mora, o Pinheiro, os trajetos que faz desde que acorda até ao fim do seu dia, as brincadeiras e jogos que mais gosta e os espaços que ocupa para realizar essas atividades. Enquanto, o autor vai riscando no papel vegetal, sobreposto à cartografia da vila de Ponte de Lima, todas as movimentações e paragens da criança durante o dia. Desta forma, estabelece-se a primeira conversa do dia e o respetivo mapeamento de atividades.

De seguida, e dando continuidade à lógica de comparação entre realidades semelhantes, é chamado o Sujeito 2, residente no Arrabalde, também ele habitante de uma zona pertencente à primeira expansão do centro histórico. As mesmas questões são colocadas à criança, que, com bastante à-vontade, responde e observa o autor, como que garantindo que o registo das suas palavras é feito corretamente.

O mesmo sucede para os restantes quatro Sujeitos, seguindo o emparelhamento pensado de antemão pelo autor. Estas crianças são designadas por: Sujeito 3 – residente na Baldrufa; Sujeito 4 - residente na Graciosa; Sujeito 5 – residente na Freiria; e Sujeito 6 – residente na Ribeira.

A análise individual de cada diálogo é, então, realizada, e são organizados os mapas que o autor desenhou através da descrição de cada criança, sistematizando as rotinas próprias dos intervenientes presentes no estudo e cruzando-as, de modo a interpretar as suas pegadas, no território de Ponte de Lima, como enunciações individuais e coletivas do espaço da criança.

“Na rua, crianças e jovens passam o tempo com os seus colegas. É através dos seus diferentes usos e ocupações do espaço na rua, incluindo os seus encontros com adultos, que as crianças, rapazes e raparigas, exploram e passam a entender a sua própria presença e as perspetivas de relações sociais.”¹⁶⁶ (Christensen & O'Brien, 2003, p. 6)

36 Christensen, P., & O'Brien, M. (2003). Children in the City: Home, Neighbourhood and Community. Londres: Routledge. "In the street children and young people spend time with their peers. It is through their different uses and occupation of street space, including their encounters with adults, that young and older children, girls and boys, explore and come to understand their own present and prospective social relations and position"



FIGURA 18 - Ilustração Sujeito I

CASO DE ESTUDO - PINHEIRO



- percurso de carro
- percurso a pé
- parque radical
- jardim anexo à escola
- escola
- paço do marquês
- largo da lapa
- esplanada

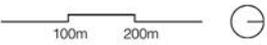


FIGURA 19 - Mapeamento da rotina do Sujeito I

caso de estudo - **sujeito I**

O primeiro entrevistado a ser abordado, referido como Sujeito I, mostra-se algo receoso quanto à atividade durante os primeiros momentos. De forma a tranquilizar e criar laços de confiança com a criança, o autor optou por começar a entrevista por pontos revistos no dia anterior, perguntando o nome, a idade, as profissões que gostaria de ter, comidas favoritas, desenhos animados e brincadeiras.

Sujeito 1, de 5 anos de idade, reside no Pinheiro, rua General Norton de Matos, gostaria de ser polícia, inspirado na função que o seu progenitor desempenha, diz não ter definida uma comida favorita, mas gosta “*muito de massa*” (Sujeito I), *Ben10* e o esportes são os seus passatempos favoritos.

Residente numa das ruas mais importantes na vila, pois foi a partir desta que o município se expandiu para sul, confessa ter um grande conhecimento dos espaços da vila, sendo frequente percorrê-los a pé. Aliás, o carro não tem grande influência na sua rotina diária, pois só o utiliza de manhã quando a mãe o traz à escola antes de ir trabalhar para a periferia da vila; o pai não utiliza o carro no dia-a-dia, sendo frequente deslocar-se ao posto de trabalho a pé, estando o posto da polícia localizado a menos de um quilómetro de sua casa.

De seguida, pede-se ao Sujeito 1 que descreva a sua rotina diária, os seus percursos e as suas paragens ao longo da jornada pela vila de Ponte de Lima. O dia começa com a saída de casa, de carro, até à escola.

Após as aulas, o Sujeito 1, sem mais obrigações para o dia, vê-se livre para explorar a vila com o seu grupo de amigos, composto por quatro crianças da mesma idade, sendo eles seus vizinhos na Rua General Norton de Matos. Esta situação altera-se, ocasionalmente, quando o pai não trabalha durante a tarde, ou quando a avó o vem buscar. Nesse caso, a criança vai a casa pousar os pertences e lanchar, saindo mais tarde para se encontrar os seus amigos.

O ponto de reunião é o portão da escola, e os percursos seguem sempre a mesma direção, descendo até ao rio. Em conjunto, percorrem o caminho inverso ao percurso de carro, passando pelo parque radical para brincar à apanhadinha ou jogar futebol.

A rua General Norton de Matos articula-se como um ponto central dos percursos, passando por lá após as aulas para deixar a mochila ou lanchar em casa de um amigo. Prontamente, deslocam-se ao largo da igreja da Lapa ou ao Paço do Marquês para jogar à bola ou percorrem a marginal até ao largo de Camões onde brincam em frente à loja da mãe de um dos seus amigos.

Existe uma tendência pela procura de um espaço onde o tráfego automóvel seja mínimo ou inexistente, e no caso do parque radical e do paço do Marquês, a utilização do espaço só é permitida se não estiver nenhum grupo de estranhos no local, explicado pela criança como uma das diretórias dadas pelos pais, para que possam brincar de forma segura.

O mapa de rotinas do Sujeito I é semelhante ao mapa elaborado a partir da experiência do autor, no capítulo I, existindo uma tendência para a deslocação pedonal pelo território, apropriando-se dos espaços que serve de ligação entre a escola, a sua casa e o centro da vila. A margem norte do rio Lima mantém-se inexplorada.



FIGURA 20 - Ilustração Sujeito II

CASO DE ESTUDO - ARRABALDE

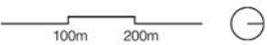


FIGURA 21 - Mapeamento da rotina do Sujeito II

caso de estudo - **sujeito II**

O Sujeito 2, talvez pela reação expressa pela criança entrevista anteriormente, assumiu a atividade com grande à-vontade. Energético e bem-disposto, começou logo por se apresentar, sempre atento aos apontamentos que o autor ia tirando no papel vegetal.

Sujeito 2, de 6 anos de idade, reside na rua do Arrabalde e afirma que já é o segundo ano que frequenta esta escola, explicando o seu conforto, descontração e maturidade no modo como interage com o autor. Quer ser piloto de carros porque diz ter bons reflexos e gostar de velocidade, declarando-se um apaixonado pelo filme infantil *Carros* e acompanha as corridas de Fórmula 1 na televisão com o pai, ao fim de semana após a missa.

Residente numa via de sentido único, que marcou a expansão do centro histórico para nordeste, grande parte do seu percurso diário faz-se de carro. De manhã, faz a ligação entre casa e escola é feita de carro, percorrendo toda a rua do Arrabalde, virando à direita em direção à adega municipal e hospital Conde de Bertiandos, posteriormente subindo parte da avenida António Feijó, a principal artéria de ligação ao centro histórico, e percorrendo a estrada nacional N203 até à entrada da escola.

Ali, permanece até às 17 horas, altura em que o pai, vindo do trabalho o recolhe e o leva para casa novamente, passando pela N203, descendo a avenida António Feijó, contornando o largo de Camões e acessando, por fim, à rua do Arrabalde. Face às recentes remodelações do piso nesta mesma rua, cujo acesso automóvel esteve proibido, o sujeito seguia um caminho alternativo que acompanhava a marginal de São João, utilizando o parque da Expolima para estacionamento do veículo.

Após deixar a mochila em casa, acompanha regularmente o pai até ao largo de Camões, onde lancha e se reúne com os amigos. A partir deste ponto, considera a marginal do rio como um local onde se sente confortável.

As deslocações no território decorrem ao longo do passeio 25 de Abril prolongando-se até à alameda de São João, mas por uma questão de segurança, brincam apenas no espaço pedonal da alameda ou, com pouca frequência, no espaço que compõem o areal, ditado pela circulação e estacionamento automóvel.

“(...) não podemos brincar no passeio porque passa muita gente, não podemos brincar no areal porque tem sempre carros, então vamos para São João.”
(Sujeito II)

Durante a semana este é o espaço que, normalmente percorre, esticando os limites para sul, caso acompanhe o pai à farmácia ou à igreja no final do dia. O fim-de-semana traz outro espaço que os pais ainda não o deixam percorrer sem a sua supervisão, o parque do Arnado, *“que fica do outro lado da ponte e tem um escorrega e baloiços”*. (Sujeito II)

Para já, o rio funciona como o seu limite territorial, mas a criança acredita que, aos poucos, os pais o venham a deixar percorrer sozinho os espaços na margem norte do rio Lima.

Comparativamente ao Sujeito I, o Sujeito II carece de deslocamentos pedonais, utilizando o carro para efetuar as deslocamentos de casa para a escola e vice-versa. As suas apropriações espaciais limitam-se aos espaços percorridos sob a vigilância dos pais ou acompanhado pelos amigos quando utilizam a alameda de São João para brincar.



FIGURA 22 - Ilustração Sujeito III

CASO DE ESTUDO - BALDRUFA

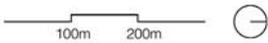


FIGURA 23 - Mapeamento da rotina do Sujeito III

caso de estudo - **sujeito III**

Dentro da sala de aula é possível perceber as dinâmicas de cada criança, pela forma como reage e relaciona com os outros. Neste tipo de cenários, compostos por crianças entre os quatro e os seis anos de idade, é recorrente a euforia e o entusiasmo por estarem rodeados de amigos e de diversas atividades.

O Sujeito 3, de 5 anos de idade, difere da restante amostra pela forma como se posiciona e relaciona com a sua envolvente. Claramente constrangido e desconfortável opta por ficar sozinho no seu espaço, ignorando por completo a azáfama que se vai desenrolando na sala.

A abordagem ao Sujeito 3 procura, à imagem do Sujeito 1, criar alguma confiança e conforto no diálogo entre este e o autor. O modo como se coloca à parte do restante grupo é descrito como sendo resultado do pouco tempo passado naquela turma: começou a frequentar esta escola há pouco mais de três meses, quando os pais se mudaram de uma freguesia na periferia para a urbanização da Baldrufa, na rua João Marcos.

Descreve que a sua rotina diária assenta, maioritariamente, na circulação automóvel pois os pais ainda não o deixam andar sozinho na rua sendo que a mãe o vai levar e buscar, no final do horário escolar, de carro. Para além do trajeto casa – escola e escola – casa, desloca-se até ao campo de futebol do Cruzeiro, duas vezes durante a semana, para treinar na A.D. “Os Limianos” e ocasionalmente ao fim de semana quando é convocado para um jogo.

Admite ser um apaixonado por futebol e tem como referência o “(...) *Marcelo do Real Madrid, que também joga na mesma posição que eu*” (Sujeito III), confessando-se, da mesma forma, inspirado pelos astros que ocupam o topo das tabelas do futebol mundial como Ronaldo e Messi, apesar de jogarem noutras posições que não a dele.

Quando questionado em relação às brincadeiras que prefere e aos locais onde se sente mais confortável, o Sujeito 3 refere a casa como o espaço onde se sente mais seguro, apesar de declarar que gostaria de ter uma casa com mais espaço que o apartamento que habita, ou “(...) *com jardim para poder correr e jogar à bola com o meu pai.*” (Sujeito III)

Não é frequente utilizar os espaços da vila para brincar, embora, por vezes, e depois de os pais tomarem café no largo de Camões, percorram a ponte velha até à outra margem do rio, passando o fim de tarde a brincar no parque infantil, antes de voltar a casa.

No caso do Sujeito 3, o contacto com os espaços da vila prende-se unicamente com as atividades desenvolvidas em parceria com os seus progenitores, sendo que a única autonomia de que usufrui encontra-se encerrada pelos limites da casa que habita.



FIGURA 24 - Ilustração Sujeito IV

CASO DE ESTUDO - GRACIOSA



FIGURA 25 - Mapeamento da rotina do Sujeito IV

caso de estudo - **sujeito IV**

A meio da manhã e, quando algumas crianças já haviam terminado as tarefas propostas pelo professor, o autor descobre o Sujeito 4 a brincar no tapete da sala com o seu grupo de amigos.

As idades dentro do grupo variam entre os 4 e os 5 anos de idade, sendo que dois amigos esperam pelo aniversário a realizar-se, ainda, este ano. Todos habitam ou possuem familiares com casa na Quinta da Graciosa, uma das primeiras zonas dedicadas exclusivamente ao uso habitacional no município.

O Sujeito 4 conta como se conheceu o grupo, descrevendo, a história de cada membro: *“ele mora mesmo ao meu lado e somos amigos à muito tempo, os nossos pais trabalham juntos e costumamos andar na casa um do outro”* (Sujeito IV)– apontando para o amigo à sua direita; *“ele não mora lá, mas a avó tem casa lá, e no fim da escola, ela vem-nos buscar e vamos todos juntos para casa”*(Sujeito IV) – apontando para o amigo à sua frente; *“e ele é meu primo, vem sempre brincar connosco e os meus tios vêm buscá-lo ao fim do dia”* (Sujeito IV)– indicando o amigo ao seu lado esquerdo.

Esta criança gosta quando a avó do amigo a vem buscar à escola, porque depois de lanchar, deixa-os brincar cá fora e, se ainda for cedo, podem ir até ao parque da Vila, localizado atrás do pavilhão municipal, onde existe um parque infantil com escorregas, baloiços e molas, espaço para jogar à bola e correr.

Ao fim de semana, também usa este espaço para andar de bicicleta, algo que confessa ainda estar a aprender e gosta do parque porque também há mais jovens, como ele, a começar a pedalar.

Fora das proximidades da Quinta da Graciosa, os percursos efetuados são feitos através do uso do automóvel, algo que diz não o fascinar. Este jovem associa o carro ao aborrecimento, espelhando-se na sua reação sempre que a mãe o vai buscar à escola e não a avó do amigo. A mãe, após recolher a criança, vai até ao supermercado fazer as compras de mercearias para a semana, algo que impede o Sujeito 4 de estar a brincar com os seus amigos no parque da Vila.

Ocasionalmente, durante o fim de semana, os progenitores aproveitam a tarde para passear pelo centro histórico de Ponte de Lima e o Sujeito 4 aproveita para praticar a sua capacidade de dirigir a bicicleta, servindo-se do passeio 25 de Abril, na margem sul do rio Lima, para brincar.

As interações do Sujeito 4 com o espaço público marcam-se pela envolvente próxima à Quinta da Graciosa, onde a criança afirma não existir praticamente trânsito automóvel, o que potencia as brincadeiras na rua. Também a proximidade a casa e a uma vizinhança vigilante e atenta, ajuda a que o grupo de amigos possa vivenciar aquele território de forma descontraída e segura.



FIGURA 26 - Ilustração Sujeito V

CASO DE ESTUDO - RIBEIRA

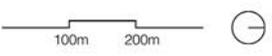
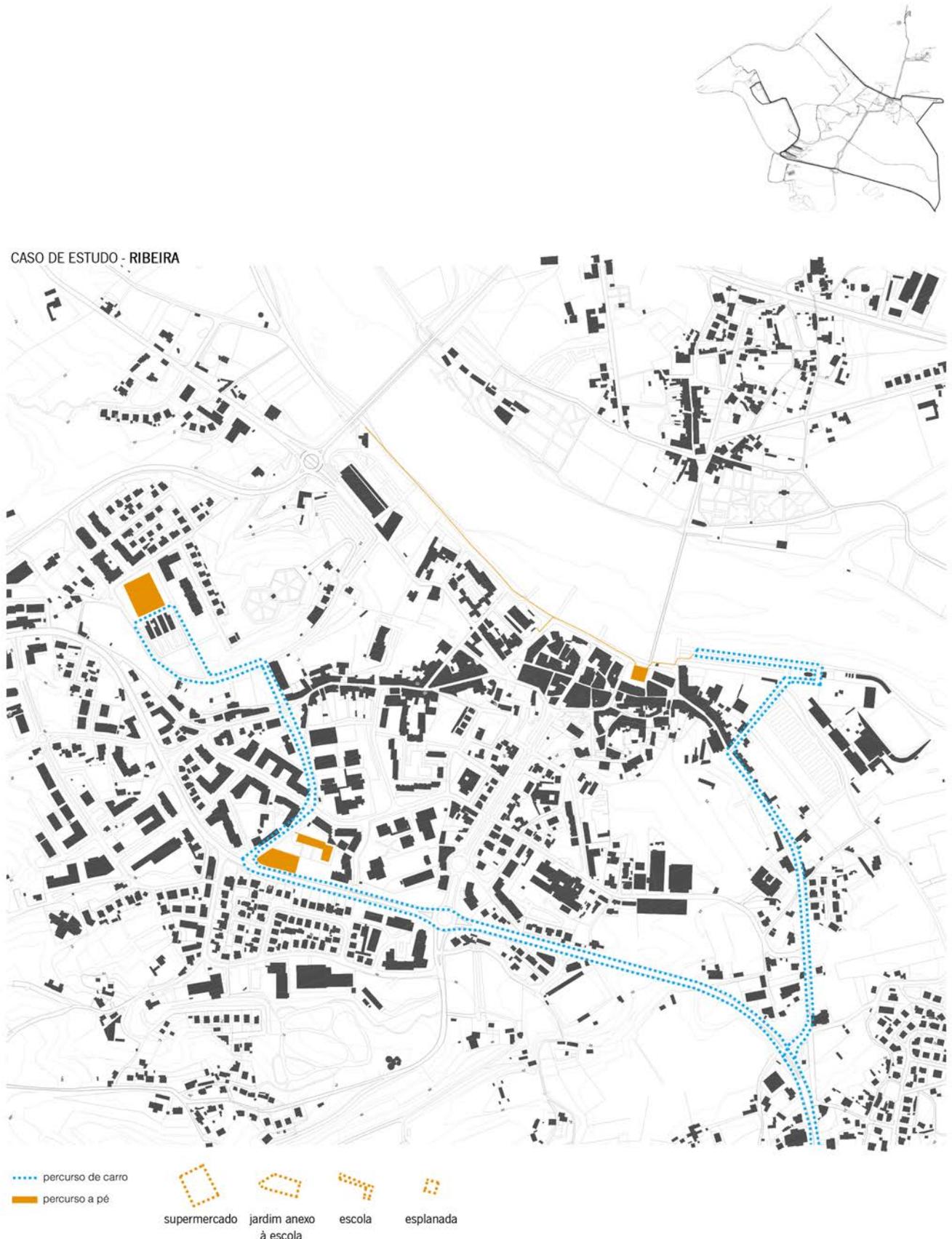


FIGURA 27 - Mapeamento da rotina do Sujeito V

caso de estudo - **sujeito V**

Neste momento, o entusiasmo das entrevistas já estava instalado dentro da sala de aula, sendo que todas as crianças aguardavam o fim dos diálogos para perceberem se seriam chamadas para participar na atividade.

Tendo, na amostra, casos de estudo do centro e periferia próxima da vila, o autor discute com o professor de modo a perceber quem seriam os alunos que habitam as áreas mais afastadas do centro do município. Desta forma, o autor pretende diversificar a sua amostra para que o estudo seja o mais completo possível.

Assim, surge o Sujeito 5, com 5 anos de idade, residente na freguesia da Ribeira, a aproximadamente quatro quilómetros do centro da vila de Ponte de Lima. Revela-se bastante confortável com o diálogo e mais energético que a restante turma, que aos poucos se vai despertando e animando.

O seu percurso diário é feito maioritariamente de carro, percorrendo a estrada nacional N203 que liga Ponte da Barca a Ponte de Lima, passando em frente a sua casa e apanhando a envolvente próxima da escola. O único desvio efetuado é na rua do Sobral, onde se localiza o portão de acesso ao estabelecimento de ensino.

O seu tempo fora de casa é passado, principalmente, dentro do terreno da escola, pelo que o Sujeito 5 define o seu espaço de conforto como sendo o parque infantil no jardim em frente às salas de aula. É, aqui, que tem a oportunidade de se relacionar com outras pessoas, ainda que sejam, em grande parte, da sua faixa etária, pois, segundo conta, na sua freguesia não existe um espaço público apropriado para as crianças e adultos. A reunião das pessoas é feita em torno da igreja ou do café, e *“(...) os meus pais não me deixam brincar junto à igreja”* (Sujeito V), por isso sente que os espaços da freguesia não proporcionam o contacto entre as diferentes faixas etárias.

Na vila, para além da escola, frequenta mais dois espaços: o supermercado e o passeio junto ao rio. O supermercado é local de passagem após as aulas, quando a mãe sai do trabalho e o recolhe.

O passeio 25 de Abril é, habitualmente, percorrido ao fim de semana, quando os pais, após o almoço vêm passear pela vila, estacionando o carro na alameda de São

João, e percorrendo a pé todo o comprimento da marginal até ao fim da avenida dos Plátanos.

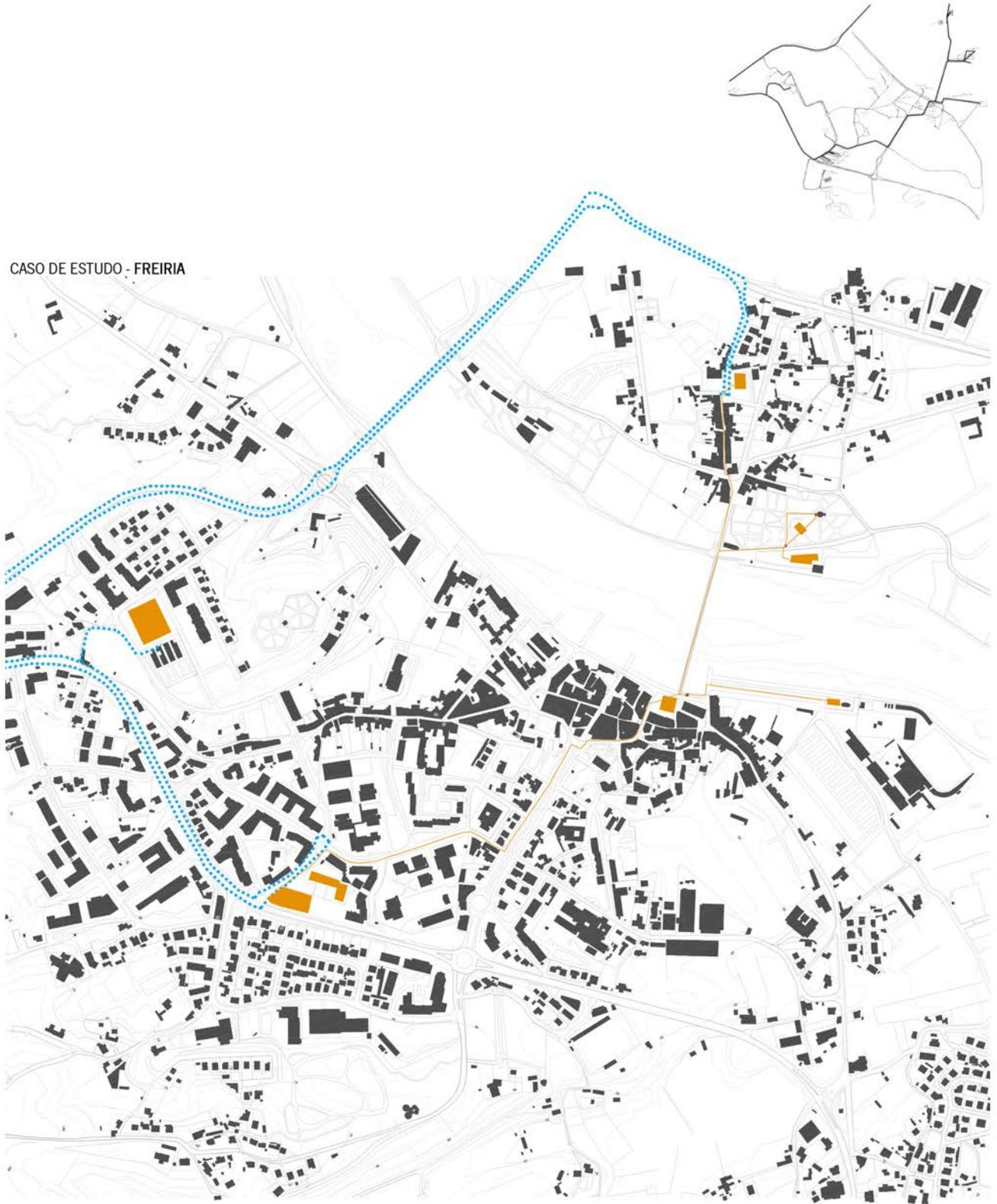
Quando questionado em relação a outros espaços que vivencie na vida, diz não conhecer muito mais, sendo a sua apropriação limitada ao espaço da escola, do supermercado e da marginal sul do rio Lima.

A distância da sua residência ao centro da vila faz com que o contacto com este espaço seja praticamente nulo. Também a autonomia e a capacidade de se aventurar pelo espaço público torna-se reduzida, face à inexistência de locais que o sujeito possa apropriar para brincar na sua freguesia.



FIGURA 28 - Ilustração Sujeito VI

CASO DE ESTUDO - FREIRIA



percurso de carro
percurso a pé

- supermercado
- jardim anexo à escola
- escola
- esplanada
- parque infantil
- igreja S. João
- arnado
- largo da freiria

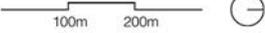


FIGURA 29 - Mapeamento da rotina do Sujeito VI

caso de estudo - **sujeito VI**

O último caso de estudo selecionado viria a ser uma das crianças com quem o autor se tinha deparado no primeiro dia de presença nas atividades da escola. Quando o mesmo chegou à escola, no dia 3 de junho, pelas 8h15, já se encontravam algumas crianças a brincar no parque infantil. Curioso com a presença dessas crianças no parque, numa altura em que a escola ainda estava fechada, o autor aproxima-se do grupo onde estas crianças estavam para começar a entrevista.

Este grupo é composto por três jovens, todos com 5 anos de idade, e são todos residentes no largo da Freiria, na freguesia de Arcozelo. Partilham boleia de automóvel para a escola, atravessando a ponte Nossa Senhora da Guia e percorrendo o cinturão de circulação externa à vila de Ponte de Lima, composto pelas estradas nacionais 201 e 203, até chegarem à escola.

A boleia é oferecida pelo pai de uma das crianças que trabalha no centro histórico da vila, e cujo horário de trabalho começa às 8h30 e termina às 17h30. Deste modo, as crianças são deixadas na escola por volta das 8h15 e aproveitam os quinze minutos antes do início do horário escolar para brincar no parque infantil.

O Sujeito 6 diz não se importar de chegar mais cedo à escola e revela que os quinze minutos antes de chegar o professor passam rapidamente, pois está *“(...) divertido a brincar com os meus amigos”* (Sujeito VI).

Esta criança considera que o automóvel é um meio de transporte eficaz e agradável para vir para a escola ou ir ao supermercado, mas, apoiado pelos amigos, prefere deslocar-se a pé.

Após o término das aulas, o grupo de amigos não têm quem os venha buscar e esse fator dá-lhes a oportunidade de explorar alguns espaços da vila. O facto de o pai trabalhar dentro do centro histórico, junto ao largo de Camões, possibilita que se desloquem até ao centro a pé.

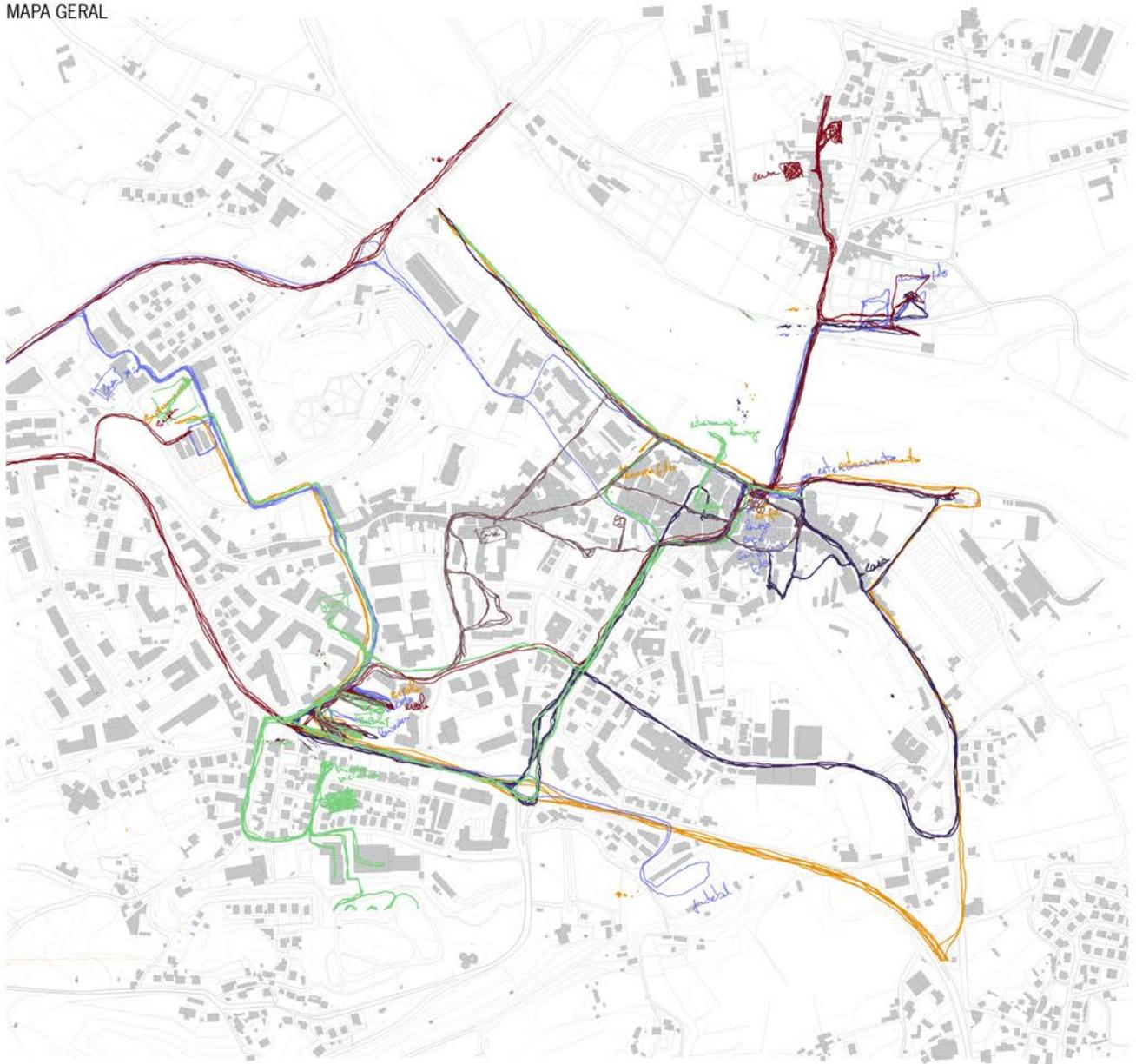
O largo de Camões serve de suporte às suas brincadeiras, pois é um local onde o pai os pode vigiar sem se ausentar do trabalho. Aqui, brincam à apanhada e servem-se da imaginação para transformar os bancos públicos em carros, motas e aviões.

Quando pretendem jogar à bola, deslocam-se à alameda de São João, onde “(...) não há carros e há menos pessoas a passar, o meu pai só nos deixa usar a bola lá” (Sujeito VI).

Assim que acaba o horário laboral do pai, reúnem-se e atravessam juntos a ponte velha em direção a casa. “Se o meu pai deixar, ficamos no parque do Arnado a brincar, gostamos do escorrega e dos baloiços” (Sujeito VI), se o pai não permitir, seguem para o largo da Freiria, onde utilizam o jardim que se encontra no centro do largo para brincar, descontraír ou simplesmente conversar.

A forte sensação de comunidade dentro deste espaço permite que os miúdos brinquem de forma protegida, investindo na criação de laços de confiança, de segurança e bem-estar dentro do território.

MAPA GERAL



- | | | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  Sujeito I |  Sujeito III |  Sujeito V |
|  Sujeito II |  Sujeito IV |  Sujeito VI |

FIGURA 30 - Sobreposição das rotinas recolhidas

mapa geral

Concluindo o diálogo individual, a segunda parte de *Perspetivas do presente*, representado no contato com uma parte da comunidade limiana, as crianças, dentro do seu espaço na vila, as diversas interações retratam o conjunto de percursos realizados, relações e apropriações do território em análise. A partir das representações das histórias pessoais de cada criança pretende-se caracterizar a vila de Ponte de Lima através das ações e movimentos efetuados, como um território que suporta uma malha de rotinas interligadas (Figura 30).

A recolha e análise dos mapas pessoais, representantes das histórias desenroladas no espaço da vila, a reflexão nas ações comuns dos intervenientes e as analogias que permitem ligar os diferentes espaços, permitem que cada mapa seja definido como um componente vital da vivência da comunidade que habita a vila de Ponte de Lima. Cada representação das descrições efetuadas pelas crianças abordadas, enunciando as suas rotinas diárias, reproduz uma das partes que possibilita a idealização dos espaços da vila como um lugar vivenciado pelas crianças, não como elemento separado, mas em sintonia com a restante população.

Assim, nesta fase da investigação, a componente individual ganhou maior ênfase, incidindo sobre a exploração da apropriação do espaço e a vivência desenvolvida por cada um dos elementos estruturantes do diálogo individual, permanecendo ainda por investigar as semelhanças na relação entre as rotinas das crianças inquiridas e, posteriormente, compará-las com a vivência pessoal do autor, durante a sua infância, no espaço da vila.

A forma de analisar a vila de Ponte de Lima, durante este momento da investigação, traduz-se na metodologia de estudo dos espaços: da ação enunciada pelo traço à representação do espaço vivido, que se forma pela junção das ações no território. Assim, este olhar o território compõe-se pela compreensão detalhada das ações no espaço, dando forma à vivência comum representada por esta amostra. Olhar Ponte de Lima através das conversas e dos mapas obtidos durante o diálogo com as crianças, pretende reconhecer a importância de uma interpretação e do espaço da criança no território e na comunidade que habita a vila.



FIGURA 31 - Espaços mais frequentados, segundo os relatos obtidos

Portanto, procede-se, por fim, à análise geral da informação recolhida, utilizando como ferramenta o conjunto dos seis depoimentos das crianças e os mapas criados a partir destes, focando o processo nos locais de paragem, que estes jovens associam como sendo o seu espaço de conforto e segurança; e nos percursos que interligam estes espaços.

A sobreposição dos mapas pessoais funciona como método principal de análise, pois permite a comparação de dados entre cada uma das crianças, e a recolha de pequenas notas ou referências ao longo das conversas ajuda a estabelecer a unidade entre o discurso e o desenho, auxiliando na compreensão do espaço da vila.

Deste modo, procura-se estabelecer um olhar comum, o habitar infantil sobre o território de Ponte de Lima através das rotinas destas mesmas crianças. Avaliando as relações e semelhanças do percurso diário efetuado pelas crianças, existem espaços que surgem, recorrentemente, associados às atividades desenvolvidas.

O caso mais flagrante é o espaço da escola (Figura 31), que é considerado como o espaço mais representativo do habitar comum nos mapas realizados através do diálogo com as crianças. Reflete o espaço diário partilhado por todos e que mais tempo preenche na rotina diária comum destas crianças. Adjacente a este espaço, surge, também, uma nova área com um grande fluxo infantil, que inclui o jardim da Escola, com um parque infantil, um campo de basquetebol e um ringue de futebol.

Este jardim é retratado como um espaço polivalente, capaz de suportar a versatilidade das brincadeiras (baloços, escorrega, molas, futebol, basquetebol, equipamentos de manutenção física, pista de corrida) e lazer dos jovens, possuindo uma área extensa de relvado, limitada, quase na totalidade, por vegetação que permite um distanciamento de segurança da intensa circulação automóvel da estrada nacional 203. A proximidade deste espaço a uma maior centralidade de habitações, serviços e, especialmente, escolas, torna obsoleto o parque da Vila, situado nos limites da freguesia a Este.

Em segundo lugar, e com um fluxo menor de crianças, apresenta-se a avenida dos Plátanos, juntamente com a marginal do rio Lima até ao fim do passeio 25 de Abril, que apesar de não ser retratada nos mapas de todos participantes, é tido como um espaço com alguma aderência por parte das crianças, pois abrange funções diversas, aparecendo, essencialmente, nos passeios de fim de semana com os pais.

Aqui, as crianças consideram ter a possibilidade de, através da imaginação, desempenhar diversas atividades relacionadas com o brincar, dada a amplitude e abertura do espaço aos mais diversos programas; e de interagir com diferentes públicos, pois é um dos espaços que recebe mais locais e turistas promovendo os convívios e encontros, o exercício físico, as ligações com a vila e as permanências nos bancos de jardim que se viram sobre o Lima.

Também o espaço do largo de Camões é algumas vezes referido, retratando-se como um dos principais lugares da vila, sendo utilizado, maioritariamente, como um espaço de convívio, com as frequentes paragens nas esplanadas dos pais das crianças, para tomar café ou lanchar durante as atividades do fim de semana.

Dentro dos espaços mais frequentados pela população infantil, o parque do Arnado, surge como o único espaço projetado, exclusivamente, para o lazer e ócio da comunidade. Curiosamente, a frequência de ocupação dos seus espaços só se torna relevante ao fim de semana, sendo que, segundo os relatos, a distância à zona de escolas e restantes serviços impede as crianças de usufruírem deste local ao longo da sua semana. Pelo mesmo motivo, e localizando-se na margem oposta à vila de Ponte de Lima, a utilização deste espaço só acontece quando existe acompanhamento dos progenitores.

Percebe-se, ainda que espaços como o parque da Vila, o parque radical, o largo da Lapa e o paço do Marquês não são considerados como lugares pertencentes às rotinas comuns das crianças que habitam a vila de Ponte de Lima, apesar de possuírem características como a versatilidade de funções, amplitude de espaço e distanciamento face à circulação automóvel, que potenciam a utilização diária destes locais pela faixa etária mencionada.

Deste modo, é criada uma clara desconexão dos espaços que envolvem a zona escolar e os que envolvem o centro histórico. Assim, a criança que frequenta o jardim da escola raramente frequenta os espaços junto ao centro histórico e vice-versa, salvo a exceção do fim de semana onde a seleção de percursos e rotinas é definida, em grande parte, pelos pais da criança.

Na descrição dos percursos, é vulgar a menção de espaços como o supermercado Continente e outras superfícies comerciais, no entanto, as mesmas não correspondem a locais de permanência ou apropriação, apenas locais de serviços ou de passagem,

geralmente percorridos de automóvel, e aos quais, as crianças entrevistadas, não referiram qualquer tipo de actividade relacionada com o brincar.

Perspetivas do presente procura retratar e compreender as rotinas das crianças de hoje, permitindo uma análise atual da participação da criança na comunidade da vila de Ponte de Lima, a partir da ótica das mesmas, do diálogo, da descrição do seu dia-a-dia e das suas relações com o espaço e as pessoas que o habitam.

Assim, caracterizando a vila, não apenas através do espaço físico que a compõe, mas através do espaço vivenciado pelas crianças que a habitam, pelas suas rotinas, pelos seus percursos comuns.

Capítulo III. **CONECTAR**

Conectar

Após a apresentação dos dados da informação recolhida no capítulo II, *Perspetivas do Presente*, onde foram compiladas as rotinas diárias do conjunto de crianças selecionadas, torna-se essencial resumir e comparar as diferenças e os pontos comuns das ações desenvolvidas pelas crianças entrevistadas e pelo autor, durante a sua infância, conforme a informação disposta no capítulo I, *Reminiscências da Infância*.

Servindo-se do mapa comum das rotinas praticadas pelas crianças na vila (Figura 31), o capítulo *Conectar* surge com a necessidade de entender a ligação da criança com os espaços vividos de Ponte de Lima, funcionando como catalisador da investigação. Este último capítulo aborda e propõe ações que refletem e constroem o habitar comum da criança no espaço da vila.

Assim, são explorados os pontos fundamentais para a elaboração do espaço público, de utilização e apropriação coletiva, através dos conceitos presentes na análise inicial à infância do autor, permitindo a conexão espacial entre locais e grupos etários, estimulando a convivência da criança com o espaço e com a população.

Do processo de análise às rotinas da criança do passado, representada pelo autor, em *Reminiscências da infância*, e das crianças de hoje, investigadas no capítulo II, *Perspetivas do presente*, manifesta-se o propósito da investigação, seguida da necessidade de conectar rotinas e vivências dos diferentes componentes do território de Ponte de Lima. Desta forma, tenciona-se explorar a apropriação e o contacto entre espaços, estimulando uma vivência infantil integrada na rotina comum, beneficiando de uma maior ligação entre os habitantes e potencializando espaços praticamente inativos na vila.

As crianças selecionadas para análise mantêm-se como o foco principal da investigação, sendo a vivência do autor, enquanto criança, no espaço da vila, usada como ponto de comparação e exemplo de soluções para os espaços cuja utilização e apropriação diminuiu com o passar do tempo.

O mapa comum do habitar das crianças sobrepõe-se ao mapa do habitar do autor, como ferramenta de comparação entre os diferentes tempos e espaços vividos.

Conectar confronta a rotina das crianças estudadas, operando como o modelo comum de vivência do espaço da vila no presente; com a rotina do autor, viajando ao tempo em que este era criança; para assim expor as diferenças no habitar do território enquanto parte integrante da sociedade e a partir destas conclusões, entender as estratégias capazes de ligar espaços e pessoas, reconquistando locais da vila para a apropriação da criança.

apropriação de espaços, refletidos no habitar infantil do autor

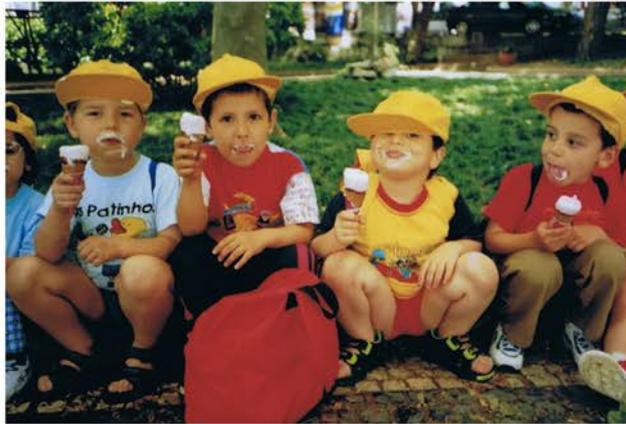
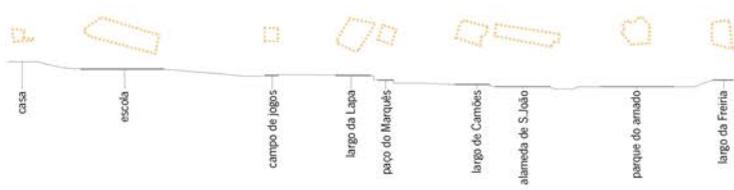


FIGURA 32 - Fotografias do autor durante a sua infância



cota superior >45m cota intermédia 20 - 45m cota inferior 0 - 20m



casa escola campo de jogos largo da Lapa paço do Marquês largo de Cambões alameda de S. João parque do amado largo da Freira

percurso a pé

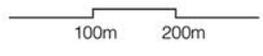


FIGURA 33 - Espaços ocupados pelo autor

espaços do autor

Da revisita ao passado do autor, recolhem-se um conjunto de mapas e descrições que configuram as histórias espaciais da infância do mesmo: o espaço da casa, o exterior próximo que envolve o seu prédio e a vila de Ponte de Lima. A partir das histórias espaciais interpretam-se as ações, as atividades diárias e os programas que compõem a sua rotina, dando origem à pesquisa dos hábitos e percursos que o mesmo partilhava com os seus amigos, num habitar comum do território.

Espaços do Autor transmite a reflexão das particularidades da interação do autor com os espaços e identifica a rotina comum compartilhada com as restantes crianças que o acompanham.

Desta forma, espaços do autor descreve não só a sua própria rotina, como a vivência comum do grupo de crianças com quem brincava, resultando num mapa de ações espaciais coletivas que representam uma infância particular vivida entre os anos de 1999 e 2001 na vila de Ponte de Lima.

As interações com os espaços da vila são representadas na Figura 33, descrevendo a rotina do autor e dos seus amigos, demonstrando o fluxo das atividades diárias praticadas, os locais com maior e menor frequência e apropriação infantil e os percursos que unem estes mesmos pontos, resultando num mapeamento da ação humana no território, onde nem sempre é possível definir os limites físicos e concretos presentes no espaço. Assim, este mapa representa a personificação dos atos e percursos experienciados pelo autor na vila.

Como forma de expressar os locais de permanência mais utilizados pelo autor, representa-se através da mancha os aglomerados de atividades diárias desenvolvidas, ligados pela ramificação dos percursos, conectando a sua casa à escola e às restantes partes da vila como o centro histórico e as margens do rio Lima, resultando na elaboração do desenho da sua apropriação espacial no território.

Esta primeira representação da vila, segundo a perspetiva do autor enquanto criança, apresenta um cenário de histórias, comuns e pessoais, um explorar de uma grande extensão do território que conecta as diferentes cotas (desde a sua casa, 45 metros acima do rio Lima até às margens do rio) presentes em Ponte de Lima e uma partilha

do espaço público com os diferentes grupos etários que o habitam. Deste modo, a superfície ativa exhibe uma pertença sobre os principais espaços da vila, traduzindo a ação do autor como parte integrante da rotina comum do município.

Através do mapa pessoal, é possível perceber as diferenças de intensidade na mancha, representando os níveis de frequência da utilização dos espaços analisados. Estes definem quatro zonas cuja relevância no dia-a-dia do autor é maior: a sua habitação e envolvente próxima, por onde começa o seu dia; a escola, que ocupa a sua manhã e parte da tarde; o centro histórico, destino final antes do regresso a casa, no fim de cada dia; e o espaço que conecta a escola a este mesmo centro, que envolve o largo da Lapa e o paço do Marquês, onde todo o percurso é intercalado com o brincar com os amigos.

a ligação

Da mancha de apropriação traçada pela ação do autor e dos seus amigos no espaço da vila, são destacadas as principais zonas da rotina diária, segundo a perspectiva do autor, e é elaborada o mapa (Figura 33) onde se resume a junção dos espaços vitais e dos percursos que os conectam no dia-a-dia.

Para perceber e interpretar as analogias expostas pelas ações no espaço e os desafios impostos do território, é necessário entender as especificidades cada espaço e a diferença topográfica entre eles.

O centro histórico, é tido pelo autor como o local de maior afluência populacional, devido ao número de serviços comerciais e municipais, este insere-se na cota inferior da vila, compreendida entre os zero e os vinte metros acima da linha de água, representada pelo rio Lima, contrastando com as cotas superiores que possuem uma maior presença da população juvenil, nomeadamente a zona escolar e de habitação.

A zona escolar e de habitação encontra-se numa plataforma distinta do centro histórico, acima dos vinte metros a partir do rio, estendendo-se até aos cinquenta metros, criando uma fronteira física que separa a ligação entre os espaços utilizados pelas crianças. Deste modo, os espaços encontram-se divididos pelas cotas que os contêm: - zona de habitação, cota superior a quarenta e cinco metros; - zona escolar, cota superior a vinte metros; e - centro histórico.

Incidindo na conexão entre os espaços da zona escolar e centro histórico, que são percorridos sem o auxílio de um veículo automóvel, a diferença de cotas é vencida pela forma como os espaços localizados entre si, possuem uma grande apropriação pela população infantil, agindo como uma série de plataformas que unem os dois espaços, compreendendo o campo de jogos, o largo da Lapa e o paço do Marquês.

Estes espaços permitem que a distância entre a escola e o centro histórico seja atenuada, apresentando-se como suportes para a rotina diária da criança, lançando um fio condutor que sustenta uma segura deslocação ao longo do percurso de acesso à cota inferior da vila, através da capacidade física e social de receber o ato de brincar na extensão do território.

Assim, a criança vê-se completamente integrada no território que habita, intercalando o brincar com a rotina diária de outras faixas etárias, com quem se cruzam e compartilham os espaços da vila.

casa – escola – brincar – centro histórico – casa

apropriação do espaço dentro do parque infantil



FIGURA 34 - Fotografias captadas pelo autor, *playground* no parque da Vila

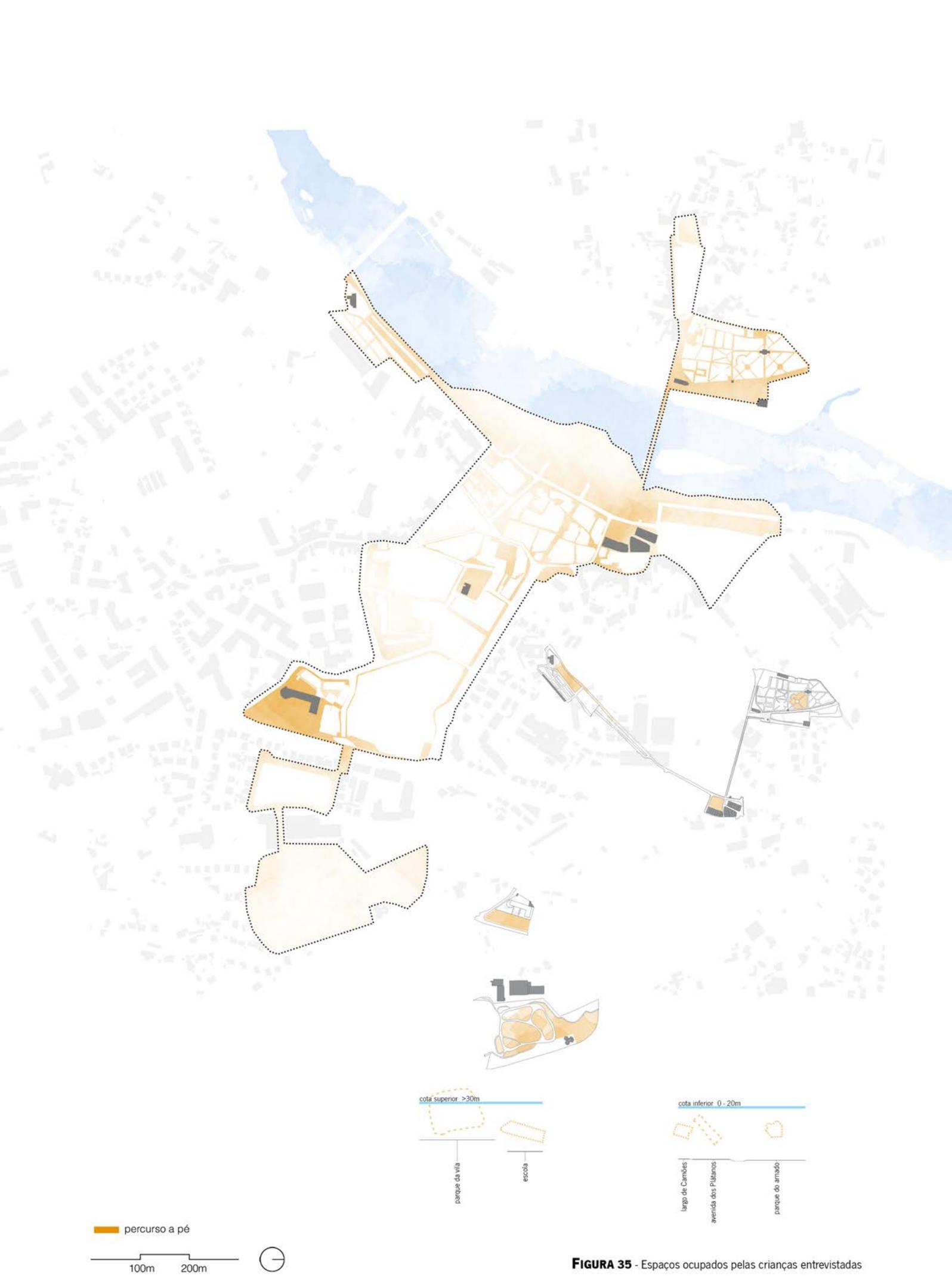


FIGURA 35 - Espaços ocupados pelas crianças entrevistadas

espaços das crianças

Das entrevistas realizadas com a amostra selecionada de crianças do concelho de Ponte de Lima, recolhem-se um conjunto de histórias espaciais e interpretam-se, a partir da sobreposição das mesmas, os desenhos através das distintas ações, atividades diárias e dos programas aliados à rotina destes jovens, culminando numa análise dos movimentos e hábitos comuns deste grupo e elaborando a memória comum desta faixa etária e dos espaços que esta ocupa no território em questão.

Esta reflexão da situação atual da comunidade infantil serve de contraponto à participação do autor na amostra, durante os anos de 1999 e 2001, permitindo apontar e analisar as diferenças físicas e sociais no comportamento e tratamento da criança face ao território.

Na Figura 35 representam-se as interações ativas da população infantil com os espaços da vila, representando o fluxo de atividades diárias praticadas, os conjuntos ou aglomerados com maior utilização ou apropriação infantil, como são o espaço da escola, o centro histórico, a marginal junto ao rio Lima e os parques da Vila e do Arnado. Desta forma, não é possível demarcar uma clara unificação dos movimentos entre espaços, pois os mesmos não existem ou são incomuns e esporádicos. A ação humana, neste mapa, descreve a mancha criada pelos atos das crianças, através do brincar, e divide-se, claramente, em núcleos, cuja ligação é praticamente inexistente.

A rotina é marcada pela falta de autonomia, sendo que o único espaço percorrido de forma livre é o perímetro da escola e, regra geral, todos os percursos nos restantes espaços da vila são acompanhados pelos progenitores ou familiares. Esta medida contrasta, de forma clara, com a autonomia obtida pelo autor, aquando da sua infância, em que tinha a possibilidade de navegar por uma série de espaços de forma segura e despreocupada.

Segundo os entrevistados, o percurso entre escola e os outros espaços da vila, como o centro histórico ou o parque da vila, é realizado com o acompanhamento de um adulto, devido à falta de segurança e desconfiança nos locais que compõe estes percursos, não existindo, na ótica dos pais destas crianças, uma rede física ou social apropriada para a fácil circulação das crianças.

O Sujeito I e o Sujeito VI são a exceção à regra, deslocando-se pelo território sem vigilância paternal, mas constantemente em grupo, não se podendo afirmar que possuem autonomia, conforto e segurança para percorrer os espaços sozinhos.

Os fatores físicos como a falta de equipamentos e espaços projetados especificamente para esta faixa etária nos percursos diários destas crianças, são apontados como os principais fatores do afastamento infantil do espaço social habitado.

a ligação

Deste modo, a ação de apropriação dos espaços por parte da criança fica restringida ao parque infantil da escola e aos espaços percorridos sobre a proteção dos progenitores, como é o caso do centro histórico e os parques infantis do parque do Arnado e do parque da Vila, representados na Figura 35.

A falta de estratégias que devolvam a autonomia à criança aumenta a distância entre os espaços referidos, não existindo qualquer ligação entre os mesmos, sendo a população infantil segregada, em relação à vivência comum no território e limitada ao uso dos parques infantis para se exprimir e efetuar atos tão próprios como o brincar.

Assim, contrariamente à experiência do autor enquanto criança em Ponte de Lima, as crianças de hoje não integram a rotina comum da população, sendo a sua existência um fator que ajuda a aumentar a distância entre os espaços da vila, conferindo a inexistência de atividades em espaços que, outrora, eram ativos e uniam todo o território físico da vila.

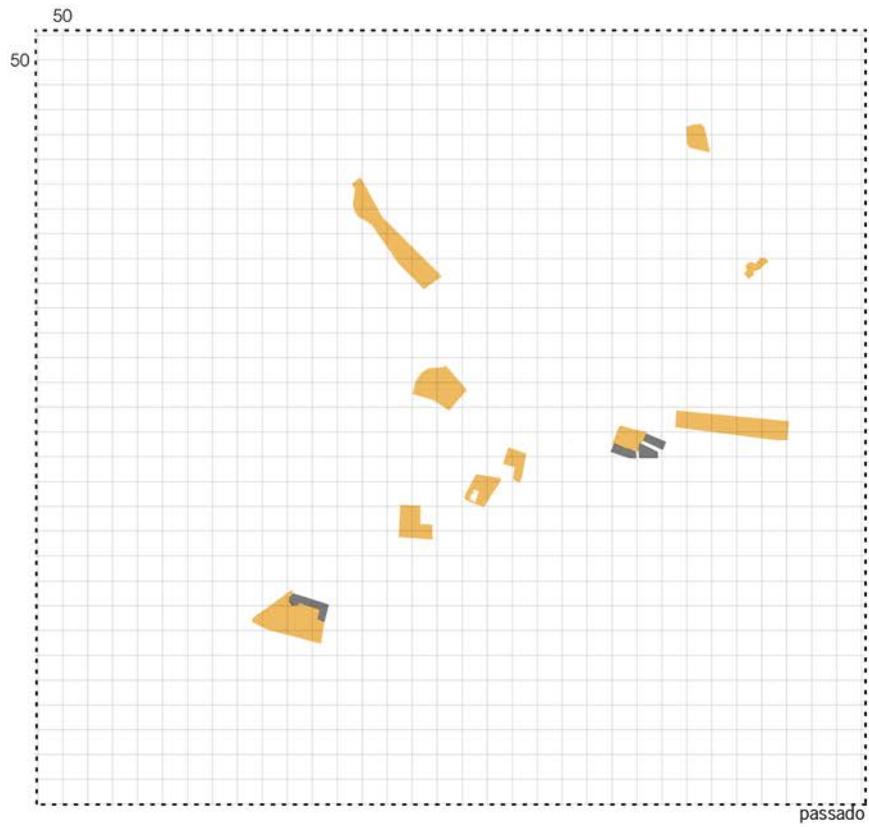
Para esta faixa etária, a vila divide-se em duas plataformas completamente independentes no seu funcionamento e que permitem uma segmentação do município: a escola e o parque da Vila, na cota superior, acima dos trinta metros em relação ao rio, onde existem dois parques infantis; e o centro histórico, numa cota inferior, que não ultrapassa os vinte metros acima do rio, onde podem brincar acompanhados pelos pais.

Com esta segmentação, a ligação dos espaços que, para o autor, compõem o espaço e ofereciam uma solução de unificação, torna-se inexistente, desativando os espaços do campo de jogos, largo da Lapa e paço do Marquês.

Também, com esta segmentação, a criança que habita a vila de Ponte de Lima perde o direito ao habitar comum da restante população, não lhe sendo oferecidas as mesmas condições de uso e apropriação que os restantes habitantes.

A sua rotina resume-se, portanto, ao isolamento a que são confinadas, resultando numa pegada demasiado frágil no território, marcada pelos seus percursos diários.

casa – carro – escola – carro – playground – carro - casa



espaços de uso infantil

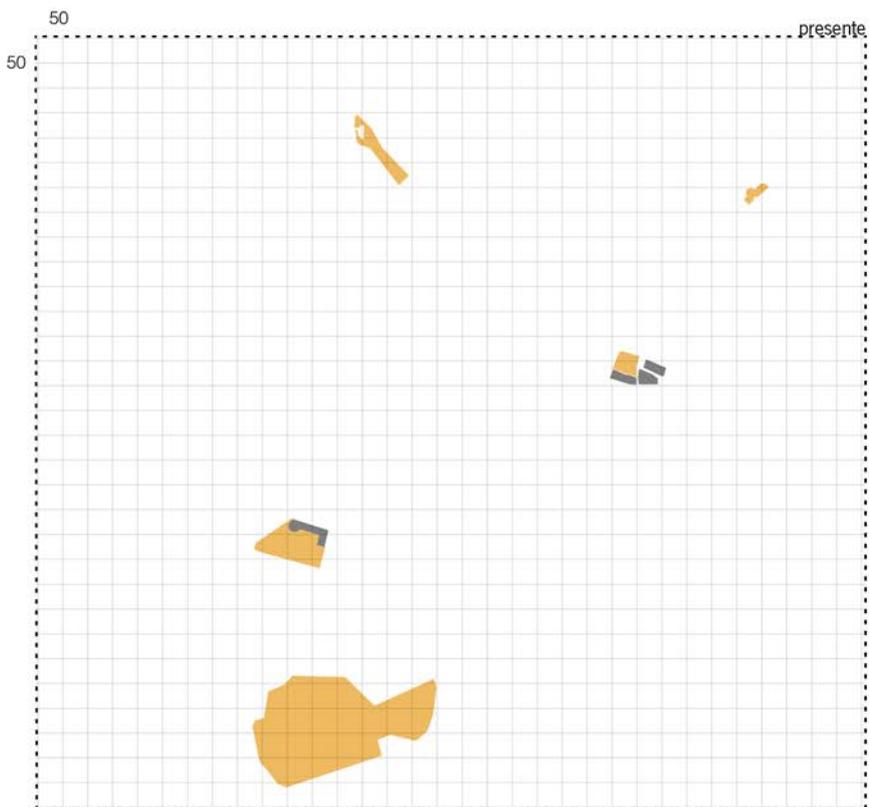


FIGURA 36 - Apropriação do espaço pela criança do passado e presente

espaços da criança - **passado e presente**

A primeira parte do capítulo III – *Conectar* aborda a comparação entre a interação da criança através do espaço que ocupa com o verbo brincar no passado e no presente, respetivamente na infância do autor, entre os anos de 1999 e 2001, e na infância das crianças entrevistadas na atualidade.

Durante a infância do autor, a heterogeneidade da amostra teve a capacidade de abarcar as necessidades infantis, oferecendo variedade e harmonia dos diversos espaços para brincar dentro do território da vila de Ponte de Lima. A paisagem é definida por uma constante ligação entre os espaços públicos, conferindo uma rede de mobilidade ao longo da vila, permitindo às crianças a criação de uma rede de espaços de brincar e de interação com a restante população.

Reflete-se, assim, um processo que foca os usos diários, os espaços que os mesmos ocupam e a relação de proximidade que é mantida entre locais e atividades, permitindo a compreensão das rotinas infantis de um território no seu todo.

Na Figura 43 torna-se perceptível a rede de elementos que compõem e contribuem para o habitar infantil, contrapondo os espaços de apropriação infantil do passado do autor e das crianças do presente. A partir dos espaços demarcados no mapa da infância do autor é possível entender o conjunto coeso de elementos, presentes por toda a vila, estabelecendo uma visão sobre o território, que traduz a capacidade de unificação espacial e social através do ato de brincar por parte da criança.

Contrastando com a imagem da infância do autor na vila, a planta do presente exprime a gritante falta de conexão entre os espaços habitados, não existindo uma rede de espaços que permita ligar os lugares, entretanto, construídos para o uso infantil. Também, a escola e o centro histórico que surgiam no passado do autor, como dois pontos de maior utilização infantil, surgem isolados num território fragmentado onde a criança parece afastada para a periferia da vila e da rotina comum dos habitantes.

Assim, o distanciamento físico dos espaços retira a possibilidade de apropriação espacial da criança, acabando segregadas aos parques infantis. Sem o brincar a conectar os espaços da vila, perde-se a interferência e participação da criança no habitar de Ponte de Lima.

espaços conectores

Sumarizando toda a informação recolhida desde observação, catalogação fotográfica, pesquisa, diálogos e investigação na parte I deste último capítulo, pôde-se confrontar a perspetiva do autor com a perspetiva comum recolhida através das descrições das crianças, denotando claras diferenças no modo de participação na rotina social comum.

Assim principia-se uma metodologia de análise específica, incidindo sobre os espaços presentes na infância do autor com características de unificação entre a cota superior e inferior da vila de Ponte de Lima, especificamente conectando a escola com o centro histórico, explicitando as características individuais e comuns de cada um. Espaços estes que, na atual perspetiva dos mais jovens, deixaram de operar como ligação entre os locais.

São os casos do atual parque radical, que durante a infância do autor era constituído por um campo de jogos e estacionamento automóvel, do largo da Lapa e do paço Marquês, que mantêm a mesma morfologia desde então.

De modo a completar a base narrativa criada pela descrição do espaço, sucedem as ações espaciais desempenhadas, retratadas através de verbos que transmitem as atividades operadas no território. Para isso, e apoiado na metodologia utilizada no trabalho académico de Paula Martins³⁷ (Narrativas Sócio-Espaciais da Criança em Pevidém, 2019) é criado um glossário verbal, um conjunto de quatro verbos capazes de exprimir as ações de apropriação infantil dos espaços, resumindo as práticas ocorridas no local e procedendo à narrativa das ações espaciais presente nos três espaços conectores.

Com base no aglomerado de ações observadas no território em estudo é elaborada a ação coletiva dos que habitam ou cruzam estes espaços, concebendo as dinâmicas de apropriação, partilha e relação entre o público infantil e a restante população da vila, sintetizados através de um verbo presente em cada interação humana.

³⁷ Martins, P. (2019). Narrativas Sócio-Espaciais da Criança em Pevidém. Guimarães: Universidade do Minho.

Por conseguinte, dos verbos que transmitem as ações reconhecidas no habitar infantil da vila, surge a sua apresentação e explicação no contexto desta investigação, explicitando e explicando o significado e a particularidade de cada um na rotina diária das crianças.

Brincar - divertir no sentido físico, praticar um jogo, desporto ou movimento;

Estar – ficar ou permanecer num local específico, espaço de reunião ou espera com outras crianças (banco, muro, espaço na relva);

Conviver – contacto com outras faixas etárias, estar em comunidade, relacionar-se com outros;

Passar – percorrer ou atravessar um espaço, ligação entre lugares, transição entre ações.



FIGURA 37 - Mapa de ações e apropriações - campo de jogos

campo de jogos

A primeira área analisada é o campo de jogos, o primeiro elemento de conexão entre a escola e o centro histórico, que foi, entretanto, demolido e substituído pelo parque radical. Neste espaço, a abundância de ações foca-se num núcleo central, delimitado pelo perímetro do campo de jogos. As atividades expostas neste local refletem as ações sociais, traduzidas pelos verbos selecionados, da rotina do autor neste ponto do território (brincar, estar, conviver e passar). Sendo parte integrante do percurso diário do autor e dos seus amigos, o campo de jogos revela-se como um local de importância da vivência infantil no município, servindo de primeiro apoio às atividades fora do espaço escolar.

Na figura 36 é possível decifrar as apropriações e os espaços que as suportam, sendo que estes nem sempre possuem um limite físico estabelecidos, alterando-se o espaço conforme a ação nele ocorrida. Também, deste modo, surgem os espaços entre ações apontando para uma quebra da fluidez espacial das narrativas infantis. Estas quebras ocorrem pela prioridade concedida ao veículo automóvel, seja no atravessamento do espaço ou na sua ocupação permanente, enquanto estacionamento, quebrando a interação livre e criativa entre espaços, deixando a ligação entre estes entregue a eixos de comunicação espontâneos e mutáveis.

Os arruamentos e vias pedonais principais são perceptíveis através dos pontos de acesso e atravessamentos do espaço, destacando-se os atravessamentos mais utilizados que limitam o espaço a norte e sul, ligando a escola ao largo da Lapa através do interior do bairro do campo de jogos.

Dada a proximidade à zona escolar e ao número de crianças, o grupo infantil possui uma maior presença em relação às restantes faixas etárias no espaço.

As quatro ações verbais remetem para uma diversidade de rotinas e atividades dentro deste local, o que permite aos jovens crescer e desenvolverem-se, tornando-se parte integrante da comunidade que habitam. Este território é um espaço onde as crianças podem interagir com a envolvente de forma segura, cruzando as rotinas dos diferentes grupos etários e compartilhando uma vivência coletiva e comum do local.

Destaca-se a inserção da comunidade infantil dentro de uma rotina social comum, que não se rege apenas pela vivência adulta, no seio da comunidade da vila. Desta

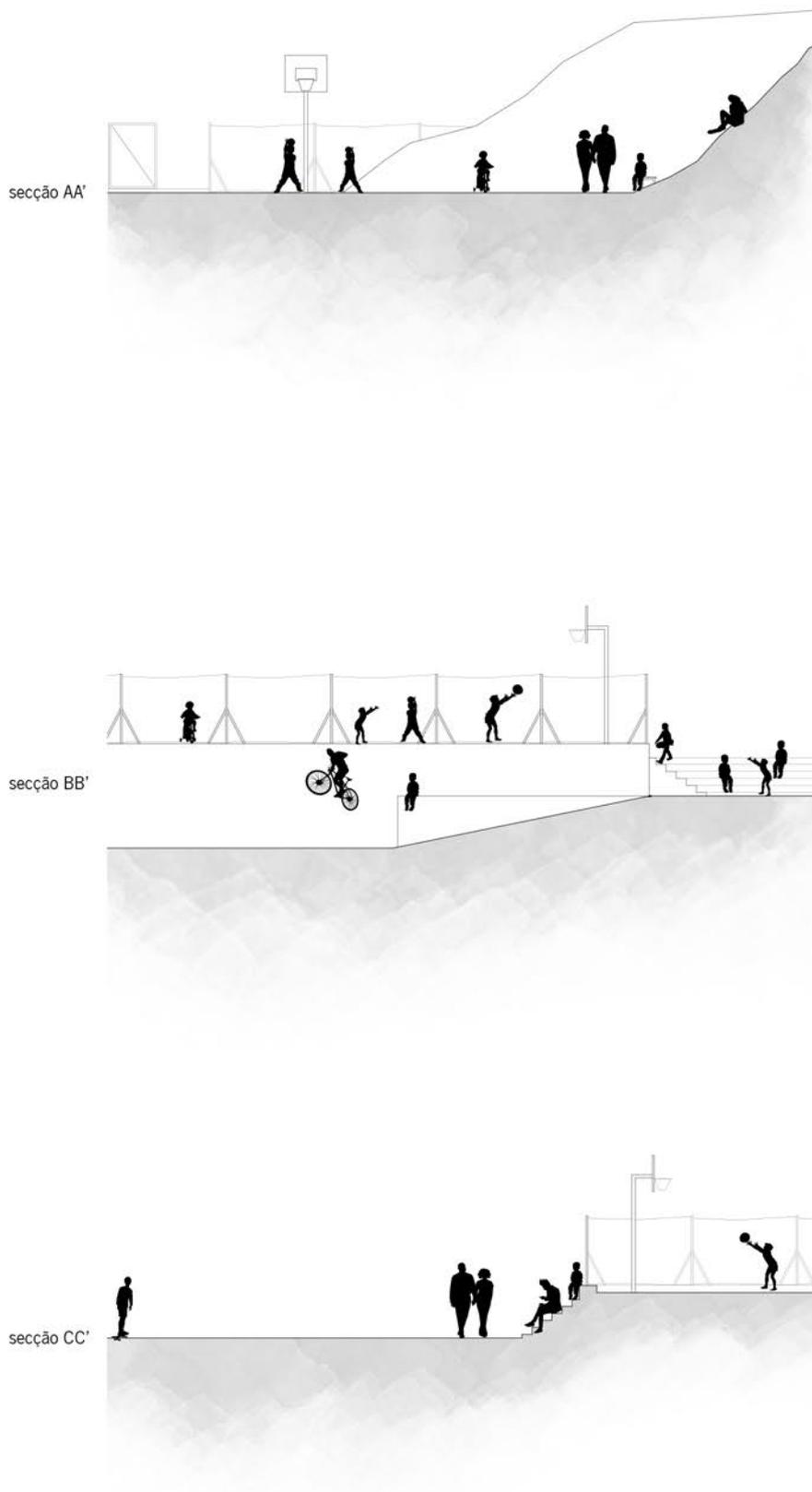


FIGURA 38 - Campo de jogos - secções

forma, o campo de jogos e todo o espaço que compõem o interior do bairro é tido pela comunidade com um espaço habitado, composto por diversas atividades que se refletem numa vivência comum do local.

Entendendo a secção como um complemento à informação demonstrada na planta, acrescentando valores topográficos ao território, apresenta-se na figura 37 as secções que explicam as principais ações exercidas e a forma como se relaciona e conectam entre si. A partir destas, percebem-se os espaços físicos da amostra, o declive do terreno e a forma como é criado um anfiteatro em torno dos espaços habitados, potenciando uma interação direta entre os intervenientes de cada ação verbal presente.

Os eixos que delimitam as atividades vividas são, por vezes, obstáculos físicos cuja interferência no espaço é tão ténue que permitem que as ações se intercalem, não interrompendo a naturalidade do desenrolar das narrativas criadas. Ou seja, estes obstáculos não criam a separação entre o brincar e o estar, ou o brincar e o conviver, mantendo vivos os vínculos entre as rotinas experimentadas no local. Nas secções são representados obstáculos como bancos, muros, declives de terreno ou escadas, que ao contrário de romperem a ligação dentro dos espaços, servem de suporte a atividades que mantêm a coesão do espaço enquanto lugar habitado.

O espaço referente ao interior do campo de jogos, representado pela secção AA', é um bom exemplo da capacidade de apropriação dos limites físicos do território, onde o banco e o declive acentuado do terreno servem de local de convívio e de espaço de estar e brincar, respetivamente. Esta apropriação permite criar uma articulação completa das atividades no local, não sendo possível distinguir exatamente onde acabam as ações brincar, conviver, estar e passar estando estas conectadas entre si dentro do mesmo espaço.

Na secção BB' e CC', é possível encontrar as mesmas características de conexão entre as atividades. O limite físico do campo de jogos, representado pela rede que envolve todo o seu perímetro, é extrapolado e a ação brincar serve-se do muro e adjacente rampa que liga as duas cotas. Da mesma forma, as escadas de acesso ao campo e à praça servem de suporte ao convívio que se cria do cruzamento entre o brincar, dentro e fora dos limites do campo. Assim, aquilo que poderiam ser três elementos isolados, são, através da apropriação por parte da criança, unificados numa única área ativa.



FIGURA 39 - Mapa de ações e apropriações - largo da Lapa

largo da Lapa

A segunda área analisada é o largo da Nossa Senhora da Lapa, o segundo elemento de conexão entre a escola e o centro histórico. Esta demarca-se como o lugar central, sendo a charneira entre os espaços conectores analisados. Este espaço denota um carácter bastante neutro em relação à apropriação das crianças, sendo formado por uma sucessão de jardins que organizam os espaços do largo.

Na figura 38, é perceptível a ação passar, em contraste com o seu uso no campo de jogos, onde era afastada das restantes ações por força da ocupação territorial do automóvel. No largo da Lapa, o passar marca o atravessamento a partir das cotas superiores da vila em direção à cota inferior, onde se encontra o centro histórico.

Sendo este espaço ocupado por uma igreja, de relevante importância para a comunidade, o desenho do largo não pressupõe a ocupação descontraída e despreocupada característica da população infantil. Apesar disso, a capacidade de imaginação e apropriação das crianças permitiu que este se tornasse um local seu e importante nas suas rotinas.

A ação brincar ocupa grande parte do corredor paralelo à igreja, evidenciando-se pela pluralidade de funções que pode assumir, servindo-se da polivalência do espaço para criar temas e narrativas aleatórias de diversão e entretenimento. Este verbo tem a capacidade de se adaptar facilmente às realidades que lhe são apresentadas, convertendo um espaço com uma vivência austera e silenciosa num lugar abstrato e descontraído.

Não possuindo qualquer equipamento destinado ao uso infantil, este território não deixa de se caracterizar como um espaço de pertença do habitar infantil, promovendo distintas ações e interações, resultando num único espaço onde interagem atos como o brincar, estar, conviver e passar.

A colocação dos bancos de jardim, alinhados pela fachada principal da igreja, rege os limites dos espaços de estar mas a inconstância e espontaneidade da ação aliada ao brincar, no local, torna a delimitação de cada ato cada vez mais ténue, não sendo possível definir onde acaba e começa cada ação.

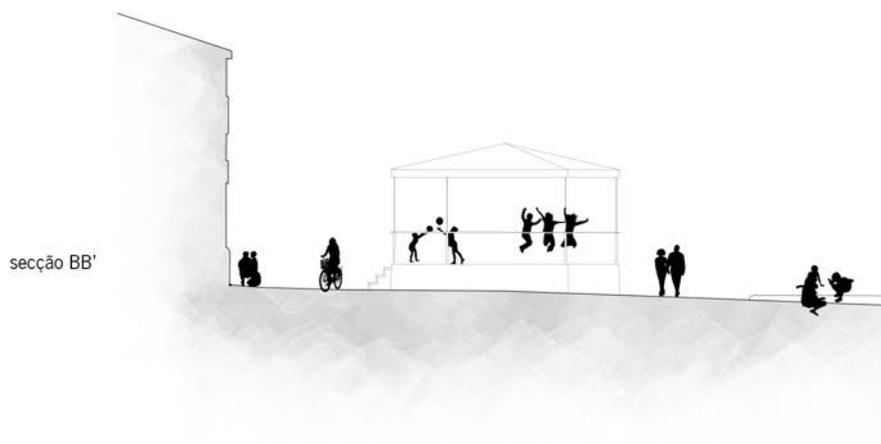
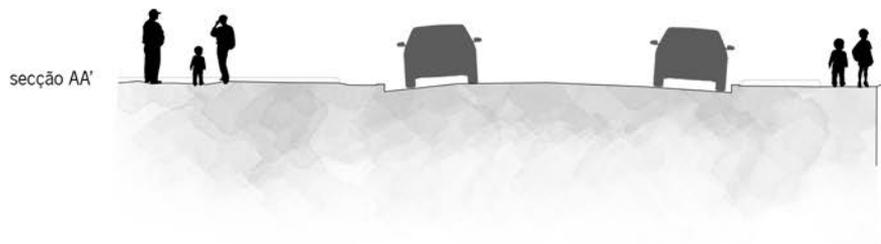


FIGURA 40 - Largo da Lapa - secções

Assim, todo o espaço do largo da Lapa pode ser entendido como suporte a qualquer uma das atividades estudadas, pois a pluralidade de funções impostas no programa desta plataforma permite estender a habitabilidade do espaço à área total do terreno, por vezes ultrapassando os limites do mesmo.

Através das secções, verifica-se a possibilidade de aumentar o espaço habitado para lá dos limites do terreno, sendo o espaço definido pelo perímetro criado pela circulação automóvel em torno do largo.

A secção AA' representa um dos usos associados ao extrapolar dos limites do largo, onde a ação brincar ultrapassa a circulação automóvel, estendendo-se ao miradouro no topo norte, que se debruça sobre a cota inferior e respetivo centro histórico da vila de Ponte de Lima. À esquerda, na secção, o brincar funde-se com o conviver, associado ao corredor de acesso à igreja, e onde as diferentes gerações se cruzam e interagem.

O habitar comum do espaço espelha-se na secção BB' que reúne todas as atividades numa relação cujos limites são praticamente invisíveis. O coreto serve de suporte, ao mesmo tempo, das ações brincar e estar, enquanto que os espaços envolventes servem, de forma desregradas de atravessamento e convívio, fundindo as ações passar e conviver numa só vivência.

Este é um espaço polivalente de ações, não sendo projetado, exclusivamente, para o uso infantil nem para o uso adulto, mas sim para um uso indeterminado da população.

Mesmo, quando analisado uma porção do largo da Lapa em que o espaço possui um desenho específico, como é o caso da secção CC', com os bancos dispostos de forma rigorosa e o espaço delimitado pelos jardins, a apropriação do espaço segue uma descontração própria da imaginação infantil. Os bancos são, ao mesmo tempo, local de estar e brincar, a relva intercala as brincadeiras com as pausas e o estar, e o percurso pedonal serve o conviver e a interação entre os diversos intervenientes que ocupam esta amostra.

Este lugar é interpretado pelas ações que nele decorrem, refletindo o habitar livre de cada um, face aos estímulos dados pela multiplicidade e diversidade que este suporte é capaz de sustentar.



FIGURA 41 - Mapa de ações e apropriações - paço do Marquês

paço do Marquês

A terceira e última área é a praça do paço do Marquês, o último elemento de conexão entre a escola e o centro histórico. Comparativamente aos espaços anteriores, revela limites físicos mais concretos, fruto da diferença de cotas entre as distintas plataformas que compõem esta área.

O espaço é caracterizado pela plataforma principal, a mais ampla, e três plataformas mais pequenas diretamente articuladas entre si, oferecendo um percurso entre as cotas (Figura 40). A abundância de ações encontra-se distribuída por toda a extensão do espaço, sendo que o brincar assume, novamente, o papel principal ocupando a maior superfície e operando como núcleo das ações que se desenrolam em seu redor.

Apesar de não possuir uma estrutura direcionada, especificamente, ao público infantil, as manchas de apropriação expostas neste local refletem o habitar comum da comunidade infantil, sendo, esta área, parte integrante do percurso diário do autor e dos seus amigos e, por isso, considerado um lugar de importância na vivência infantil dentro do território do município.

O espaço revela uma confortável circulação e ligação entre as plataformas, tendo estas, também, uma área capaz de suportar a diversidade de pessoas e ações que nelas decorrem. Estas características traduzem-se numa harmonia contínua dos espaços e que se torna transversal à vivência do lugar por parte dos intervenientes.

Partindo de as ações estar, conviver e passar, estas definem essencialmente, mas não exclusivamente, as três plataformas mais pequenas que marcam também as entradas no espaço do paço do Marquês. Assim, nestes pontos de acesso ao interior do lugar, passar torna-se um elemento extensível a toda a ramificação de percursos. A ação estar, apoiado pelos elementos arquitetónicos (escadarias, bancos e muros), associa-se ao percurso pedonal do espaço.

Da relação de proximidade entre as ações estar e passar, surge, por consequência, os espaços de conviver afetos ao contacto estabelecido pelas crianças que permanecem nestas áreas e os restantes transeuntes que as atravessam.

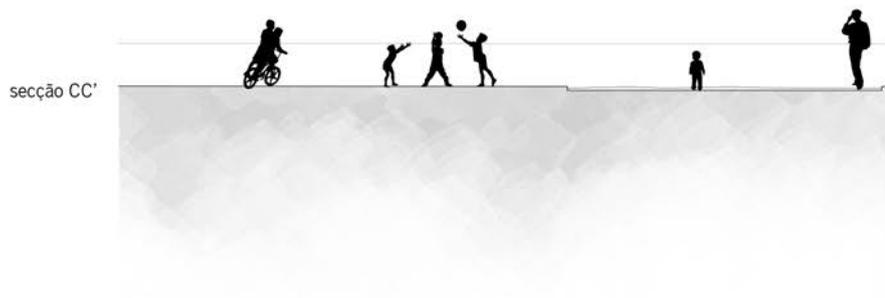
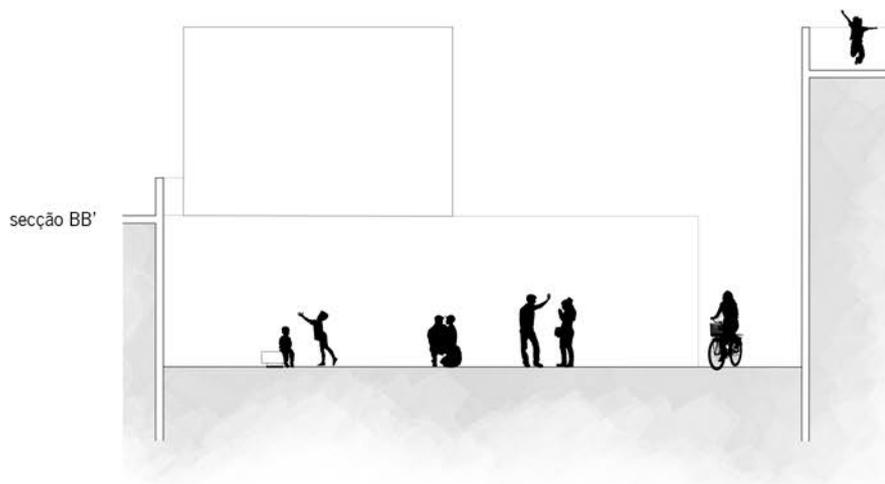
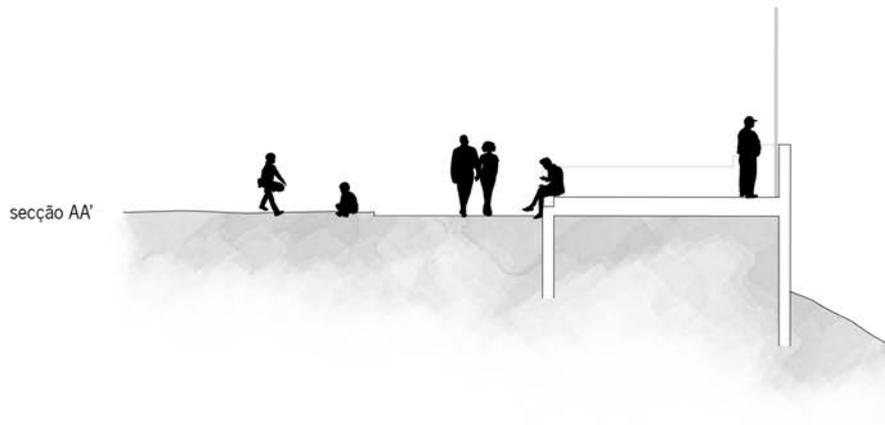


FIGURA 42 - Paço do Marquês - secções

Na praça do paço do Marquês, tal como nos restantes espaços conectores, a ação brincar é transversal às restantes atividades, sendo possível identificar pequenas brincadeiras que se fundem com os espaços de estar e conviver, não existindo capacidade de lhes distinguir limites físicos concretos.

É a partir do brincar que as vivências comuns deste espaço se geram e compõem. Tido como um parque na envolvente das antigas muralhas da vila, o paço do Marquês articula as atividades geradas em cada plataforma, atribuindo-lhe um carácter comum, coeso e próprio da população que frequenta o espaço.

Através da observação da secção AA' e BB', percebe-se a pluralidade de atividades desempenhadas nas plataformas de acesso ao espaço e a forma como as mesmas se encontram entrelaçadas, conectando as ações de brincar, estar, conviver e passar. Neste caso, os obstáculos apresentados na imagem não limitam o raio de ação de cada atividade, interligando as mesmas, sem que seja possível definir exatamente onde termina uma e se inicia a outra.

Com o distanciamento das zonas mais resguardadas em direção ao acesso pedonal, surge a relação de proximidade entre o espaço das crianças e a circulação de transeuntes conecta as diferentes gerações, existindo momentos de conversa e partilha entre as diferentes realidades.

Estes espaços proporcionam um contacto indireto entre as plataformas, através do olhar, criando-se um foco visual capaz de unificar e coser as ligações às diferentes cotas.

A plataforma superior, indicada na secção CC', ocupa-se em grande parte da ação do verbo brincar, possuindo uma extensão de superfície capaz de sustentar jogos de futebol, corridas, andar de bicicleta, entre outras atividades. Na entrada desta plataforma, cujo acesso é feito por um único ponto, descreve-se, por vezes, alguma interação com pessoas que acompanham alguns jovens a este espaço.

Assim, as plataformas da praça do paço do Marquês destacam-se, também, pela capacidade de absorver uma pluralidade de atividades e rotinas, servindo de suporte à conexão da população e à criação de uma vivência comum do espaço da vila de Ponte de Lima.



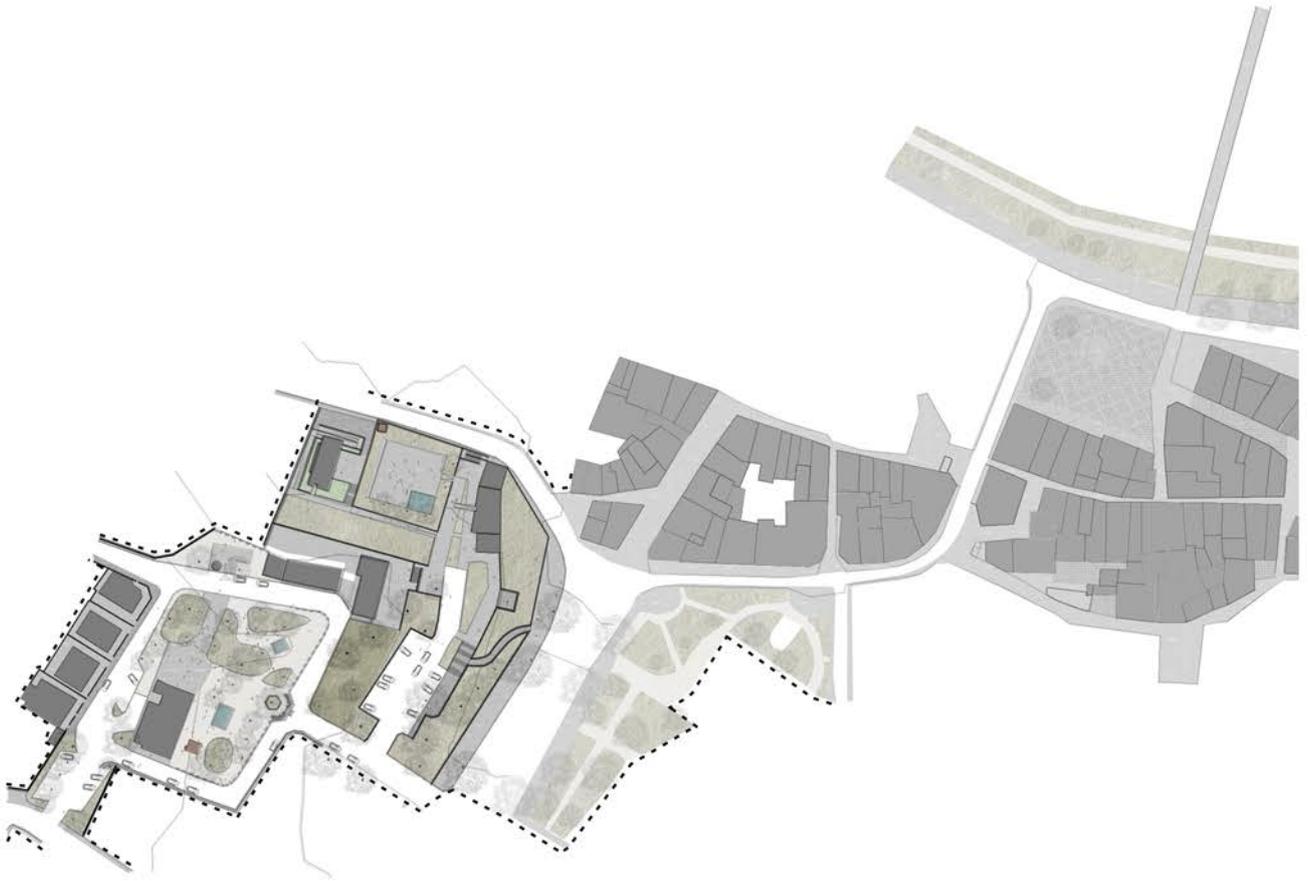


FIGURA 43 - Mapa dos espaços conectores

síntese dos espaços conectores

*"Pode-se experimentar tal espaço além ou exterior, quando se tem um relacionamento próximo com o perto e o presente. Trabalhando com material muito específico, condições topográficas e sociais e qualidades do local, o procedimento de entender, revelar e tornar aparentes as presenças materiais existentes no site torna-se para nós 80% do projeto de design."*³⁸(Christou, 1999, p. 17)

Partindo da interpretação dos dados recolhidos, em *Reminiscências da infância e Perspetivas do presente*, procede-se à identificação dos espaços frequentados pelas crianças nos distintos períodos temporais, percebendo os lugares que proporcionam o habitar das crianças, espaços comuns e individuais, segregados ou compartilhados.

O campo de jogos, o largo da Lapa e o paço do Marquês formam os espaços conectores que tornam possível a expansão do espaço infantil, unificando o terreno da escola à restante extensão da vila de Ponte de Lima.

Como temáticas essenciais desta análise, realça-se a capacidade de articulação existente nos espaços referidos, operando de suporte à continuidade das atividades efetuadas ao longo da amostra, reproduzindo os atos de brincar nos espaços públicos cujo programa não é especificamente infantil, suscitando a oportunidade de elaborar ações associadas ao brincar, como o conviver a partir da direta conexão entre as atividades de estar e passar, presentes nas rotinas diárias da população infantil.

Deste modo, a tangência entre todas as atividades desenvolvidas nestes espaços, contribuem para a estimulação de uma vivência comum do lugar, fortalecendo a articulação sócio-espacial do território.

Analisando a Figura 43, a partir dos pontos principais de apropriação da criança na

38 Christou, P. (1999). Architecture is Like a Road. A+T: Revista Trimestral de Arquitectura y Tecnología, 14-17. "One can experience such a space beyond or outside when given a closer relationship to their near and to the present. Working with very specific material, topographical and social conditions and qualities of the place, the procedure of understanding, revealing, and making apparent the existing material presences of the site becomes for us 80% of the design project."

amostra, o espaço escolar e o centro histórico, é possível perceber-se a articulação feita através destes espaços conectores, unificando toda a vila e criando uma cadeia de sucessivas atividades que ajudam a integrar a população infantil nos ciclos e rotinas diárias da comunidade em geral.

As crianças passam a pertencer a um espaço sem limite físico concreto, sem barreiras ou segregação, resultando numa ocupação contínua e consciente de um território, uma vila, uma comunidade, permitindo expor a importância do ato de brincar e da criança nas rotinas sociais dos espaços públicos.

"Esta é uma arquitetura específica na medida em que se origina amplamente do contexto físico existente. É indeterminado, pois não congela o uso, mas fornece espaço livre, deixando espaço para a imaginação dos seus utilizadores."

³⁹(Christou, 1999, p. 17)

A criança, através da criatividade e imaginação, consegue estabelecer o seu *playground* em locais, sem um uso a si predeterminado, potenciando a ressurgência de atividades em espaços que se encontravam praticamente abandonados e sem grande vivência comum, produzindo ou ampliando as rotinas presentes.

Portanto, é necessário entender Ponte de Lima como um espaço que detém características específicas, próprias para o habitar comum integrado pela criança, apesar de essas mesmas particularidades se encontrarem encobertas ou abatidas atualmente.

Este isolamento das crianças é definido, essencialmente pela criação de espaços delimitados para a criança, nas periferias da vila, como o caso do parque da Vila e o parque do Arnado. A criação de um local específico para a criança acaba por isolar a criança da vivência comum do espaço público. O catalogar da classe infantil define a separação e a fragmentação das rotinas e dos espaços vividos.

De modo a capacitar, novamente, as crianças de criarem os seus próprios espaços de brincar e usarem a criatividade na apropriação do lugar, surge a necessidade desta

39 Christou, P. (1999). Architecture is Like a Road. A+T: Revista Trimestral de Arquitectura y Tecnología, 14-17. *"This is a specific architecture in as much as it originates largely out of the existing physical context. It is indeterminate as it does not freeze use but provides free space, leaving room for the imagination of its users."*

investigação, apontando as metodologias que, no passado, foram capazes de munir as crianças de ferramentas de ocupação e apropriação dos espaços da vila. Por isso, descrevem-se na Figura 42 uma sequência de espaços apropriados pela ação do brincar, que podem gerar uma metodologia de ocupação atual procurando escapar à contenção imposta pelos parques infantis, estimulando novamente o ato de brincar na rua, interagindo diretamente com a rotina social comum do território.

Assim, ao providenciar ações e espaços públicos às crianças potencia-se a satisfação da necessidade que as mesmas sentem de usufruir do território, nas rotinas e nos lugares da vila.

A existência de espaços polivalentes, que geram a acomodação de atividades distintas, podendo estes espaços suportar diferentes usos, estimulando a imaginação das crianças e da comunidade, torna-se o ponto de partida para reconectar os espaços da vila e as rotinas dos seus habitantes, almejando um habitar comum.

A seleção destes espaços e o implementar de princípios catalisadores da ação brincar, permitirão que a criança volte a emergir no interior da vila, conectando e eliminando as distâncias entre pontos observadas atualmente. Consequentemente, utilizando as histórias espaciais produzidas pelo habitar infantil como potencializadoras do lugar, cada novo espaço poderá definir uma nova importância dentro dos ciclos diários da vila, reabilitando ruas, bairros e praças através da sua utilização diária comum.

Servindo-se dos traços de memória acumulados sobre o local, dos novos olhares, das histórias partilhadas e das interações acumuladas, cada lugar passará a contar a história dos seus habitantes, da sua comunidade, e articular-se-á com os demais espaços reabilitados na vila formando uma nova rede conectora, capaz de criar um habitar comum no território a partir da criança e do brincar.

Em suma, pretende-se demonstrar o potencial da criança e do brincar enquanto metodologia para a conexão e ativação dos espaços públicos em Ponte de Lima.

"O caso que queremos colocar é que é esta capacidade de absorver, carregar e transmitir significado que define que forma pode gerar nos utilizadores e, inversamente, o que os utilizadores podem produzir na forma. O que importa é a interação da forma e dos utilizadores, o que eles transmitem um ao outro e como eles se apropriam mutuamente."⁴⁰ (Hertzberger, 1977, p. 124)

40 Hertzberger, H. (1977). Architecture for People. Em T. Nakamura, Architecture and Urbanism (pp. 124-146). Tokyo: The Japan Architect Co., Ltd. *"The case we want to put is that it is this capacity to absorb, carry and convey significance that defines what form can bring about in the users, and, conversely, what the users can bring about in the form. What matters is the interaction of form and users, what they convey to each other, and how they mutually take possession of each other."*





FIGURA 44 - Fotografia de Rogério Lopes, largo da Freiria, Ponte de Lima

CONSIDERAÇÕES FINAIS

considerações finais

A criança e a apropriação espacial infantil assumem o foco primordial no estudo do território de Ponte de Lima, começando por identificar as ações dos mesmos no espaço em dois momentos distintos. Numa primeira fase, aborda-se a vivência do autor, enquanto criança, durante os anos de 1999 e 2001, procurando entender a mesma através do desenvolvimento das suas capacidades de perceção e interação.

Assim, seguindo o modo sequencial do desenvolvimento humano, aprofundam-se o processo e métodos de análise utilizados, apresentados anteriormente no capítulo I. *Reminiscências da infância* descreve um evoluir da autonomia do autor, começando pela utilização da ação brincar para explorar o espaço interior de sua casa, progredindo para a periferia do prédio e por último, para o espaço da vila. Este tornou-se a primeira parte da narrativa sócio-espacial de interação com o território da vila, reconhecendo os espaços como lugares habitados a partir das rotinas neles identificadas. Da interpretação dessas práticas espaciais da sua infância, a investigação segue novo rumo, procurando analisar o estado atual das vivências infantis neste território.

O capítulo II traz as *Perspetivas do presente* como método de perceber a realidade atual do habitar infantil de Ponte de Lima. O contacto com as crianças, jovens habitantes da vila e das freguesias periféricas, com idades compreendidas entre os quatro e os seis anos, tenta selecionar os espaços habitados pela nova geração e destacar as suas rotinas, compreendidas nos espaços de estar e nos percursos realizados diariamente. As conversas com estas crianças, através de um processo de abordagem empenhado no desenvolver de confiança entre as crianças selecionadas e o autor, materializam as atividades comuns e as ações de apropriação no território.

A recolha de testemunhos, narrados por gerações distintas, refletem o habitar de um grupo etário na vila muito diferente quando comparados entre si. Desta forma, e de modo a perceber os contrastes na apropriação do espaço entre as narrativas do autor e as narrativas das crianças, da amostra selecionada, inicia-se o terceiro e último capítulo.

Conectar destaca-se como a ponte entre as vivências do passado e a realidade do presente. Aprofunda-se a análise aos espaços habitados pelo autor e pelas crianças, contrapondo as diferenças dos usos do espaço público e da capacidade de exploração

e apropriação do território. Enquanto o autor ocupa uma estrutura urbana coesa e de grande abrangência, conectando os principais pontos da vila, as crianças apropriam-se de espaços dispersos e fragmentados, onde a circulação pedonal e a autonomia de exploração e uso é débil, servindo-se, maioritariamente, do acompanhamento dos pais para usufruir dos espaços fora do recinto escolar.

Auxiliando-se das complexidades do habitar comum encontradas na geração atual, o autor apoia-se na análise da sua vivência e das suas ações no espaço para olhar Ponte de Lima e define três lugares de investigação enquanto estratégia de combate à fragmentação do espaço infantil. *Campo de jogos, largo da Lapa e paço do Marquês* explicam as dinâmicas sociais e as ações produzidas no desenvolvimento da integração da criança enquanto parte fulcral da sociedade que habita a vila.

O espaço comum habitado é recriado como um todo articulado, através da constante interação entre a criança e os espaços apropriados, fundindo as suas próprias ações e rotinas como a da população restante.

Esta rede permite reconectar os espaços públicos da amostra, dissolvendo a sua fragmentação, no sentido de desenvolver um habitar comum dos espaços estudados, solucionando a sensação de ausência de apropriações e autonomia nas crianças de *hoje*.

Partindo das suas próprias experiências, a rede de vivências sócio-espaciais criada, procura estimular a necessidade de uma revisão do papel da criança na estruturação do território, permitindo a criação de propostas catalisadoras de atividades e rotinas comuns, reconectando ligações e espaços de permanência através do brincar. Esta dissertação demonstra assim a relevância de uma metodologia de atuação sobre o território que parta da criança enquanto agente primordial de transformação do espaço público.

A investigação é entendida como elemento estimulador para as futuras ações sobre o território da vila, servindo-se do papel da criança e do seu ato de brincar para reabilitar e criar vivências e contactos nos espaços analisados, utilizando o habitar da criança como dinamizador das transformações urbanas e sociais. Assim, pretende-se que o território seja entendido como o desenrolar de uma história comum social, contada a partir das práticas espaciais da criança, articulando-se com os movimentos, percursos e espaços de permanências dos restantes habitantes.

Referências Bibliográficas

Alonso, J. M., Guerra, C. M., Martins, I. O., Arnaud-Fassetta, G., Marques, A., & Costa, F. d. (2014). Risco de Cheia e Inundação: Exposição e Adaptação na Área Ribeirinha de Ponte de Lima. *RISCOS*, 33-48.

Andrade, A. A. (1990). *Um Espaço Urbano Medieval: Ponte de Lima*. Lisboa: Livros Horizonte.

Bachelard, G. (1993). *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes.

Blaufuks, D. (2014). *Toda a Memória do Mundo*. Lisboa: MNAC; INCM.

Carvalho, A. (2012). *Censos 2011 Resultados Definitivos - Região Norte*. Lisboa, Portugal: Instituto Nacional de Estatística, I.P.

Christensen, P., & O'Brien, M. (2003). *Children in the City: Home, Neighbourhood and Community*. Londres: Routledge.

Christou, P. (1999). Architecture is Like a Road. *A+T: Revista Trimestral de Arquitectura y Tecnología*, 14-17.

Costa, F. d., Alonso, J. M., Arnaud-Fassetta, G., & Marques, A. (2012). As Grandes Cheias de Ponte de Lima : Uma Abordagem Metodológica à Análise do Risco de Inundação na Perspectiva da Directiva Relativa à Avaliação e Gestão dos Riscos de Inundação. *Revista Geonorte*, 487-500.

de Certeau, M. (1997). Spatial stories. Em *The Practice of Everyday Life* (pp. 91-130). Berkeley: University of California Press.

Debord, G. (1958). Theory of the Dérive. *Internationale Situationniste*, 62-66.

Flammarion, C. (1872). *Narrações do Infinito*. Paris: Didier Et Compagnie, Ledoyen.

Fromberg, D. (2012). *What Kindergarten Should Be*. Miami: Tedx Talk.

Frones, I., Jenks, C., Rizzini, I., & Stephens, S. (1997). Editorial Introduction: Childhood and Social Theory. *Childhood* 4, 259-263.

Guerreiro, A. (2014). O Trabalho da Memória. Em D. Blaufuks, *Toda a Memória do Mundo* (pp. 61-70). Lisboa: MNAC; INCM.

Halbwachs, M. (1992). *The Collective Memory*. Chicago: The University of Chicago Press.

- Hanson, J. (1988). *The Ten Commandments For Writing Academic Papers*. Londres: Bartlett School of Architecture.
- Hertzberger, H. (1977). *Architecture for People*. Em T. Nakamura, *Architecture and Urbanism* (pp. 124-146). Tokyo: The Japan Architect Co., Ltd.
- Hillier, B., & Hanson, J. (1984). *The Social Logic of Space*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Jones, O. (2000). *Melting Geography: Purity, Disorder, Childhood and Space*. Em S. Holloway, & G. Valentine, *Children's Geographies: Playing, Living, Learning* (pp. 28-47). Routledge.
- Lefaivre, L., & Tzonis, A. (1999). *Aldo van Eyck : Humanist Rebel : Inbetweening in a Postwar World*. Roterdão: 010 Publishers.
- Lightman, A. (2014). *Sonhos de Einstein*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lynch, K. (1960). *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.
- Mariani, M., & Barron, P. (2014). *Terrain Vague: Interstices at the Edge of the Pale*. Londres: Routledge.
- Massapina, A. V., & Passos, J. d. (1994). *Estudo de Preservação e Renovação Urbana de Ponte de Lima*. Em Projeto de Delimitação da Área de Reabilitação Urbana: Ponte de Lima (p. 14). Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima.
- Mota, M. C., Remoaldo, P. C., & Ribeiro, J. C. (2012). *Criatividade: A Construção de Novos Cenários para o Turismo em Ponte de Lima*. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, 59-70.
- Mota, M., & Ribeiro, J. C. (2010). *Os Desafios da Criatividade no Contexto do Turismo Cultural em Ponte de Lima*. XII Colóquio Ibérico de Geografia.
- O'Keeffe, T. (2007). *Landscape and Memory: Historiography, Theory, Methodology*. Em Y. Whelan, *Heritage, Memory and the Politics of Identity: New Perspectives on the Cultural Landscape* (pp. 3-82). Hampshire: Ashgate Publishing Limited .
- P. Walz, S. (2010). *Toward a Ludic Architecture: The Space of Play and Games*. ETC Press, 1-149.
- Perec, G. (1995). *W ou A Memória da Infância*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Perec, G. (2001). *Especies de Espacios*. Barcelona: Montesinos.
- Perec, G. (2009). *A Vida Modo de Usar*. São Paulo: Companhia das Letras.

ProChild Colab. (s.d.). Obtido de <http://prochildcolab.pt/>. Acesso em: 20 ago. 2019

(2011). Projeto de Delimitação da Área de Reabilitação Urbana: Ponte de Lima. Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima.

Rossi, A. (1982). *The Architecture of The City*. Chicago: The Graham Foundation for Advanced Studies.

Till, J. (2009). *Architecture Depends*. Massachusetts: The MIT Press.

Tonucci, F. (2005). Quando as crianças dizem: agora chega! Em P. M. Vicente, *Novos Olhares: Uma Leitura da Cidade por suas Crianças*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Tonucci, F. (2006). La ciudad de los niños ¿Por qué necesitamos de los niños para salvar las ciudades? Obtido de <https://presupuestosparticipativos.com/wp-content/uploads/2017/01/08-Francesco-Tonucci.pdf>. Acesso em. 13 set. 2019.

Ward, C. (1978). *The Child in the City*. Nova Iorque: Pantheon Books.

Whitrow, G. (2005). *O que é tempo? Uma Visão Clássica Sobre a Natureza do Tempo*. Rio de Janeiro: Zahar.

Williams, P. (2012). *Pharrell: Places and Spaces I've Been*. Nova Iorque : Rizzoli.

Zardini, M. (2005). De La "Ciudad que Sube" al Paisaje que Avanza. Em Solà-Morales, & X. Costa, *Metrópolis* (pp. 205-213). Barcelona: Gustavo Gili.

Trabalhos académicos

Carneiro, A. (2015). *O Potencial Turístico do Património Mineiro de Ponte de Lima: Um Passado com Futuro*. Guimarães: Universidade do Minho.

Malheiro, C. (2013). *Marcas do passado, Permanência da Atualidade: Apropriação do Território de Ponte de Lima Segundo a Análise das Quintas Senhoriais e Mosteiros*. Guimarães: Universidade do Minho.

Martins, P. (2019). *Narrativas Sócio-Espaciais da Criança em Pevidém*. Guimarães: Universidade do Minho.

Nabhan, N. (2018). *Urbicide Perceptions and Reconstruction Strategies in Post-War Socio-Urban Tessitura. The Case of Jobar, Damascus*. Guimarães: Universidade do Minho.

Nunes, J. (2014). *Dinâmicas de usos num espaço intemporal: requalificação da frente*

ribeirinha de Ponte de Lima. Guimarães: Universidade do Minho.

Ribeiro, P., Neiva, C. L., & Lemos, P. (2014). Planning process of a cycling network: case study of Ponte de Lima, Portugal. Recent Advances in Environmental Science and Biomedicine (pp. 168-174). Braga: Universidade do Minho.

Rocha, J. (2017). A Casa de N. S. da Aurora, Ponte de Lima: Análise Histórico-Formal. Guimarães: Universidade do Minho.

Sítos da internet

<http://google.pt/maps>

<http://prochildcolab.pt/>

Entrevistas realizadas

Eng. Vasco Ferraz e Dr. Paulo Sousa,
Vereadores da Câmara Municipal de Ponte de Lima

Professor, escola 1, Ponte de Lima

Sujeito I, escola 1, Ponte de Lima

Sujeito II, escola 1, Ponte de Lima

Sujeito III, escola 1, Ponte de Lima

Sujeito IV, escola 1, Ponte de Lima

Sujeito V, escola 1, Ponte de Lima

Sujeito VI, escola 1, Ponte de Lima

Índice Iconográfico

- Figura 1. Enquadramento do território em análise | p.35
- Figura 2. Vila de Ponte de Lima | p.36-37
- Figura 3. Fotografia de Rogério Lopes, Igreja das Pereiras, Ponte de Lima | p.38
- Figura 4. Ponte de Lima – principais pontos do centro urbano | p.40
- Figura 5. Ponte de Lima – dispersão dos sectores no território | p.42
- Figura 6. Ilustração do autor, realizada no ano de 1999 | p.46
- Figura 7. Mapa mental de espaços habitados | p.50
- Figura 8. Cicatrizes do autor, primeiras aventuras em duas rodas | p.54
- Figura 9. Apropriações espaciais e atividades desempenhadas | p.56
- Figura 10. Espaços de apropriação na periferia do prédio | p.58
- Figura 11. Espaços de apropriação no território | p.61
- Figura 12. Tabela de espaços que compõem a rede de playgrounds | p.62-63
- Figura 13. Parque do Festival de Jardins – fotografias capturadas pelo autor | p. 67
- Figura 14. Ilustrações realizadas pelas crianças entrevistadas | p.72
- Figura 15. Apontamentos do autor, parte da manhã | p.76
- Figura 16. Apontamentos do autor, parte da tarde | p.78
- Figura 17. Mapas das rotinas das crianças selecionadas | p.84
- Figura 18. Ilustração Sujeito I | p.88
- Figura 19. Mapeamento da rotina do Sujeito I | p.89
- Figura 20. Ilustração Sujeito II | p.92
- Figura 21. Mapeamento da rotina do Sujeito II | p.93
- Figura 22. Ilustração Sujeito III | p.96

- Figura 23. Mapeamento da rotina do Sujeito III | p.97
- Figura 24. Ilustração Sujeito IV | p.100
- Figura 25. Mapeamento da rotina do Sujeito IV | p.101
- Figura 26. Ilustração Sujeito V | p.104
- Figura 27. Mapeamento da rotina do Sujeito V | p.105
- Figura 28. Ilustração Sujeito VI | p.108
- Figura 29. Mapeamento da rotina do Sujeito VI | p.109
- Figura 30. Sobreposição das rotinas recolhidas | p.112
- Figura 31. Espaços mais frequentados, segundo os relatos obtidos | p.114
- Figura 32. Apropriação de espaços, refletidos no habitar infantil do autor – fotografias do autor durante a sua infância | p.123
- Figura 33. Espaços ocupados pelo autor | p.124
- Figura 34. Apropriação do espaço dentro do parque infantil – fotografias captadas pelo autor, playground no parque da Vila
- Figura 35. Espaços ocupados pelas crianças entrevistadas | p.130
- Figura 36. Apropriação do espaço pela criança do passado e presente | p.134
- Figura 37. Mapa de ações e apropriações – campo de jogos | p.138
- Figura 38. Campo de jogos - secções | p.140
- Figura 39. Mapa de ações e apropriações – largo da Lapa | p.142
- Figura 40. Largo da Lapa - secções | p.144
- Figura 41. Mapa de ações e apropriações – paço do Marquês | p.146
- Figura 42. Paço do Marquês - secções | p.148
- Figura 43. Mapa dos espaços conectores | p.150-151
- Figura 44. Fotografia de Rogério Lopes, Largo da Freiria, Ponte de Lima | p.156-157